

PROTAGONISMO JUVENIL EM CASAS DE ACOLHIMENTO

A CIÊNCIA/EXPERIÊNCIA QUE PROVÉM
DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
VOL. IV

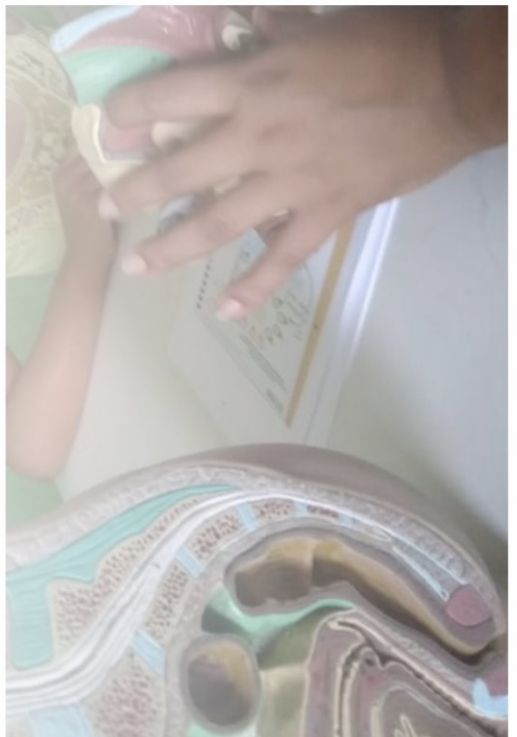
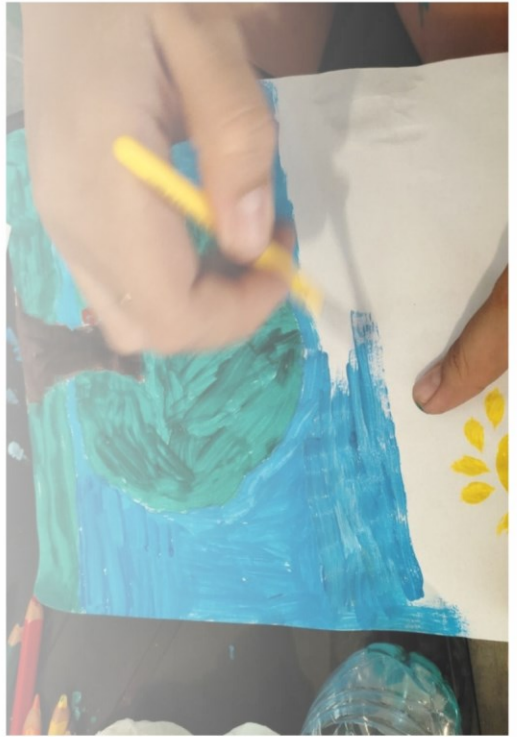
*ISABEL MARINHO DA COSTA
MARIA DA CONCEIÇÃO GOMES DE MIRANDA
QUÉZIA VILA FLOR FURTADO
(Organizadoras)*

ideia

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL



UFPB



**PROTAGONISMO JUVENIL
EM CASAS DE ACOLHIMENTO**

**A CIÊNCIA/EXPERIÊNCIA QUE PROVÉM DA
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

VOL. IV

**Isabel Marinho da Costa
Maria da Conceição Gomes de Miranda
Quézia Vila Flor Furtado
Organizadoras**

Ideia - João Pessoa - 2022

Todos os direitos das organizadoras.
A responsabilidade sobre os textos são dos respectivos autores.

Editoração: Magno Nicolau

Revisão Língua Portuguesa: Cristiane Marinho da Costa

Capa
Quézia Vila Flor Furtado

Foto na capa
Aldenora Giovana da Silva
Conceição Aparecida Vieira
Glacy Geysa da Silva
Jessica Kelly Felix Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

P967 Protagonismo juvenil em casas de acolhimento: a ciência/ experiência que provém da extensão universitária [recurso eletrônico] / Isabel Marinho da Costa, Maria da Conceição Gomes de Miranda, Quézia Vila Flor Furtado. Organizadoras. – Dados eletrônicos – João Pessoa: Ideia, 2022.

V.4. (2.2 mb) pdf

ISBN 978-65-5608-351-3

1. Casa de acolhimento – João Pessoa – Paraíba. 2. Protagonismo juvenil. 3. Extensão universitária. 4. Assistência social. I. Costa, Isabel Marinho da. II. Miranda, Maria da Conceição Gomes de. III. Furtado, Quézia Vila Flor. IV. Título.

CDU 364-3

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Gilvanedja Mendes, CRB 15/810


EDITORA

www.ideiaeditora.com.br
contato@ideiaeditora.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	8
Alexandre Magno Tavares da Silva	
APRESENTAÇÃO.....	27
Quézia Vila Flor Furtado	
DE EX ACOLHIDO À UNIVERSITÁRIO: A EXPERIÊNCIA DE UM JOVEM ESTUDANTE	31
Renato da Paixão Costa	
1	
A CIÊNCIA/EXPERIÊNCIA QUE PROVÉM DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: FORTALECENDO A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	39
Isabel Marinho da Costa	
Maria da Conceição Gomes de Miranda	
Quézia Vila Flor Furtado	
2	
DE UMA CIDADE PARA OUTRA: A TRAJETÓRIA DE UMA PERNAMBUCANA PERIFÉRICA QUE CONQUISTOU OS ESPAÇOS NA UNIVERSIDADE	55
Bruna Izabela Sales da Silva	
3	
AS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE UMA RESIDENTE UNIVERSITÁRIA E PETIANA NO PERCURSO DE FORMAÇÃO INICIAL E PROFISSIONAL	67
Conceição Aparecida Vieira	

4	INICIAÇÃO ACADÊMICA E CIENTÍFICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19	82
	Gislaine Kelli Vicente	
5	TRAJETÓRIA DE VIDA: 181 QUILÔMETROS PERCORRIDOS, MOCHILA NAS COSTAS E SONHOS NA MENTE.....	95
	Heloisa Emanuela Batista de Andrade	
6	VIVÊNCIAS E REFLEXÕES EDUCACIONAIS DE UMA PETIANA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19.....	103
	Jaqueline de Almeida Arruda	
7	DA JORNADA ACADÊMICA À FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES.....	117
	Jessica Kelly Felix Gomes	
8	LEVANTA E ANDA: O CRONISTA DE MINHAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS E SONHOS.....	131
	José Carlos Nascimento da Silva	
9	INICIAÇÃO A DOCÊNCIA: O PROTAGONISMO DE UMA BOLSISTA E FUTURA PROFESSORA DE BIOLOGIA	140
	Mayra Ellen de Lima	
10	ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA	153
	Maria Eduarda Alves Andrade	

11	O DIREITO À EDUCAÇÃO EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: UM OLHAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA.....	167
	Michelly Matias Miranda	
12	A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL SE CONSTITUINDO NA RELAÇÃO EU-OUTRO	178
	Nathalia Silva Santos	
13	ROTA: DA FRUSTRAÇÃO À REALIZAÇÃO DE UM SONHO	189
	Tamires Pereira de Oliveira	
14	PERCURSO FORMATIVO DE UMA JOVEM DE ORIGEM POPULAR À LUZ DA AUTORREFLEXÃO	198
	Vanessa Costa Silva	
15	O PERCURSO DE UM LICENCIANDO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: PROTAGONISMO ACADÊMICO E PROFISSIONAL.....	208
	Wagner da Silva Pereira	

PREFÁCIO

É com grande alegria em tempos de retomada do exercício da democracia, cidadania e do exercício do esperar que gostaria de dizer algumas palavras sobre esta linda coletânea repleta de amorosidade pelo campo da formação docente e do compromisso com os mais oprimidos e oprimidas.

O texto é um exercício de esperar em um processo de luta desenvolvido pelos Projetos PET/Conexões de Saberes Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas e Mediação Pedagógica da Escola que atende adolescentes residentes em casas de acolhimento - DIMPECARCA, coordenados pelas colegas Quézia Vila Flor Furtado e Maria da Conceição Gomes de Miranda. Trata-se de um exercício de esperanças, pois reflete um compromisso com um ensino a partir da vida, uma pesquisa que procura refletir o cotidiano e o exercício da extensão, momento extremamente importante da formação docente.

Não há neutralidade no processo de tecimento da escrita científica. Neste tecimento, ela vai encontrando possibilidades de dialogar com o contexto, com o chão no qual ela é elaborada. Dentro de um contexto “levado da breca” no qual nos encontramos, é imperativo uma escrita científica que possa fortalecer o Anunciar um mundo novo, bem como o Denunciar as situações que demandam a morte, a negação de direitos e o ataque a dignidade hu-

mana. Os textos aqui reunidos geram possibilidades de enfrentar os limites gerados pela globalização da ciência que, através de uma cultura capitalística e opressora, vai coisificando as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos e os idosos dos espaços populares.

Em meados de 1998, eu estava nos últimos anos do Doutorado em Ciências da Educação e participava de um evento nesta mesma área. O evento reunia graduandos, graduandas, mestrandos e mestrandas, doutorandos e doutorandas que atuavam nas Ciências da Educação na Universidade de Frankfurt. Um dos questionamentos colocados durante os debates versava sobre a seguinte colocação: *“Globalização da Economia significa a Globalização da Ciência?”*

O questionamento procurava expor para o palco, o lugar da globalização no cotidiano social e como os seus tentáculos exercem influência na reconfiguração do lugar da ciência. Ciência para que? Ciência para quem? Ciência com quem? Éramos um grupo de estudantes, em um doutorado intercultural, oriundos(as) das mais variadas partes do mundo Peru, Brasil, Chile, Ruanda, África do Sul, Nepal, Alemanha, entre outros. Cada um de nós, dentro do castelo etnocêntrico europeu, procurando tecer uma escrita científica cujo intento ajudasse no processo sócio-político-pedagógico dos nossos países, dos nossos lugares de fala.

Ao discutir sobre globalização da economia e seus tentáculos, levando em consideração também a globalização da ciência é preciso estarmos atentos e atentas para a chamada cultura capitalística que nutre um contexto de controle da subjetividade através dos modos de produção

capitalísticos. A chamada cultura capitalística, busca expandir seu controle sobre todas as pessoas e meios sociais, de forma sutil e avassaladora, ela própria passou a produzir suas margens e a ocupar terrenos subjetivos que antes não eram controlados por ela, como é o caso das famílias, dos grupos sociais, das minorias, etc. É importante refletir em torno da cultura capitalística afim de termos consciência dos modos de controle e de produção de subjetividades capitalísticos para elaborarmos possibilidades de uma intervenção epistêmica e prática.

Esta intervenção, que é fruto de um processo de sentir, pensar e agir em torno da realidade, vem a colaborar com o objetivo de pensarmos outros modos de orientação no mundo e em nós mesmos, priorizando os saberes que surgem e circulam em uma dimensão, conceber a educação enquanto uma experiência comunitária como destaca em suas obras, o Carlos Rodrigues Brandão. Através deste ato, poderemos, inclusive, tecer uma resistência à cultura capitalística. Para este enfrentamento é importante destacar que muitas das iniciativas são moleculares, pequenas, mas que carregam dentro de si, uma força teórico-metodológica, necessária nos momentos atuais, como diz o colega Alder Júlio Ferreira Calado.

A ciência tem um papel importante neste campo. As universidades, sobretudo, públicas, tem concedido, ao longo da primeira década do novo milênio, centenas de exemplos da necessidade imperiosa de tecer uma ciência em diálogo constante com a realidade social. Uma ciência que tem a curiosidade de dialogar com o contexto latino-americano. Embora ainda vivenciando esta crise sanitária e humanitária da COVID-19, a ciência foi constantemente

atacada por um governo que hora está em suas últimas semanas de vida (se é que ele teve algum compromisso com ela).

Entretanto, uma das maiores vitórias e ganhos da ciência no Brasil foi, e tem sido, sem dúvida, a conquista da universidade pelos jovens e adultos dos espaços populares e de escolas públicas. São estudantes cujas vidas e andarilhagens, enquanto atores e atrizes sociais, alteraram leituras de mundo dentro do espaço acadêmico. Penso que esses personagens contribuem, significativamente, no enfrentamento desta cultura capitalística na qual o SER MENOS é algo apregoado em detrimento do SER MAIS.

Em seu livro - *Pedagogia do Oprimido*, no capítulo reservado para a justificativa desta pedagogia, o professor Paulo Freire nos apresenta uma reflexão que em muito tem a ver com esses jovens e adultos dos espaços populares vindos e vindas das escolas públicas, e que não apenas desejam acessar o ensino superior, mas sim permanecer dentro deles, enquanto construtores e construtoras de conhecimentos forjados a partir da leitura de mundo, da sua espacialidade e lugar de fala, esta coletânea revela várias dessas vozes.

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas.

Esta ponderação do professor Paulo Freire nos direciona também a situarmos os estudantes universitários que são desafiados pela dramaticidade da hora atual, eles e elas, inseridos em um contexto que é alvo de suas indagações científicas. Tentam responder à essas indagações, cujas respostas os(as) remetem a novas perguntas. Aí tem um aspecto que considero muito interessante e importante salientar.

Elas e eles, 15 estudantes que estão nesta coletânea “PROTAGONISMO JUVENIL EM CASAS DE ACOLHIMENTO: A CIÊNCIA/EXPERIÊNCIA QUE PROVÉM DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA”, também estão tecendo uma pedagogia clandestina, uma pedagogia dos condenados e condenadas da terra. Uma pedagogia latino americana que nasce do olhar crítico em torno das práticas cotidianas, não apenas das salas de aula das universidades, do mesmo modo, das vivencias vistas nas escolas públicas, junto ao espaço familiar. Das Situações-Limites diante das quais se debruçaram e das Ações-Limites que teceram no sentido de dar forma ao Inédito Viável.

Os textos presentes neste livro nos fazem diversas provocações, entre elas está o estatuto epistemológico que destinamos às perguntas que fazemos sobre nós mesmos e nós mesmas. Especialmente, dentro do espaço acadêmico. É com muito cuidado que elas e eles tecem suas falas dentro dos Projetos “Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas e DIMPECARCA”. No conjunto dos artigos podemos perceber cinco movimentos importantes.

O primeiro podemos chamar de **IMPULSO** no qual os projetos se colocam como fio condutor na dimensão do ensino, da pesquisa e da extensão. O texto conecta essas

“contas”, cujos fios atravessam esses espaços e se unem na VIDA de um ex-acolhido. Imaginem a seguinte imagem: um fio feito das fibras do mandacaru, atravessa o caco do ensino que deixa no fio sua marca, da mesma forma atravessando e marcando-se com a pesquisa, atravessando e marcando-se com a extensão. Tomo esse fio como as experiências de vida dos(as) estudantes que teceram os artigos e, por fim, o momento do encontro de duas pontas de fios pela fala do ex acolhido. Um nó é dado de forma a não deixar que extensão, ensino, pesquisa, saberes de vida de educandos e educadores, não se soltem, não se larguem.

Bem, o segundo movimento é o **CHÃO DE FALA** onde os(as) estudantes partilham suas histórias de vida, o lugar da família no apoio, no instigar de seguir em frente nos estudos e entrada na universidade, e ao mesmo tempo, neste movimento, os(as) estudantes inserem a família neste campo de leitura de mundo. É forte a presença nos textos de uma cotidianidade e historicidade protagonista que se faz crítica na leitura da própria realidade de negação de direito à educação, moradia, saúde, etc. O chão das falas aponta também para a apresentação dos limites e possibilidades de enfrentamento das escolas públicas, bem como, os graves ataques sofridos pela escola em tempos de pandemia.

O terceiro movimento é o do **LUGAR DA UNIVERSIDADE**. Neste movimento eles/elas partilham o tecimento de uma aposta no ensino superior e o processo de escolha de um curso. Neste, é forte a busca de um diálogo entre a cotidianidade do(a) estudante e o desejo de que o curso leve isso em conta. Que ocorram momentos de descobertas e redescobertas. A universidade tomada en-

quanto um berço e não enquanto uma “cova”, onde eles e elas se jogam como sementes. Para muitos projetos de agroecologia a palavra “cova” está sendo substituída por “berço”. Podemos imaginar o porquê? Não é mesmo!?

Bem, o quarto momento são os **PROJETOS** em si. São partilhados por todas elas, eles, os impactos e leituras de mundo em torno da crise sanitária e humanitária da COVID-19. Um desafio que os(as) movem a aprofundarem e tecerem estratégias para as contribuições de ferramentas virtuais e seu papel no processo de ensinagem. Cada um, cada uma, expõe a partir do seu lugar de fala, as leituras de mundo em torno desta crise. Leituras de mundo que instigam a experiência de uma constante defesa dos direitos das crianças e adolescentes presentes, especificamente, no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Ao falar sobre a contribuição do projeto nesses tempos pandêmicos os(as), estudantes levam em consideração em suas falas, a questão do acolhimento institucional; o impacto do projeto na vida das crianças e adolescentes; a possibilidade de participar na vida das crianças e adolescentes, trazendo as experiências com o(a) educando(a); a necessidade de um olhar acadêmico interdisciplinar; o fortalecimento do trato junto a autoestima tão atacada em tempos pandêmicos; o projeto potencializando o conhecimento acadêmico a partir de um outra ótica – a dos(as) oprimidos(as) na figura das crianças e adolescentes.

E fechando este movimento dos PROJETOS, não podíamos deixar de enfatizar nos artigos este que chamo, desejo de não apenas falar sobre pedagogias, mas de fazer

pedagogias, como sempre queria o professor Paulo Freire. Como participante da Cátedra Paulo Freire, da Universidade Federal de Pernambuco e docente da Universidade Federal da Paraíba, me sinto feliz em perceber esta marca dos artigos; o apoio teórico no desejo de FREIREAR EPIS-TEMOLOGICAMENTE. Primeiramente, quando resgatam uma leitura que para mim é muito querida “*EDUCADORES DE RUA: Uma abordagem crítica. Alternativas de atendimento aos meninos de rua*”. Este texto, e outras colegas educadores e educadoras sociais, estudávamos nos finais dos anos 80 afim de nos prepararmos para uma nova leitura de mundo em torno das políticas públicas pós-Estatuto das Crianças e Adolescentes.

Pois então, é forte nos textos a perspectiva freireana nas reflexões. Sem dúvida, os textos apontam para um novo viés teórico em torno do que significa fazer ensino, pesquisa e extensão a partir de um processo educativo em Educação Popular que toma esta, enquanto uma educação tecida pelos sujeitos, dentro de um contexto na qual a educação é uma experiência comunitária.

Vamos conhecer um pouco sobre as autoras e autores dos textos e suas partilhas?

De início, o texto de abertura da coletânea aborda como tema “*De ex-acolhido à universitário: a experiência de um jovem estudante*”. Escrito pelo **Renato da Paixão Costa**, da cidade de João Pessoa, o texto tem como objetivo realizar um relato em torno da própria andarilhagem do autor na qual ele situa as violações de direitos como a falta de estruturação familiar que sofreu, quando morava em uma comunidade carente na cidade. Também tece considerações sobre a exploração no trabalho infantil e de que for-

ma construiu possibilidades de enfrentamento dessa realidade.

O primeiro artigo dispõe com o tema *“A Ciência/Experiência que provém da extensão universitária: fortalecendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação profissional”*. O texto foi escrito por tres professoras do Departamento de Metodologia da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. São elas: **Isabel Marinho da Costa**, **Maria da Conceição Gomes de Miranda** e **Quézia Vila Flor Furtado**. Neste contexto temático atribui-se a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, as autoras tem como intuito “refletir os aspectos intrínsecos na formação universitária para a vida profissional e acadêmica, considerando os pilares indissociáveis do Ensino, Pesquisa e Extensão.” No texto, as autoras destacam que: “Na tentativa de contribuir para a mudança social, na relação estabelecida entre a Universidade e a Comunidade, os projetos de ensino, pesquisa e extensão surgem sinalizando perspectivas significativas para que o ensino e aprendizagem ocorram de forma exitosa para os sujeitos que residem nas Casas de Acolhimento”.

O segundo artigo é escrito pela **Bruna Izabela Sales da Silva**, graduada em Direito, natural da cidade do Recife e que conduz enquanto tema *“De uma cidade para outra: a trajetória de uma pernambucana periférica que conquistou os espaços na universidade”*. A Bruna expressa um texto embaulado em suas recordações afetivas e que para ela, são fundamentais para o seu processo de amadurecimento enquanto pessoa e profissional. O propósito deste texto é o de refletir sobre o seu percurso acadêmico e profissional a

partir de sua realidade enquanto ex-Petiana, “estudante de baixa renda, periférica e que não se intimidou com as dificuldades enfrentadas durante a sua jornada enquanto discente de universidade pública”. A autora destaca em seu texto que enquanto graduanda do Curso de Direito, o “projeto proporcionou ampliar os conceitos sobre o direito dos grupos que advém de situação de vulnerabilidade, especificamente das crianças e adolescentes que por muito tempo não foram reconhecidos como sujeitos de direito”.

O terceiro artigo discute como tema “*As vivências e experiências de uma residente universitária e petiana no percurso de formação inicial e profissional*”. Foi escrito pela graduanda em Enfermagem **Conceição Aparecida Vieira**. Sendo natural da cidade de Presidente Epitácio, em São Paulo, a autora se propõe apresentar as experiências e os desafios vivenciados por ela, quanto bolsista do Programa Educação Tutorial – PET Conexões de Saberes – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas. Conceição partilha a sua trajetória de vida e suas impressões enquanto estudante de enfermagem. Desta trajetória, evidenciamos a seguinte passagem: “Entre sucos para o sistema imunológico, horários para verificar temperatura e oximetria de pulso, muito diálogo e acolhimento, exercendo a função de cuidar de pessoas, sobretudo, nos primeiros seis meses de pandemia; aprendi muito, especialmente que devemos acreditar e buscar melhorias de vida, que apesar do medo, temos que viver e ajudar as pessoas a serem resilientes e acessíveis, dentro de suas possibilidades”.

Gislane Kelli Vicente, graduanda em Letras, disserta a temática “*Iniciação acadêmica e científica em tempos de pandemia da COVID-19*”. Nascida na cidade de Lagoa de

Dentro/Paraíba, a autora tem como objetivo no texto, “[...] refletir sobre as vivências acadêmicas e de iniciação à docência [...] apontando os reflexos da desigualdade social brasileira, destacando também os desafios da inserção acadêmica, assim como, as possibilidades ofertadas no ensino superior público em tempos de pandemia da COVID-19”. A autora destaca em seu trabalho que “as experiências educacionais vivenciadas durante a pandemia da Covid-19, revelou seus prós e contras dentro da esfera acadêmica, científica e social. Uma vez positiva, por nos encaminhar a refletir, se reinventar e a superar as maiores dificuldades e desigualdades presentes no campo da educação. E negativa, devido os retrocessos em níveis de aprendizagem, desigualdades tecnológicas e transtornos psicológicos gerados”.

O quinto artigo tem como tema “*Trajatória de vida: 181 quilômetros percorridos, mochila nas costas e sonhos na mente*”. A graduanda em licenciatura em Ciências Biológicas, **Heloisa Emanuela Batista de Andrade**, natural da cidade de Angicos/ Rio Grande do Norte, expressa no seu artigo, o desejo de explanar a trajetória de vida pessoal e acadêmica, “[...] a partir das contribuições que o Projeto de Extensão PET - CONEXÕES DE SABERES - Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas proporcionou ao longo de três anos”. Sendo a relação com o curso tecido ao longo de suas infância, pela curiosidade nela instigada. A autora sublinha que “[...] As ações educacionais no Projeto colaboraram para a minha formação docente na perspectiva do aprimoramento da relação aluno-professor, pois me permitiu constituir um olhar humanizado e acolhedor para com os educandos respeitando suas histórias de vida

entendendo o contexto sócio-histórico de cada um, com intuito de buscar cada vez mais formas de aperfeiçoamento na minha formação e ferramentas que possa incluir e não excluir os educandos”.

Jaqueline de Almeida Arruda, graduanda de Licenciatura em Letras, é a autora do sexto artigo que manifesta como tema *“Vivências e reflexões educacionais de uma petiana em tempos de pandemia da COVID-19”*. Natural da cidade de Santana de Mangabeira, localizada no alto sertão da Paraíba. A autora tem como alvo em seu texto “[...] relatar desafios e superações educacionais vivenciadas no Programa de Educação Tutorial PET – CONEXÕES DE SABERES [...] durante a pandemia da COVID-19, a doença provocada pelo coronavírus SARS - Covid-2”. A autora, ao tecer considerações sobre o seu lugar de fala destaca que “[...] quando estava prestes a concluir o Ensino Médio, me considerava protagonista da minha história, dos meus sonhos, e, assim, acreditando na potencialidade da educação, fui alimentando e fortalecendo a esperança, o sonho de ingressar em uma instituição pública de nível superior”. E ao participar do projeto acima mencionado, a autora aponta que a Extensão Universitária desempenha um “[...] papel fundamental na carreira do estudante enquanto futuro profissional e ser humano holisticamente desenvolvido”.

O sétimo texto tem a autoria da **Jessica Kelly Felix Gomes**, natural da cidade do Recife, a graduanda em Letras tem como intuito em seu texto *“Da jornada acadêmica à formação inicial de professores”* apresentar um relato de experiência acerca do início da sua jornada acadêmica “até o processo formativo inicial de professores no PET-

CONEXÕES DE SABERES – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas. Do seu texto destacamos a seguinte passagem: “Em 2018, tive a possibilidade de estudar em um cursinho popular na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), enquanto conciliava os estudos com a rotina de trabalho. No ano seguinte, consegui passar no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), através da política afirmativa de cotas para o curso de Letras – Língua Portuguesa, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Após a transição para uma universidade federal, foi possível observar e entrelaçar, como as variantes teórico-metodológicas começaram a fazer sentido, enquanto eu revisitava meu lugar como sujeito-agente do meu percurso acadêmico”.

José Carlos Nascimento da Silva, é o autor do oitavo artigo que narra como tema: “*Levanta e anda: o cronista das minhas próprias histórias e sonhos*”. Graduando em Pedagogia e natural da cidade de João Pessoa, no Bairro do Varadouro, ela vai revelando em seu texto “[...] como se deu a mudança de perspectiva de um jovem que enxergava na educação algo aprisionador ou negativo, para uma visão completamente oposta, escolhendo o ensino como sua vida e profissão, rompendo os paradigmas impostos nele pela “sociedade” e pelas experiências prejudiciais em sua vida”. O autor salienta em seu texto como a vida familiar impactou e contribuiu em sua trajetória, sobretudo a sua mãe, que para ele “[...] sempre notou essa situação e lutou para que eu nunca abandonasse a escola e os estudos, pois ela não teve oportunidade quando criança e a mesma sempre teve o ímpeto de que o filho tivesse oport-

tunidades diferentes, por isso, lutou intensamente para que eu recebesse uma educação adequada.”

Enquanto nono artigo, temos o tema *“Iniciação a docência: o protagonismo de uma bolsista e futura professora de biologia”*. O texto foi escrito por **Mayara Ellen de Lima**. Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas e natural da cidade de Itabaiana/ Paraíba, a autora tem como objetivo relatar e refletir sobre as suas experiências de vida como estudante universitária de origem popular, que resistiu aos desafios impostos pelas desigualdades educacionais e que conseguiu reescrever sua trajetória acadêmica. Ela é bolsista do Programa PROLICEN (Programa de Iniciação à Docência), dentro do projeto “Formação Continuada de Professores da Educação Básica para Melhoria da Aprendizagem de Adolescentes Residentes em Casas de Acolhimento em João Pessoa-PB”. O projeto colaborou a fim de que a autora enxergasse as potencialidades-habilidades para o exercício futuro da docência, na área de Ciências e Biologia.

Maria Eduarda Alves de Andrade, graduanda em Pedagogia e natural da cidade de São Paulo, elucida em seu texto o tema *“Alfabetização e letramento: experiência extensionista em tempos de pandemia”*. A finalidade deste texto é realizar um relato de experiência afim de “[...] refletir sobre as vivências que contribuíram para a construção da minha vida acadêmica como estudante de origem popular [...] na pretensão de ser a primeira da família a cursar uma universidade pública. Segundo a autora, “Trabalhar a autoestima das crianças em processo de alfabetização se faz de extrema importância, tendo em vista que o não saber ler e escrever geram inseguranças”. Em seu texto, também

acentua que o “estudante de origem popular tem existência, presença e potência na vida da Universidade”.

O décimo primeiro artigo, escrito pela **Michely Matias Miranda**, graduanda em Direito, aborda como tema: “*O Direito a educação em contexto de acolhimento institucional: um olhar a partir da experiência universitária*”. Natural da cidade de Penaforte – localizada no extremo sul do estado do Ceará, a autora tem como objetivo discorrer sobre a contribuição das ações desenvolvidas no projeto a formação acadêmica e profissional. Para o tecimento do seu texto, a autora parte “[...] do olhar individual sobre os aspectos da pandemia, a adaptação das atividades para o formato online, as dificuldades impostas, a problemática que circunda a questão, o modo de enfrentamento, a experiência adquirida e as aprendizagens para a vida profissional”. Sendo graduanda do Curso de Direito, a autora ressalta que “No campo do Direito, as experiências adquiridas contribuem para um olhar mais crítico e sensível no que diz respeito não só a dignidade, como também a negação e violação de direitos, principalmente, no que diz respeito à educação”.

Nathalia Silva Santos, é a autora do artigo “*A trajetória acadêmica e profissional se constituindo na relação EU-OUTRO*”. Natural da cidade de João Pessoa – Paraíba e graduanda em Pedagogia, a autora tem como intento contribuir, no meio acadêmico, com as informações e considerações reunidas em sua trajetória de vida até o momento de conclusão do seu curso. A autora a partir do seu chão de fala, acentua que “a partir do momento que sentimos a segurança e o apoio de alguém que investe e confia no nosso potencial, podemos mudar a inércia que nos man-

tém em um caminho e, conseqüentemente, mudar nosso caminho”. Trata-se de um importante posicionamento, principalmente, quando designa as aprendizagens dentro desse contexto ao falar que: “ao passar por situações de vulnerabilidade no ciclo social que estava inserida vi a necessidade de mudar a minha história de vida, com o auxílio de pessoas que acreditaram em mim e com a determinação consegui modificar não só a minha trajetória, bem como, a trajetória de dois adolescentes neste percurso”.

O décimo terceiro artigo cujo tema versa sobre “*Rota: da frustração à realização de um sonho*”, a graduanda de Licenciatura em Ciências Biológica” **Tamires Pereira de Oliveira**, natural da cidade de Sapé/Paraíba, destaca em seu objetivo o desejo de “[...] incentivar outras pessoas de origem popular a ingressar em uma universidade ou curso técnico” mostrando que os auxílios e bolsas contribuem de forma significativa para a vida do estudante. A autora relata uma importante marca em seu texto quando afirma que: “Assim, como aluna bolsista do PET, pude ver avanços significativos na minha escrita e reflexões através de leituras, aprendi a construir planejamentos de aula (uma vez que mesmo meu curso não tem muitas vezes um foco para essa questão mesmo sendo de licenciatura), por trabalharmos com a educação individualizada por meio das mediações, possibilitou adquirir conhecimentos que pretendo levar para a minha vida profissional, como futura educadora”.

Vanessa Costa Silval, natural da cidade de Nova Olinda, no sertão da Paraíba é a autora do decimo quarto artigo que traz como tema “*Percurso formativo de uma jovem*

de origem popular à luz da Autorreflexão". O artigo tem como objetivo "[...] indicar alguns elementos da minha trajetória formativa, do encontro com as minhas origens até ser selecionada no Projeto PET, e como foco principal reforçar a importância da educação no contexto atual". A autora em seu texto reforça a relevância da educação que, para ela, tem um "poder transformador do nosso ser, em especial, lembrar das pessoas, inspiração na história de uma jovem de origem popular em ascensão no curso de Pedagogia".

A última contribuição desta IV coletânea procede do **Wagner da Silva Pereira**, natural de João Pessoa - Paraíba. O seu artigo tem como tema "*O percurso de um licenciando de Ciências Biológicas: protagonismo acadêmico e profissional*". O objetivo perseguido pelo Wagner é o de apresentar suas vivências e experiências como pessoa de origem popular, "[...] os desafios enfrentados ao longo de minha vida até ingressar numa Universidade Pública e as experiências como aluno [...] participante como bolsista do Programa de Educação Tutorial PET-Conexões de Saberes: Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas." O autor ressalta que desde criança foi curioso e que adorava o contato com a natureza. Sua brincadeira predileta tinha a ver com o montar de uma escolinha sendo um professor. Um elemento importante em seu texto, podemos ainda sublinhar: "A educação me possibilitou um novo olhar a outras perspectivas do que é ensinar e aprender ou de como ensinar e para quê ensinar e Paulo freire ainda cita que: "Para educar seus alunos, o professor precisa desenvolver um repertório de intervenções, diferentes temas e conteúdos de diversidades culturais, debate que envolva todos os

alunos, ou a maioria deles, temas que lhe interessem [...] (FREIRE, 2006).

Chegamos ao fim do nosso Prefácio. No início do texto, procuramos chamar a atenção para o fato do enfrentamento de uma cultura capitalística que procura controlar o sentir, o pensar e o agir das pessoas na sociedade. Carecemos tecer e fortalecer as possibilidades de partilhar saberes e ensaiar alternativas de enfrentamento à esta sociedade levada da breca. O ano de 2023, nos convida ao exercício do esperar. Após o centenário de nascimento do professor Paulo Freire, seguimos a andariagem. Passamos por tempos tenebrosos em que muitos direitos foram atacados. Muitos irmãos e irmãs em todo o mundo, foram levados e levadas da vida, agora são sementes à serem plantadas no berço da natureza fazendo nascer a liberdade.

O sentimento que fica é que, se é possível transformar o barro em um jarro, por que não seria possível transformar a sociedade, que é feita de homens? Bem. Penso que agora somos muito mais exigidos e exigidas, no sentido de fortalecer a necessidade de uma formação docente que tome a educação enquanto uma experiência comunitária e que a extensão assumida de fato. Ou seja, fortalecer os laços de preocupação com o outro, com a outra, que um processo educativo tem também a ver com a luta pela dignidade humana. O novo governo que surge será um governo de transição, talvez, seja também um momento de transição para a formação docente. O que desejamos fortalecer, rever, reconfigurar, reelaborar, estudar, pesquisar etc. Valeria a pena, em um nosso próximo encontro, lendo os textos destes estudantes universitários(as), refletirmos

sobre qual o nosso papel agora enquanto gentes!. Esperançamos na Luta como o professor Paulo Freire. Nas últimas linhas da Pedagogia do Oprimido ele nos dizia:

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar

(Paulo Freire)

Prof. Dr. Alexandre Magno Tavares da Silva¹

¹ Docente da UFPB Campus I no Departamento de Metodologia da Educação e no Programa de Pós Graduação em Direitos Humanos. Membro da Cátedra Paulo Freire da UFPE e do Grupo de Estudos da Pedagogia Paulo Freire (GEPPF), coordenador da OPAÍ: Oficina Paulo Freire de Pedagogia Social Crítica e Educação em Direitos Humanos

APRESENTAÇÃO

O projeto Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas tem sido uma experiência de impactos acadêmicos e sociais, repercutindo em uma trajetória de vivências no despertar a sensibilidade, solidariedade, compromisso político e social, e postura científica diante de fatos, estudos e reflexões críticas propositivas, diante de situações de vulnerabilidade social, em específico com crianças e adolescentes, residentes em casas de acolhimento.

Desde 2016, a partir das atividades extensionistas, de pesquisa e ensino, desenvolvidas pelo PROBEX e se ampliando em parceria com PROLICEN e o próprio PET/ Conexões de Saberes, avançamos na visibilidade da realidade educacional de sujeitos acolhidos institucionalmente e nosso olhar para área da Educação e o seu processo de escolarização, contribuindo para que setores institucionais no âmbito de secretarias da Prefeitura Municipal de João Pessoa, Ministério Público da Paraíba e outros espaços da organização civil, dialogassem sobre o processo formativo educacional dos sujeitos em instituições de acolhimento.

Este olhar foi mobilizado por docentes e discentes de diferentes áreas da graduação da UFPB, como: Pedagogia, Psicopedagogia, História, Ciências Biológicas, Música, Letras, Nutrição, Enfermagem, Relações Internacionais, Direito, que a partir das ações de ensino, pesquisa e extensão, construíram fundamentos teórico metodológicos no conhecer, refletir e propor intervenções significativas na

relação universidade – sociedade – universidade, resultando na produção de conhecimento expressa nos 16 TCCs (2017-2022) defendidos e apresentados a partir das vivências e olhar investigativo nas Casas de Acolhimento, na organização de resumos, artigos e apresentação em eventos acadêmicos (local, regional e nacional) e nos quatro livros publicados: *Protagonismo Juvenil em Casas de Acolhimento: a ciência/experiência que provém da extensão universitária (VOL I, II, III)*¹ e “Dá licença que eu quero falar!”: experiências escolares de adolescentes em instituições de acolhimento.

Toda esta produção tem se tornado referencial para pensarmos a educação com sujeitos advindos de situações em vulnerabilidade social, na perspectiva da Educação Popular Freiriana e Educação em Direitos Humanos, mobilizando a reflexão sobre a importância da atuação de profissionais da área pedagógica, a garantia de recursos e espaços que fortaleça o processo formativo educacional das crianças e adolescentes, residentes nas casas de acolhimento.

Neste processo de atuação dos discentes das diferentes áreas de graduação, o projeto tem possibilitado a formação acadêmica e profissional destes sujeitos, com o objetivo de atuação com base em suas áreas profissionais, com compromisso ético e científico, exercendo a cidadania

¹ Acesso aos livros em <
<http://www.ce.ufpb.br/ce/contents/noticias/conheca-os-e-books-do-pet-conexoes-de-saberes>> e <
<https://www.ideiaeditora.com.br/produto/protagonismo-juvenil-em-casas-de-acolhimento-a-ciencia-experiencia-que-provem-da-extensao-universitaria-relatorio-diagnostico-e-propositivo/>>

na relação com grupos populares, na perspectiva de transformação social das questões problemáticas e excludentes.

Disto vem esta nossa publicação - *Protagonismo Juvenil em Casas de Acolhimento: a ciência/ experiência que provém da extensão universitária VOL IV*, trazendo os próprios, apoiados de suas narrativas histórico - social, econômica e educacional neste processo de formação acadêmica e profissional, descrevendo as aprendizagens e contribuições para a sua atuação como graduado/a. Suas histórias de vida e acadêmica revelam sujeitos de grupos populares, de diferentes cidades e regiões do país, e que se encontram neste projeto pela oportunidade concedida pelas políticas públicas de uma Universidade Pública e Gratuita, que no fomento de recursos e políticas sociais, são abraçados no seu direito a educação.

Importante destacar a abertura desta publicação com a narrativa de um ex residente de casa de acolhimento, que mesmo advindo de uma situação de vulnerabilidade social, viver institucionalizado por anos e ao completar maior idade, foca nos sonhos e objetivos de vida, ingressando em uma universidade pública. Sua história nos motiva a persistir na luta, proposição e atuação na diminuição da exclusão social nesse contexto no qual as ações estão inserida.

Temos assim, o encontro de sujeitos populares, oriundos da exclusão social, docentes, discentes e residentes em casas de acolhimento, e que neste projeto reafirmam a nossa luta pela garantia e ampliação das políticas sociais, do fortalecimento da universidade pública em acesso, permanência e qualidade, por uma sociedade justa e humanizada.

Deixamos aqui então o convite ao leitor/a para que juntamente conosco, possamos ampliar o diálogo com as pessoas que ainda vivem em situação de vulnerabilidade social e quiçá, junte-se a nós na promoção de espaços significativos no âmbito educacional.

Prof.^a Tutora Quézia Vila Flor Furtado

DE EX ACOLHIDO À UNIVERSITÁRIO: A EXPERIÊNCIA DE UM JOVEM ESTUDANTE

Meu nome é Renato da Paixão Costa, atualmente tenho 22 anos de idade, sou natural de João Pessoa - Paraíba. Irei relatar um pouco da minha história de vida: da chegada à casa de acolhimento Lar Manaíra até o ingresso como calouro do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Em setembro do ano de 2011, eu (com 11 anos de idade) e minha irmã (13 anos) chegamos a uma Casa de Acolhimento em João Pessoa, em virtude de várias violações de direitos, como a falta de estruturação familiar que sofremos quando morávamos em uma comunidade carente deste município, e a realidade de exploração do trabalho infantil em casa de desconhecidos. Já tínhamos outros dois irmãos em acolhimento institucional, um irmão de 10 anos, e outra irmã de aproximadamente 16 anos.

Apesar do que eu e meus irmãos e irmãs passamos, foi na casa de pessoas que não eram nossos cuidadores (mesmo em situação de exploração), que comecei a ter o interesse por ler e tirar notas boas na escola, a exemplo de uma senhora idosa que nos estimulou para a leitura, incluindo narrativas sobre sua história de vida. Outra situação que me incentivou a leitura foi o ensino das histórias bíblicas por um grupo de religiosos que dirigia-se aos finais de

semana, na casa desta mesma idosa, para realizar as visitas, pois um de seus filhos, que não morava na casa, era um membro deste grupo religioso, e me perguntaram se eu tinha interesse de participar dos momentos de leitura bíblica. Acredito que têm coisas na vida com o lado bom e o lado ruim, por isso que já cheguei na casa de acolhimento com a mentalidade de que precisava estudar e/ou aproveitar as oportunidades para sair de lá melhor de vida, e quando possível ajudar a minha família.

A Casa de Acolhimento, para onde fui encaminhado, era dividida em duas casas dentro de uma área com portão: a primeira casa do lado esquerdo, alojava os meninos, e a do lado direito, a cozinha principal era o alojamento das meninas. Por trás, a lavanderia e uma sala para a equipe técnica/coordenação. A casa ainda existe hoje e continua sendo mantida pela Prefeitura, porém em outro bairro e os funcionários quase sempre mudam (ainda não sei se já alteraram o nome, pois no tempo em que morei lá, nos mudamos duas vezes de local e continuou com o mesmo nome).

Na época, o psicólogo quando fez o estudo inicial do nosso caso, me perguntou se eu tinha vontade de ser adotado, respondi que sim. Algum tempo depois, fiquei sabendo que eu só poderia ser adotado por uma família se os meus outros irmãos também fossem juntos, pois a justiça não permitia separar irmãos enquanto crianças e adolescentes, somente em casos de extrema necessidade.

Durante os anos na Casa de Acolhimento até a minha saída em 2018, posso dizer que foram muitos aprendizados, estresses (pela convivência entre os diferentes tipos de crianças e adolescentes), alegrias, choros, lágrimas

e de muitas oportunidades conquistadas. Senti muito bem a proteção, a assistência psicossocial, a segurança alimentar na casa, tivemos momentos de cultura, esporte e lazer, alguns dos quais garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

A equipe técnica da casa de acolhimento conseguia para nós, vários cursos, participações em palestras, concursos e também práticas esportivas, a criação de um coral de natal, por exemplo, tudo através de parcerias. Isso tudo me ajudou a continuar sendo um jovem dedicado e esforçado nos meus objetivos. Em 2012, foi executada uma parceria com o Banco Unicred e a empresa S.O.S Educação Profissional para que fizéssemos o Curso de Informática Básica; fizemos o curso, recebemos os certificados, e ao final, o gerente da unidade premiou o melhor aluno de nós acolhidos, com um notebook seminovo, pela participação nas aulas, melhores notas, comportamento e dentre outros fatores avaliados. Eu fui o premiado!

Em outro momento, tive a oportunidade de começar o curso de idioma espanhol no Centro de Línguas Estrangeiras da Prefeitura - CELEST. A coordenação da casa conseguiu parceria com a antiga "Aquática Kaio Márcio" (Clube Cabo Branco), para que eu e mais dois outros jovens acolhidos tivéssemos aulas de natação lá, inclusive saiu uma matéria no site da Prefeitura sobre o acontecimento.

Em 2013, participei de um concurso de pintura infantil do grupo "BAYER" em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA, com o tema sobre a importância da água, fui classificado em 2º lugar na categoria 12 a 14 anos, na etapa brasileira. Antes

disso, eu já tinha o gosto por desenhar. O psicólogo me apresentou uma artista plástica que também me ajudou nesse processo de criação do desenho. Além do prêmio principal que recebi (mini aparelho MP3/MP4), o meu desenho e de outros premiados foram usados para ilustrar um livro publicado, intitulado - "Vocabulário Ambiental Infantojuvenil", do autor Otávio Maia. Os livros chegaram juntos com um autografado e com mensagem de motivação dele, fiquei muito feliz!

Particpei de vários outros cursos e capacitações para o mercado de trabalho. Ganhei o prêmio novamente, em outro curso de informática, um computador seminovo, na Escola de Computação Solidária (Centro Universitário de João Pessoa - Unipê), pelo bom desempenho. As casas de acolhimento desfrutavam de um apoio de voluntários que desenvolviam ações, atividades e o apadrinhamento afetivo conosco da Fundação Cidade Viva. E aos sábados, de quinze em quinze dias, ou uma vez no mês, participávamos de atividades voltadas principalmente para nós, os adolescentes, com a realização de palestras, lazer, recreação, dinâmicas e debates sobre questões de desenvolvimento pessoal, mercado de trabalho e a vida. Os voluntários nos forneciam orientações bastante relevantes. O que me marcou mais no projeto foi o conhecimento de que podemos e devemos "SER UM ETERNO APRENDIZ", ademais articulavam parcerias com empresas para participarmos de entrevistas de emprego para menor e jovem aprendiz.

Ao final de 2015, após concluir o ensino fundamental (9º ano), escolhi e decidi buscar uma vaga de emprego como jovem aprendiz para o ano seguinte, pois já tinha 16

anos, refleti como em breve completaria a idade adulta, sairia da Casa de Acolhimento, precisaria me manter e morar com os meus irmãos. Com isso em mente, contei com o apoio da equipe técnica da casa e de pessoas voluntárias que me informaram sobre o processo seletivo aberto para jovem aprendiz na Dataprev. Fiz a seleção e consegui ser aprovado. O contrato de aprendizagem foi de um ano, junto com a instituição de ensino Senac Dom Ulrico. Adquiri muitas novas vivências e aprendizados, junto com outros jovens e na empresa, que me auxiliam até hoje, foi o meu primeiro emprego.

Ainda no ano de 2016, precisei estudar a noite, na escola que eu já estudava e gostava, visto que necessitava conciliar o curso no Senac pela manhã e o trabalho pela tarde. Desse modo, em virtude de que, na minha escola só havia o ensino da Educação de Jovens e Adultos - EJA pela noite (não tinha o ensino médio dito regular), e que eu pensava em focar mais no trabalho para sair da casa de acolhimento, naquele momento, eu optei por concluir o ensino médio, nesse mesmo ano também.

Em 2017, eu vi que precisaria estudar melhor para tirar uma boa pontuação no ENEM para ingressar em algum curso de meu interesse. Assim, surgiu a oportunidade para me preparar em um cursinho pré-vestibular particular na condição de bolsista. A coordenação da Casa de Acolhimento, alguns professores e a vice-diretora da escola em que estudei, conseguiram essa parceria, visto o meu interesse. No entanto, ao decorrer das aulas no cursinho, mas precisamente na metade, naquele momento, percebi que não estava acompanhando o ritmo exaustivo e me sentindo desorientado nos conteúdos. Decidi estudar em

casa. Durante esse tempo, estudei enquanto consegui e tinha tempo. E continuando fazendo o ENEM. No final do ano, tive que buscar por outro emprego de jovem aprendiz, com o intuito de, no ano seguinte, já com 18 anos de idade, sair da Casa de Acolhimento bem empregado. E foi exatamente assim como ocorreu.

Realizamos um chá de casa nova, onde várias pessoas se solidarizaram e nos presentearam com algum item para nossa nova morada (eu, meu irmão e minha irmã). Alugamos um apartamento em outro bairro da cidade e ali nos mantemos até certo período, com o apoio de pessoas conhecidas da Prefeitura e voluntários, depois consegui um trabalho no período de três anos como servidor público contratado, na Diretoria de Assistência Social (DAS) da Prefeitura de João Pessoa.

Sou muito grato por todas as pessoas do bem que passaram e/ou estão na minha vida, durante todo o tempo que contribuíram de alguma forma com o meu crescimento como ser humano, sem pedir nada em troca.

Ainda em 2018, pesquisei na internet e procurei me informar com outras pessoas conhecidas se haviam cursinhos pré-vestibulares gratuitos em João Pessoa, para minha surpresa, existiam vários. O que me chamou mais a atenção foi o cursinho do PET/Conexões de Saberes da UFPB. Contudo, o processo seletivo para esse cursinho nesse ano já havia terminado. Tentei no ano seguinte (2019), fiquei atento ao período da inscrição, me inscrevi, passei e comecei a participar das aulas. O cursinho me estimulou bastante quanto a perspectiva de conseguir uma vaga em uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Minha pontuação no ENEM desse ano ainda

não era suficiente para passar em algum dos cursos que tinha interesse, por isso, continuei a estudar com o cursinho.

Chegou o ano de 2020, eu estava pronto para voltar a estudar, mais um ano no pré-vestibular da Universidade, porém, por ocasião da pandemia do novo coronavírus, o cursinho foi paralisado de forma presencial, assim como vários outros sistemas de ensino e trabalho, passando a ser executado pelos professores no formato remoto, o que diminuiu, drasticamente, a presença dos alunos matriculados. Mas eu continuei perseverando em estudar, apesar das cobranças do trabalho e o novo momento de saúde mundial que nos encontrávamos.

Em 2021, visto que o cursinho PET não estava tão ativo (não recebi notícias, nem mesmo se voltou com as aulas online), decidi estudar por conta própria, em casa, novamente. Fiz o ENEM 2021, recebi o resultado no começo do ano de 2022, estudei e vi as possibilidades de cursos que me interessavam, que tinham a ver com o que gosto e onde minha pontuação encaixaria bem. Coloquei como vaga para cota, mesmo ciente de que talvez não precisaria, pela minha pontuação, o que comprovei depois foi que o curso de Ciências Sociais é bem diversificado e acessível, diferentes pontuações nas notas de corte, não fez diferença, no máximo eu estaria na primeira lista de espera se fosse a ampla concorrência. Na hora fiquei em dúvida, então escolhi o que era melhor, eu não queria correr nenhum risco de perder a oportunidade. Sou de pele parda e me considero pardo, tenho legítimo direito, me enquadro corretamente em todos os requisitos que coloquei. Eu pensei comigo mesmo: " Se eu tenho a oportunidade de utili-

zar um recurso que eu me enquadrado e me ajudaria a ocupar uma vaga/ espaço na Universidade, por que eu não o usaria ao meu favor?". Os professores do cursinho PET/Conexões de Saberes dialogavam conosco, alunos, sobre a importância de ocuparmos mais esse espaço que é a universidade pública, foi de grande aprendizado os momentos de diálogos que tivemos a esse respeito. Consegui passar na lista de convocados no Sisu 2022.1 para o curso de Ciências Sociais na UFPB. Estou muito feliz!

Sou o primeiro filho de oito irmãos, de pai e mãe, que conseguiu entrar para a Universidade. Estou ciente de que tem muito mais caminhos pela frente a se percorrer, e estou muito feliz com esse grande marco na minha vida e da minha família! Gratidão a Jesus e ao Universo pelas suas maravilhas!

Renato da Paixão Costa

1

A CIÊNCIA/EXPERIÊNCIA QUE PROVÉM DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: FORTALECENDO A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Isabel Marinho da Costa¹

Maria da Conceição Gomes de Miranda²

Quézia Vila Flor Furtado³

O processo de formação universitária no desenvolvimento de profissionais comprometidos com as deman-

¹ Mestre e Doutora em Educação, Prof.a do Centro de Educação- UFPB, no Departamento de Metodologia da Educação, atuando na área de Didática, com foco nos estudos sobre o Ensino e a aprendizagem.

² Mestre e Doutora em Educação, Prof.a do Centro de Educação- UFPB, no Departamento de Metodologia da Educação, atuando na área de Didática, com foco nos estudos sobre formação de professores

³ Mestre e Doutora em Educação, Prof.a do Centro de Educação- UFPB, no Departamento de Metodologia da Educação, atuando na área de Ciências Sociais e Educação Popular com foco nos estudos da Educação de Jovens e Adultos.

das sociais, inquiridores na reflexão e crítica com propostas de mediação e a própria apropriação de conhecimentos, revela a função da universidade pautada nos pilares da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

Por este entendimento, desde os anos de 2016, realizamos ações no campo das Casas de Acolhimento em João Pessoa – PB, articulando projetos do PET/Conexões de Saberes Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas e de editais PROBEX e PROLICEN, desenvolvendo práticas na apropriação de conhecimentos pautados na Educação Popular, processos de ensino e de aprendizagem, Direitos Humanos e temas relacionados a grupos advindos de situações em vulnerabilidade social.

Desta apropriação, outras atividades foram propostas na mediação com as crianças e adolescentes, iniciando pelo processo investigativo através da diagnose, escuta da realidade, e, conseqüentemente, na produção de Trabalhos de Conclusão de Curso, analisando e refletindo dados que apontaram situações de necessidade de mediação, as quais foram mobilizando estratégias didático pedagógicas, no Acompanhamento Pedagógico Personalizado, oficinas temáticas e projetos de intervenção.

Todo este trabalho formativo tem sido vivenciado por estudantes de diversas áreas: Pedagogia, Psicopedagogia, Letras, História, Biologia, Nutrição, Enfermagem, Direito e Relações Internacionais, os quais a partir de sua graduação, se encontraram no campo das Casas de Acolhimento e tiveram a oportunidade de vivenciar um processo de formação universitária acadêmica e profissional, comprometidos com as demandas sociais, na criatividade do processo de mediação e apropriação de conhecimentos.

Por este contexto, o objetivo deste artigo é refletir sobre os aspectos intrínsecos na formação universitária para a vida profissional e acadêmica, considerando os pilares indissociáveis do Ensino, Pesquisa e Extensão que se revelam na Apropriação teórico-metodológica, Produção do Conhecimento e Compromisso social, aspectos estes que mobilizam profissionais críticos, e no exercício de suas profissões, estejam atentos às demandas sociais em uma perspectiva cidadã e pela justiça social.

1.1- Apropriação teórico metodológica - Ensino

A adequação teórica metodológica está intrinsecamente articulada com o que compreendemos do que seja o Ensinar e Aprender. Ensinar e Aprender em espaços educacionais com propósitos formativos, a exemplo dos espaços escolares e não- escolares é um desafio social, político, econômico e educacional, constante e abrangente à escala mundial e brasileira. No que se refere às condições de sujeitos socialmente e economicamente vulneráveis, as barreiras a serem ultrapassadas são ainda maiores, pois, o acesso à informação e à construção de conhecimentos se tornam (des)motivadores, (des) proporcionais e talvez (des)necessários, se considerarmos a urgência de acesso ao trabalho informal, ao alimento e, conseqüentemente, a sobrevivência.

A pandemia do COVID19, dentre todos os malefícios, afastou, atrasou e dificultou ainda mais a compreensão sobre a importância da escola, do ensino e da aprendizagem para os sujeitos que no período de 2 (dois) anos, necessitaram se preservar mentalmente, emocionalmente e

fisicamente em prol de sobreviver dignamente. Nesse longo período trágico, o ensino e aprendizagem formal, ou seja, sistematizada, ocorreu remotamente e a falta de condições e acesso aos recursos essenciais, ampliaram ainda mais a exclusão dos sujeitos em situação de vulnerabilidade social.

Na tentativa de contribuir para a mudança social, na relação estabelecida entre a Universidade e a Comunidade, os projetos de ensino, pesquisa e extensão, surgem sinalizando perspectivas significativas para que o ensino e aprendizagem sucedam de forma exitosa para os sujeitos que residem nas Casas de Acolhimento. Os graduandos (licenciandos e bacharelandos), inseridos nas diversas áreas de conhecimento e envolvidos nestes projetos, utilizam as aprendizagens teóricas, metodológicas e didáticas, adquiridas durante o processo formativo inicial, nas práticas exercidas com os sujeitos das casas de acolhimento.

A observação, a escuta e o diálogo, são as principais abordagens metodológicas de ensino utilizadas pelos graduandos. A compreensão de que o ensino não se limita a transmissão e reprodução de informação é clara, e revela as decisões e acordos conteudistas e metodológicos, adotados pelos graduandos na condução das ações pedagógicas que acontece de forma consensual com os sujeitos das casas de acolhimento.

A mediação pedagógica, através do Acompanhamento Pedagógico Personalizado⁴, é a base didática utili-

⁴ Uma das ações realizadas no projeto, na qual os/as estudantes graduandos/as acompanham duas crianças e adolescentes residentes em casas de acolhimento que estejam em situação de fracasso escolar. Estas atividades são realizadas duas horas semanais atuando diretamente nas dificuldades de

zada em suas práticas, considerando que facilita e favorece a construção de conhecimento de todos os envolvidos no processo de ensinar e aprender. De forma consentida, definem os conteúdos, as temáticas significativas para e com os sujeitos, as estratégias pedagógicas e os recursos disponíveis de modo a facilitar a construção de conhecimento. Desse modo, é possível afirmar que essa ação pedagógica é educativa e mediadora.

Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem – não uma ponte estática, mas, uma ponte rolante, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. (MORAN, 2000, p. 144).

Ensinar requer considerar a realidade, os sujeitos e o propósito pelo qual se ensina. Os graduandos desenvolvem saberes, habilidades e competências que favorecem essa compreensão. O olhar docente investigativo e de pesquisador, se desenvolve nos encontros de planejamento pedagógico, nos diálogos com os profissionais que atuam no Projeto, e com os sujeitos que moram nas Casas de acolhimento. Desenvolver a sensibilidade para saber ouvir, dialogar, considerar as diferenças, à realidade social e econômica, as dificuldades de aprendizagem, a falta de

aprendizagem identificadas em cada um dos sujeitos atendidos. Nestes momentos também são realizadas atividades que acompanham temáticas que sejam significativas para a formação educacional e social, como por exemplo: educação e saúde, responsabilidade, solidariedade, educação sexual, respeito, autonomia, racismo, preconceito, entre outros.

recursos didático-pedagógicos, são algumas competências profissionais aplicadas pelos graduandos envolvidos nos projetos.

A relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão de conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. (TARDIF, 2002, p. 36).

Nessa direção, as aprendizagens construídas pelos sujeitos das Casas de acolhimento se revelam na superação das dificuldades diárias, para expandir e ampliar a cognição, para construir conhecimentos e saberes, para desenvolver competências e habilidades, para superar os desafios de acesso a recursos para sobrevivência, para implementar a leitura e compreensão textual, a autoestima, para a motivação em frequentar a escola, para interagir, para sonhar e para conquistar.

1.2- Produção do conhecimento - Pesquisa

A produção do conhecimento que se desenvolve nos projetos com atuação dos estudantes, considera a interdependência e articulação do ensino e da extensão, entendendo que o ensino exige pesquisa, como bem nos orienta Freire (2013, p. 30):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquan-

to ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

O ato da pesquisa no desenvolvimento das atividades, seja na organização dos planejamentos, nos grupos de estudo a partir de textos teóricos, e na organização de artigos, resumos para participação em eventos e elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso, a produção do conhecimento vai se destacando na sua potencialidade do tripé da formação universitária que se dá entre a pesquisa, ensino e a extensão.

Por este entendimento, a produção do conhecimento aponta o olhar inquiridor, investigativo em compromisso com a realidade, no contato para desenvolvimento das atividades, despertando a humanização nos processos dialógicos que se dá no conhecer, mediar, refletir, propor, avaliar, apontando para uma pedagogia comprometida com as situações problemáticas no contexto de atuação e o desvelar de propostas que na mediação, a realidade apresentada é convidada ao processo de transformação. Este processo propõe atuação profissional humanizada, como nos orienta Arroyo (2019, p.13):

Estamos em tempos não só de corpos precarizados, mas ameaçados, criminalizados, exterminados. Tempos dos processos de desumanização levados ao extremo. Como não olhar, escutar esses corpos? Como não reconhecer as interrogações que vêm desses corpos-vidas ameaçados para nossa ética profissional?

No contexto das ações desenvolvidas nos projetos atuantes nas casas de acolhimento organizamos os TCCs que direcionaram reflexões no contexto da realidade educacional das crianças e adolescentes, advindos de contextos de vulnerabilidade social e que revelaram uma ação do Estado de forma fragilizada, que deveria proteger, mas que se torna uma ameaça, nas palavras da autora Arroyo:

[...] o Estado não deixa apenas de ser protetor de vidas desprotegidas [...] o Estado passa a ser o agente de destruição, de insegurança, de ameaças de vidas infanto-juvenis pobres, negros. Essas mudanças no Estado protetor de vidas para ameaçador de vidas mudam todas as políticas públicas, sociais, educativas de proteção de vidas em espaços públicos de proteção. Mudam para políticas, espaços, escolas de controle, até desproteção de vidas. Até de extermínio. (ARROYO, 2019, p. 32)

Os resultados das pesquisas revelam a necessidade de maior atenção ao processo formativo educacional dos residentes em casas de acolhimento em João Pessoa, a necessidade de profissionais da área educacional para melhor mediar as diversas situações de insucesso escolar: a relação escola – casa de acolhimento, acompanhamento pedagógico para as atividades escolares, mediação para as dificuldades de aprendizagem, registro do histórico escolar das crianças e adolescentes, entre outros. O que pode ser melhor averiguado no Relatório Diagnóstico Propositivo.⁵

⁵ O Relatório Diagnóstico Propositivo foi publicado em 2021 podendo ser acessado através do link:

Sentir esta realidade provoca na formação acadêmica o despertar para uma profissionalização comprometida, nas diferentes áreas como docentes, juristas, trabalhadores da saúde e psicopedagogos/as.

1.3 - Compromisso social - Extensão

A Extensão Universitária, em seu sentido mais amplo, corrobora para o compromisso social da universidade com a sociedade. Sendo assim, a formação inicial na graduação, através de seus estudantes, contribui para a expressão deste compromisso.

Podemos afirmar que o compromisso social abarca neste sentido, a interação dialógica com a comunidade e o impacto na formação do estudante para a profissionalização, visto que a extensão universitária possibilita a aproximação, a convivência com o cotidiano que envolve, principalmente, as comunidades periféricas.

De outro lado, “o compromisso social da universidade é reconhecido e tomado como responsabilidade por muitos. No entanto, a forma de assumir esse compromisso e o produto que pode gerar ainda carece de desenhos mais nítidos”. (SOUSA, 1998, p.26)

Porém, destacamos que este compromisso se desenha de maneira nítida na futura profissionalização de nossos/as estudantes no momento que relacionam as aprendizagens adquiridas no percurso formativo inicial na graduação, vinculando às diversas ações de extensão que são

<https://www.ideiaeditora.com.br/produto/protagonismo-juvenil-em-casas-de-acolhimento-a-ciencia-experiencia-que-provem-da-extensao-universitaria-relatorio-diagnostico-e-propositivo/>

desenvolvidas a partir de editais, tais como: Programas de Bolsas de Extensão (PROBEX), UFPB no seu Município (UFPB NSM) e de Fluxo Contínuo de Extensão (FLUEX), PET/ Conexões de Saberes, entre outros.

Conforme o artigo 207 da Constituição Federal de 1988, o princípio da indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão é prática inerente ao funcionamento das universidades. O Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX)⁶ se constitui como o lócus de fomento e reivindicações para a constituição de diretrizes de extensão e de políticas públicas para a educação superior brasileira.

No documento do Plano Nacional de Extensão (PNExt, 2002,2001), a extensão universitária é denominada

[...] como prática acadêmica que interliga a universidade, nas suas atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da maioria da população, possibilita essa formação do profissional cidadão e se credencia cada vez mais junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes. (PNExt, 2000/2001, p. 8)

Desta forma, depreende-se a importância dessa prática acadêmica que oportuniza a interação entre a universidade e sociedade com a finalidade de produzir saberes/conhecimentos com compromisso social numa relação de mão dupla, pois as ações de extensão devem considerar os saberes e fazeres populares para superação das desigualdades sociais e exclusão, conforme preconiza o PNExt

⁶ Sendo assim, se faz importante lembrar que a extensão teve seu reconhecimento legal com a Constituição Federal de 1988 e a criação do FORPROEX em 1987

(2000, 2001). Já nestes anos, as diretrizes do referido Plano, constituídas para a extensão foram quatro⁷: 1. Impacto e transformação, 2. Interação dialógica, 3. Interdisciplinaridade, 4. Indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão.

As cinco diretrizes definidas pelo FORPROEX no documento da Política Nacional de Extensão Universitária (2012) tiveram como finalidade assegurar a formulação e implementação para as ações de extensão. Destacaremos aqui duas delas⁸ (PNExt, 2012) que dizem respeito ao foco da discussão sobre extensão na perspectiva do compromisso social e formação cidadã, são elas: Interação Dialógica e Impacto na formação do estudante.

Sobre a interação dialógica, esta é compreendida como a relação que envolve Universidade e Sociedade na busca de promover o diálogo e, conseqüentemente, a troca de saberes. Afirmamos que a extensão universitária comporta em suas ações, por meio de programas e projetos, a interação com a sociedade e comunidade para a produção de novos conhecimentos que vão além dos saberes já con-

⁷ Porém, no ano de 2012, com a ocasião do XXXI Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior, em Manaus/AM, a Política Nacional de Extensão Universitária apresentou 5 Diretrizes, ou mais conhecidas como “5 I”: Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino–Pesquisa– Extensão, Impacto na Formação do Estudante e Impacto e Transformação Social.

⁸ As demais diretrizes (03): Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino–Pesquisa– Extensão e Impacto e Transformação Social, conferir no Documento do Plano Nacional de Extensão – FORPROEX (2012). Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 07/09/2022.

figurados, no âmbito da universidade, enquanto instituição educativa e social.

Assim, a hierarquização do saber/conhecimento produzido pela universidade abre espaço para uma relação horizontal, de parceria com os diversos setores sociais (instituições e espaços públicos, ou não), quer sejam: escolas, associações, movimentos sociais, etc, para discutir, pensar e articular conjuntamente, a definição de políticas públicas para a superação das desigualdades e exclusão.

Já no que se refere ao impacto na Formação do Estudante, temos a Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE), Nº 07 de 18 de dezembro de 2018 que estabelece diretrizes da extensão na Educação Superior e normas para creditação nos currículos de graduação, como destacado no inciso II do Artigo 5º:

[...] II - a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular (BRASIL, CNE, 2018, p.02).

A partir da referida resolução será possível ao estudante a formação cidadã desde o currículo de seu curso até o espaço de atuação dos programas e projetos, aliando as aprendizagens adquiridas ao longo do percurso formativo inicial, seja em cursos de licenciatura ou mesmo de bacharelado.

Podemos considerar que o impacto na formação ocorre pelos processos de estudos teóricos e práticas que o aproximam com as referências constituídas sobre a exten-

são e, como efeito, seu protagonismo nos espaços em que se desenvolvem de maneira interativa as ações.

É fundamental enfatizar que os resultados alcançados a partir da extensão favorecem ao estudante o protagonismo por construir e reconstruir seus referenciais de universidade e sociedade, bem como, exercitar as práticas aprendidas e apreendidas em seu curso de graduação, e assim perceberem o compromisso ético e social que deverão expressar em sua futura prática profissional, vislumbrando o bem comum e a carência de estabelecer relação direta com a comunidade.

Considerações finais

A profissionalização gerada na formação acadêmica através das experiências de Ensino, Pesquisa e Extensão, fortalece à sua indissociabilidade na apropriação teórico metodológica, na produção do conhecimento e no compromisso social que reverbera em ações de cidadania, por um país mais justo e humanizado.

As contribuições dos projetos desenvolvidos na formação inicial dos graduandos, inseridos nos diversos cursos (Licenciatura e Bacharelado), a partir da perspectiva acadêmica, social e política deste tripé, são visíveis e inegáveis. Na conclusão de cada etapa de trabalho, os relatos dos bolsistas e voluntários envolvidos nos projetos expuseram a importância de fortalecer a relação entre as ações de ensino, pesquisa e extensão na Universidade de modo a facilitar o diálogo com a comunidade e contribuir para a transformação social. Como dito, as bases teórico-metodológicas adquiridas pelos graduandos no processo

de formação inicial reverberarão no futuro exercício de sua prática profissional e mostrará o real significado das ações profissionais e sociais.

Nessa direção, o ensino compreendido na relação teórica e prática das ações desenvolvidas no projeto, potencializa a docência que será vivenciada pelos estudantes graduandos/as das diferentes licenciaturas, compreendendo que cada sujeito é um sujeito ativo da própria aprendizagem, em que atuamos como medidores/as neste processo de aprendizagem.

Por esta perspectiva, a produção do conhecimento cumpre-se no processo de ação – estudo – reflexão e averiguação de fatos e situações que são desvelados na relação com estudos e a prática produzida, no escutar os sujeitos do processo e analisar as informações coletadas nas propostas de investigação.

E por fim, a extensão universitária corrobora com o compromisso social e fazendo-se importante no protagonismo dos estudantes graduandos/as, constituindo-se em sua atuação para o futuro exercício da profissionalização que consideram respectivamente a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade com o diálogo frequente entre as diversas áreas de formação inicial, sejam nos cursos de licenciaturas ou de bacharelados.

Portanto, a extensão universitária atua diretamente junto aos diversos setores da sociedade, no corpo a corpo diário, buscando manter o convívio com os grupos atendidos, zelando pelo compromisso social, promovido em suas ações, e no impacto na formação dos/as estudantes.

Podemos então afirmar que a experiência em projetos acadêmicos fortalece a formação profissional e acadê-

mica desses/as estudantes que são os/as bolsistas e voluntários, no qual identificamos a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Referências

ARAÚJO, Tânia Maria de, LUA, Iracema Lua. **O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19.** Ensaio/ Dossiê COVID-19 e Saúde do Trabalhador. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional ISSN: 2317-6369 (online)

<http://dx.doi.org/10.1590/2317-6369000030720>. Rev Bras Saude Ocup 2021;46:e27. Acesso em 30 de outubro de 2022.

ARROYO, Miguel G. **Vidas Ameaçadas: exigências-respostas Éticas da Educação e da Docência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CES. **Resolução 07, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília, 2018

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Política Nacional de Extensão. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Secretaria de Educação Superior. Brasília, 2012.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Plano Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Secretaria de Educação Superior. Edição Atualizada. Brasília, 2000/2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 46ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MASSETTO, M. T; MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A. (Orgs.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WACHOWICZ, Lílian Anna. **Pedagogia Mediadora**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

2

DE UMA CIDADE PARA OUTRA: A TRAJETÓRIA DE UMA PERNAMBUCANA PERIFÉRICA QUE CONQUISTOU OS ESPAÇOS NA UNIVERSIDADE

Bruna Izabela Sales da Silva¹

O presente artigo trata-se de um memorial em que exponho minhas considerações partindo de recordações afetivas e que são fatos importantes para o meu processo de amadurecimento enquanto pessoa e profissional.

Revisitar os fatos ocorridos durante a infância e adolescência no processo de escrita desse artigo, possibilitou um encontro comigo mesma nas diferentes situações de uma trajetória composta por idas e vindas, encontros e desencontros, no percurso da minha vida estudantil e acadêmica.

Diante disso, o objetivo do artigo é refletir o percurso acadêmico e profissional, a partir da minha realidade social como ex-petiana, estudante de baixa renda, periférica, e que não se intimidou com as dificuldades enfrenta-

¹ Graduada em Direito pela Universidade Federal da Paraíba.

das durante a sua jornada, enquanto discente de uma universidade pública.

1- Meu lugar de partida: Recife - Pernambuco

Durante a infância tinha certeza que a profissão que iria seguir era medicina, pois mesmo sendo criança, precisava cuidar do meu avô que era deficiente visual e auxiliava nas administrações de medicamento. Logo, meu avô ajudava meus pais a pagar a escola particular para que eu tivesse uma boa base de ensino.

No entanto, no meu último ano do ensino fundamental, atual 9º ano, perdemos o alicerce da família com a morte do meu avô Joaquim “Zezinho” fazendo com que eu tivesse que ser inserida em uma escola pública, pois seria inviável para meus pais continuarem pagando escola até o 3º ano do ensino médio. Então, fui pesquisar escolas públicas para o ensino médio e descobrir que para entrar na escola que eu queria, só poderia por meio de encaminhamento de outra escola da rede estadual.

Foi assim que decidimos que ainda no 9º ano, estudaria simultaneamente em uma escola pública e privada, para ser encaminhada para o ESCOLA DE REFERENCIA EM ENSINO MÉDIO GINASIO PERNAMBUCANO - EREMGP, primeira escola pública e integral do Recife-PE. Estudar no Ginásio Pernambucano era o sonho de muitos adolescentes na época, inclusive, tornou-se o meu durante as pesquisas sobre escolas. Em 2010, não era comum o sistema de ensino integral, e ao descobrir sobre esse sistema, queria fazer parte desse novo mundo.

Não foi fácil a rotina de estudar em duas escolas com públicos distintos. Sofri um pouco de preconceito por parte da diretora da escola privada, pois todos os acontecimentos em relação a desordem, os professores remetiam a mim, só pelo fato de estar estudando em escola pública também, mas em meio a dificuldade em relação a nível de ensino e preconceitos sofridos, consegui finalizar e ser encaminhada para a escola dos sonhos que cursei meu ensino médio.

A dinâmica do Ginásio Pernambucano era que as aulas iniciavam às 07:30h e largávamos as 17:00h, as provas e simulados eram semanais, disciplinas voltadas para preparação profissional como empreendedorismo, turismo, mini empresas (os alunos criavam um produto inovador para vender dentro da escola), salas de aulas fixas por disciplinas, por exemplo, sala de português, sala de matemática, química, laboratórios, biblioteca, o aluno quem iria em busca da sala de aula, lá existia um museu e sempre fazia questão de falar para as pessoas o quanto aquela escola era/é incrível.

Residir em uma comunidade periférica da Zona norte do Recife - PE, local esse em que muitas crianças e adolescente são inseridas na criminalidade, especialmente na venda de drogas para ajudar no sustento da família. Fui muito criticada pelos meus amigos e familiares que “era loucura estudar o dia todo”, “Vai ficar louca com provas toda segunda-feira”. Meus finais de semana eram reservados para estudar para as provas que acontecia por bloco de disciplinas semanalmente, como por exemplo: Bloco de Ciência da Natureza, Bloco de Humanas, Bloco de Exatas, etc.

No terceiro ano do ensino médio, além de estudar de modo integral em escola pública, consegui uma bolsa pré-vestibular no horário da noite. Mas, meu sonho de estudar o curso de medicina ainda era fora da minha realidade, fazendo com que eu não colocasse medicina nos vestibulares e passando a tentar cursar Biomedicina, Enfermagem e Ciências Biológicas

Prestei vestibular aos 15 anos, no meu último ano escolar para UFPE, UFPB, UPE, UFRPE e PROUNI/UNINASSAU, sendo aprovada em três dessas citadas. Cheguei a cursar dois períodos de Biomedicina e próximo aos 17 anos, ingressei na UFPB para cursar Pedagogia.

2- Experiência Universitária

O curso de pedagogia não foi a primeira escolha de curso, na realidade fui aprovada na UFPB para Enfermagem, porém fiquei na lista de espera e vi um anúncio no site da Universidade que quem estivesse na lista de espera, poderia fazer Reopção de Curso. Foi então que decidir colocar Ciências Biológicas, Geografia (Disciplina que gostava na escola) e Pedagogia (ouvi meu pai falar que uma amiga do trabalho dele estava cursando). Para minha surpresa fui aprovada e classificada para cursar Pedagogia e, assim o fiz.

No entanto, ainda considerava que deveria insistir na área de saúde. No site da UFPB, conheci a Escola Técnica de Saúde da UFPB, fiz a seleção para o curso Técnico em Enfermagem e passei. Ao cursar e participar dos estágios, percebi que a área de saúde não era o desejo do meu coração, e passei a compreender as insatisfações da minha

mãe que também é técnica de enfermagem há mais de 26 anos. Ela sempre relatava casos de negligências que ocorria em hospitais públicos, e por essa razão, decidiu que iria cursar uma graduação em área distinta, escolheu a área de Humanas.

Dizem que a filha sempre se espelha na profissão da mãe e no meu caso foi pura verdade. Sou filha de Técnica de Enfermagem, Licenciada em Letras e advogada, não atuante. Eu tracei quase o mesmo caminho, concluir o técnico de enfermagem, estudei cinco períodos de Licenciatura em Pedagogia e hoje sou Bacharel em Direito e Advogada.

A minha escolha pelo curso de Direito partiu dentro da sala de aula quando ainda era estudante do curso de Pedagogia no ano de 2016, mesmo com a influência da minha mãe, não era um curso que tocava o meu coração. Um dia, no pátio do Centro de Educação – CE/UFPB uma amiga me perguntou qual era o meu objetivo quando concluísse o curso de Pedagogia, respondi que era ser pedagoga no Tribunal de Justiça, pois queria trabalhar com a Pedagogia em ambientes não escolares. Dias após, ela me falou que tentou reopção para o curso de Direito e questionou-me se eu não queria tentar, já que minha nota era muito boa e assim o fiz. Aprovada na Reopção para o curso de Direito, fui estudar no campus de Santa Rita, local que tinha um difícil acesso.

As dificuldades aumentaram não só com os gastos para permanecer no curso, mas, principalmente, por ser estudante de origem popular, advinda de periferia do Estado de Pernambuco. Conquistar uma vaga no curso de direito em universidade pública o qual ainda é rotulado

como “curso de elite” foi apenas o primeiro passo. Alguns desafios se apresentaram nesta conquista: além de ter um processo de aprendizagem diferenciado que os professores não estavam preparados para acolher ou ter empatia com esta realidade em sala de aula, também foi um desafio para arcar com gastos que surgiram como compras de livros, transporte para outra cidade, alimentação e também moradia. O curso por ter disciplinas com grande carga horaria, inviabilizava conciliar o trabalho e estudo, os estágios em escritórios são restritos, especificamente, para aqueles que tem conhecimento ou também conhecido como “quem indique”.

Não tendo outra alternativa, busquei me inserir cada vez mais nas oportunidades que a universidade tinha a oferecer, como projetos de pesquisa e extensão.

No ano de 2016, surgiu a minha primeira experiência com a extensão universitária ainda quando cursava a licenciatura em pedagogia e já estava em processo seletivo para a reopção para o curso de Direito.

No quadro de avisos no Centro de Educação - CE/UFPB, vi um cartaz sobre o processo seletivo para o Programa de bolsas de extensão- PROBEX/2016 com atuações nas casas de acolhimento, fiquei interessada e participei da seleção, sendo classificada como voluntária nesse projeto intitulado: A ESCOLARIZAÇÃO QUE PROMOVE SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES E NECESSIDADES DE APRENDIZAGEM DA VIDA DE ADOLESCENTES RESIDENTES EM CASAS DE ACOLHIMENTO. Atuei nas casas como mediadora educacional onde realizava a construção do álbum fazendo minha história, o qual os próprios adolescentes escreviam sobre a história de vida de

forma lúdica, utilizando desenhos, pintura, colagem e explorando o imaginário para se tornar os protagonistas das suas próprias histórias.

No ano de 2017, ingressei no Programa de Educação Tutorial como bolsista no PET/CONEXÃO DE SABERES PROTAGONISMO JUVENIL EM PERIFERIAS URBANAS. Neste ano já estava como estudante do curso de direito e permaneci nesse projeto até a finalização do curso.

Minha atuação era especificamente na elaboração da pesquisa sobre o Direito à Educação das crianças e adolescentes que residem em casas de acolhimento, a qual identificamos e analisamos situações de fracasso escolar vivenciadas por adolescentes residentes em casas de acolhimento e sua relação com a realidade de vulnerabilidade social, considerando o impacto nos processos de ensino e de aprendizagem.

Como graduanda do curso de Direito, o projeto proporcionou ampliar os conceitos sobre o direito dos grupos que advém de situação de vulnerabilidade, especificamente das crianças e adolescentes que por muito tempo não foram reconhecidos como sujeitos de direito e, particularmente, no período da pandemia onde foram demonstradas diversas violações de direitos.

No período de Pandemia, reorganizamos o formato dos nossos grupos de estudo, onde passou a ser por meio do Google Meet ou Via chamada de Vídeo pelo Whatzapp. Nesses encontros, dialogamos sobre algumas obras como Paulo Freire (1996), Miguel Arroyo (2019), entre outros autores, que foram necessários para compreender a fragilidade educacional para esse público, algo em

que atuamos no PET e comprovamos com o relatório educacional, pois trata-se sobre a realidade educacional dos adolescentes em casas de acolhimento.

No ano de 2021, ainda em isolamento social, estava no meu último período do curso e iniciei a escrita do trabalho de conclusão de curso, cujo tema - “Acolhimento Institucional e Direito à Educação dos Adolescentes no Município de João Pessoa/PB, em período de Pandemia².”

A construção foi difícil pelo fato de estar em isolamento social, o ambiente sempre barulhento. Porém, foi de suma importância a abordagem dessa temática no período da pandemia de COVID-19 tanto para a área jurídica, bem como, no contexto social, pois a institucionalização com a permanência, sem previsão de tempo para a reintegração familiar fere o direito à convivência familiar e outros direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Discutir temas como esse no curso de direito é reafirmar a luta por efetividade do Direito à Educação dos adolescentes acolhidos.

3- Aprendizagens para atuação profissional

O projeto de PET/ Conexões de Saberes que abarca os pilares da educação universitária, sendo eles: ensino, pesquisa e extensão, foi de grande relevância para mim, enquanto estudante do curso de direito, pois, agregar a experiência adquirida no projeto e conectar com a área jurídica, nos faz ter a visão que as ações promovidas com

² Acesso:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22553?locale=pt_BR

os adolescentes, residentes em casa de acolhimento é um meio de promover a cidadania.

Quando se trata de extensão universitária, posso garantir que foi de suma importância para o meu processo profissional, tendo em vista integrar a teoria e a prática é uma das dificuldades que enfrentamos no mundo jurídico. Foi durante o projeto que me possibilitou construir um elo entre a teoria legislativa e fazer a adequação dela tomando como base a realidade dos adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Uma das minhas atribuições profissionais, enquanto operadora do Direito, é a garantia dos direitos humanos que são previstos em nosso ordenamento jurídico, bem como, garantir o acesso à justiça de maneira que toda a população, não importando a classe social, raça, cor e religião, possa identificar o indivíduo como sujeitos possuidores de direito e que sejam respeitados e honrados para a construção da cidadania.

Sendo assim, as atividades do projeto auxiliam aos adolescentes nessa busca pelo exercício da cidadania, com oficinas e acompanhamento personalizados. Já para mim, enquanto ex-petiana e advogada, o projeto me auxiliou a ter mais sensibilidade com os que buscam os meus serviços, em especial, na minha área de atuação que é previdenciário e benefícios assistenciais.

O PET, também me fez despertar o interesse por políticas públicas, com pessoas que vivem em situação de miserabilidade, moradores de periferias e que necessita de auxílio do governo para a garantia da sua subsistência.

Segundo Pinsky (2003, p. 09), ser cidadão é possuir direitos fundamentais que garantam o direito a participação na riqueza coletiva,

Ser cidadão é ter direito à vida, À liberdade. À propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis, é também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais.

Assim, compreendo que a minha participação enquanto extensionista, me fez enxergar que os projetos de extensão universitária para os que almejam inserir na carreira jurídica, é um valioso instrumento no combate ao desconhecimento da lei, essencialmente, para os grupos vulneráveis ou que tenham baixa escolarização.

Considerações Finais

Refletir e compreender sobre o meu contexto social enquanto lugar de fala de uma mulher de baixa renda, moradora da periferia da zona norte de Recife-PE, estudante de escola pública, que saiu de casa ainda menor de idade para realizar o sonho de estudar em uma Universidade Pública, que mesmo enfrentando diversas dificuldades ao longo desses sete anos, longe do aconchego da família, nunca baixou a cabeça ou desistiu dos seus objetivos.

As experiências e os grupos de estudo do grupo PET/Conexão de saberes principalmente nos últimos anos em que vivenciamos um cenário pandêmico, me possibilitou ter uma nova vivência com a educação tecnológica, o qual me fez explorar novos horizontes de aprimoramento do aprendizado, o que eu acreditava que seria impossível as trocas de conhecimento apenas por meio de uma tela de computador ou celular.

Assim, nesse viés, ao pensar sobre o meu lugar de fala e da aprendizagem adquirida com o auxílio do programa PET/Conexões de Saberes Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, me fez refletir sobre o sentido da vida, através da leitura de mundo das nossas vivências, experiências, desenvolvimento sobre o pensamento crítico reflexivo que os grupos de estudo nos possibilitam a aplicação dessa aprendizagem no nosso dia a dia.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Vidas Ameaçadas**: exigências-respostas éticas da educação e da docência. Petrópolis, RJ. Vozes, 2019. ISBN 978-85-326-6299-6.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996. (coleção leitura).

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas Tecnologias e mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.

PINSKY, Jaime. **Os Profetas Sociais e o Deus da Cidadania**. In PINSKY, Jaime, PINSKY. BASSANESI (orgs). História da Cidadania. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

3

AS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE UMA RESIDENTE UNIVERSITÁRIA E PETIANA NO PERCURSO DE FORMAÇÃO INICIAL E PROFISSIONAL

Conceição Aparecida Vieira¹

Este artigo propõe apresentar as experiências e os desafios vivenciados como bolsista do Programa Educação Tutorial – PET, do grupo PET Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, alocado na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, e que desenvolve atividades de educação para os direitos humanos, congregando entre seus bolsistas e voluntários, estudantes de diversas áreas de ensino.

Os desafios vivenciados diante da pandemia iniciada em 2020, com a disseminação do vírus SARS-CoV-2, que causa a doença Covid-19, mudou completamente a forma de viver e conviver, necessitando tomadas de decisões, liderança e pensamento crítico para solucionar ou minimizar os impactos, sobretudo, na vida da comunidade acadêmica e ao mesmo tempo manter-se no desenvolvimento das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão (Pilares da Universidade e do PET).

¹ Graduanda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba.

Nesse período, muitos estudantes voltaram para suas casas, outros permaneceram em João Pessoa- PB, e as atividades do PET foram adaptadas para o modo remoto, oportunizando autonomia e aprendizagens transformadoras. Nesse contexto, discorro sobre momentos que considero marcantes e de crescimento para minha vida acadêmica, profissional e social.

1- Meu lugar de partida: Presidente Epitácio - São Paulo

Eu tenho 38 anos de idade, dentre minhas lembranças significativas e de resistência está o tempo de iniciação na escola, na educação infantil, que antigamente tinha o nome de pré-escolar. Minha família morava em um sítio na zona rural da cidade de Flora Rica- SP e eu apanhava o ônibus para estudar, às 5 da manhã acordava e só retornava a noite. O ônibus só voltava à tarde, as minhas aulas eram de manhã e a tarde, então ou eu ficava na casa da minha professora Rosa ou ficava na sala de aula da minha irmã mais velha, a turma do professor Armando, são pessoas que me lembro com carinho e que foram cruciais para a minha permanência na escola.

De lá para cá, teve muitas Rosas e Armando em minha história escolar. Sempre estudando em escola pública, já em Presidente Epitácio- SP, finalizei o ensino fundamental e no ensino médio, comecei a trabalhar e a estudar a noite; aos 15 anos de idade, trabalhando em uma Quitanda e sem perspectiva, só queria terminar os estudos, não pensava em estudar mais, minha família precisava de ajuda financeira.

Vi minhas amigas entrarem na faculdade na cidade vizinha, vi minha irmã perder uma bolsa de estudos porque não tinha dinheiro para o ônibus. Eu desisti de tentar por muitos anos, sempre trabalhando, lavei roupa em casa de família, cuidei de criança, fui garçõnete, atendente, vendedora da Avon, fui auxiliar administrativo, secretária e fazia o ENEM de vez em quando, como um acalento para verificar se não tinha perdido muito do que aprendi durante o ensino médio.

Somente doze anos após o ensino médio, que retornei aos estudos, uma oportunidade que só consegui conquistar através dos movimentos populares, foi no ato de ensinar o que eu sabia, que percebi que precisava voltar a estudar para ajudar as pessoas que moravam próximo a mim. Nesse período havíamos chegado na Paraíba, na cidade de Caaporã e tive a oportunidade de ensinar um grupo de pessoas do acampamento Wanderley Caixe (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST), ensinava a ler e escrever por meio do Programa Brasil Alfabetizado. Nesse momento me senti segura e com a necessidade de aprender mais, para ajudar aquelas pessoas. E foi assim que entrei na Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Eis o desafio para o deslocamento de Caaporã para a UFPB, foram muitas caronas, muitos ônibus quebrados na estrada, muitas dificuldades no relacionamento em que eu estava e lá no fundo a certeza de que agora eu poderia lutar para realizar meu sonho de estudar. Ainda assim, não sabia como sair do relacionamento em que estava, que já não tinha sentido e não aguentava mais as situações vividas. Foi aí que fiquei sabendo da Residência Universitária-

ria, uma casa na universidade para pessoas como eu, de baixa renda, cotista e que morava longe da UFPB.

Nove meses após participar do processo de seleção, fui contemplada com a vaga na residência e essa casa mudou o meu destino completamente.

Sempre gostei dos poemas de Augusto dos Anjos, não imaginava que poderia um dia estar em terras paraibanas e ver, sentir o lugar das suas inspirações e seus “versus íntimos”. A Paraíba me acolheu e me deu a oportunidade de retomar os estudos, vim para o nordeste com o casamento, e saí dele através da educação, rompendo com violências e resistindo as dificuldades de permanecer na universidade.

Como estudante proveniente da classe trabalhadora, não consegui estudar após o ensino médio, ou seja, aos 18 anos de idade, o acesso à universidade se deu apenas aos 30 anos e com a nota do ENEM transitei entre os cursos de Pedagogia e Enfermagem, assim vou seguindo meu sonho, ser enfermeira e professora, na tentativa de concretizá-lo a partir das experiências ao longo dos estudos e das oportunidades que surgirem.

Por me enquadrar nas Políticas de Assistência Estudantil da UFPB, vivo na Residência Universitária Masculina e Feminina – RUMF/UFPB, que fica localizada no Campus I da UFPB, nessa unidade temos o regimento e organização representativa. Nos anos de 2019 e início de 2020, exerci a função de Coordenadora da RUMF/UFPB, experienciando momentos de liderança, resiliência, empatia e organização, equilibrando a manutenção do bom desempenho acadêmico e a realização de trabalho voluntário.

Hoje sou estudante de Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem (UFPB), em minha trajetória acadêmica fui bolsista do Programa Aluno Apoiador nos anos 2014 e 2017, desenvolvendo atividades pedagógicas com uma estudante deficiente visual e nesse mesmo programa desenvolvi atividades com um estudante paraplégico, no ensino fui bolsista do Programa de Apoio as Licenciaturas - PROLICEN (2015 e 2016), enquanto ainda estudava no curso de Pedagogia (UFPB), infelizmente não terminei o curso, no entanto, essa experiência foi um divisor de águas na minha formação para compreensão das formas de aprender e ensinar diante dos desafios da universidade, sobretudo, nessa migração de cursos de Pedagogia para Enfermagem.

Atuei também como voluntária do Programa de Iniciação Científica - PIVIC (2019), uma pesquisa documental sobre a prevalência e incidência de Condições Crônicas Complexas de crianças e adolescentes, o que proporcionou vivências significativas e, atualmente, estou como bolsista do Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas - PET, desde o ano de 2018, desenvolvendo atividades de acompanhamento pedagógico personalizado e oficinas de educação em saúde com adolescentes de Casas de Acolhimento Institucional na cidade de João Pessoa-PB.

Hoje, faço o curso que desejei lá na adolescência, sonho escondido, sonho meu, sonho que não era dito para não virar piada diante das dificuldades existenciais. Agora é sonho caminhando para a realização, logo serei Enfermeira, quebrando as barreiras impostas pela própria existência e conquistando meu sonho e meu espaço no mun-

do. Nunca é tarde para os sonhos, essa é a mensagem que carrego!

O texto está dividido entre a vivência e atuação estudantil no início da pandemia, a adaptação e as oportunidades que o trabalho realizado no PET proporciona, independentemente de onde estivermos. Os saberes da universidade, atravessando muros e oportunizando autonomia.

2- Atuação estudantil a resistência da residência

No início da pandemia, em março de 2020, com a suspensão das aulas, a UFPB precisou tomar muitas deliberações, incluindo decisões sobre como os estudantes que participam dos programas de assistência estudantil iriam conseguir se manter em João Pessoa, na Paraíba, ou se iriam ser deslocados até suas respectivas residências.

Como eu tinha acabado de finalizar meu mandato de coordenadora da Residência Universitária Masculina e Feminina – RUMF/UFPB, eu e alguns colegas da coordenação e outros residentes, participamos das reuniões que tratavam de assuntos relacionados a nossa condição de estudantes que vivem no campus universitário, buscando acolhimento e sensibilizando a universidade na garantia de condições melhores de existência na residência diante do contexto de pandemia.

Discurso aqui alguns acontecimentos e direcionamentos que a reunião do Conselho Superior Universitário – CONSUNI construiu, inicialmente, após a suspensão das aulas, na UFPB. Muitos fatos contraditórios e esdrúxulos ocorreram, como por exemplo: um determinado superin-

tendente expressou a ideia com essas palavras “colocar os residentes em um ônibus e deixar em suas casas Paraíba adentro”, ou seja, sem diálogo, discussão ou a possibilidade de refletir alternativas viáveis para todos os estudantes. As pessoas presentes perceberam e poucas se indignaram com a forma confortável e tranquila com que ele expressava essa ideia, havendo, infelizmente pouca objeção a respeito.

Nesse momento, como coordenadora e representante dos estudantes, articulei junto à gestão da universidade e aos que estavam presentes na reunião e indiquei a inadequação da proposta do superintendente em questão e elenquei algumas de nossas necessidades e especificidades, pontuando que a residência é composta de estudantes de todo o Brasil, ou seja, de norte a sul, e leste a oeste, sendo impossível “colocar os residentes em um ônibus e deixar em suas casas”, e, que alguns estudantes não tem família para retornar, são pessoas que por algum motivo romperam com seus pares ou já os perderam.

Alguns gestores aos quais enviamos mensagens, solicitando a oportunidade do pronunciamento, rapidamente pediram a palavra durante a reunião e leram os questionamentos, em seguida, mencionaram a presença da Coordenação e representação dos estudantes, enfatizando a importância e necessidade de pautar a residência na reunião. Assim, a oportunidade de fala nos foi concedida e indicamos as necessidades e garantias dos estudantes que precisavam permanecer na residência, tendo o acompanhamento necessário para isso.

Esse acompanhamento, com reuniões online e embates sobre a qualidade da assistência gerou, em algumas

semanas, o reajuste de nossa bolsa de 260,00 (duzentos e sessenta reais), para 400,00 (quatrocentos reais), e de imediato à disposição das psicólogas em formato remoto e de atendimento médico remoto. Nessa direção, foi criada uma rede de contatos por e-mail para garantir o agendamento com a médica que atende, exclusivamente, os(as) residentes universitários(as).

Para além da parte institucional, passei a receber muitos pedidos de orientação em relação a pandemia, pessoas com sintomas diversos batia à minha porta, sintomas de medo, angústia e as vezes gripe. Nesses primeiros meses precisei colocar um cartaz na porta do quarto com os dizeres “NÃO POSSO ATENDER, ENVIE MENSAGENS”, por não dar conta das muitas demandas.

Entre sucos para o sistema imunológico, horários para verificar temperatura e oximetria de pulso, muito diálogo e acolhimento, exercendo a função de cuidar das pessoas, sobretudo, nos primeiros meses de pandemia; aprendi muito, especialmente que devemos acreditar e buscar melhorias de vida, que apesar do medo, temos que viver e ajudar as pessoas a serem resilientes e acessíveis, dentro de suas possibilidades.

A inteligência emocional entra nesse momento como propulsor de caráter, de habilidades aprendidas como motivação, habilidades interpessoais, empatia e autopercepção de si mesmo contribuindo para as relações com as pessoas naquele momento. “Habilidades de liderança são desenvolvidas pela combinação do conhecimento com as ações necessárias para se tornar eficiente” (HUNTER, 2006, p. 97).

Apreendi ainda que se faz necessário estar bem para cuidar do outro. Após esses meses e muitas situações vivenciadas (mortes, contabilizar gastos, acompanhar a liberação dos aeroportos), em agosto de 2020, consegui retornar a minha cidade de origem, visto que as aulas presenciais ainda estavam suspensas, o calendário acadêmico estava sendo realizado em sistema suplementar e as atividades do PET, ainda em formato remoto.

3- A experiência do PET

No período em que estive em minha Cidade de origem, vivenciei uma experiência que trouxe a reflexão da necessidade e da qualidade do trabalho que desenvolvemos nas casas de acolhimento.

Tudo começou com a tentativa de suicídio de uma adolescente e a ligação da coordenadora da casa de acolhimento que solicitou a minha irmã o acompanhamento no hospital dessa adolescente. Geralmente, minha irmã faz esse trabalho de acompanhar pessoas em ambiente hospitalar, prestação de serviço particular, através de recomendações de boa atuação a Casa de Acolhimento de Presidente Epitácio-SP. Assim, a instituição contratou novamente seus serviços para atender mais essa demanda.

No entanto, em decorrência da sobrecarga de trabalho de minha irmã, fui indicada pela mesma para assumir, durante um período, essa atribuição. Assim, fui entrevistada pelo corpo gestor da casa de acolhimento (Coordenadora e a assistente social), que ao ouvir minha experiência no PET, sentiram-se segura em oportunizar o exercício dessa causa.

Do ponto de vista da enfermagem, considero uma experiência incrível, conhecer e vivenciar dias e noites no Polo de Atenção Intensiva em Saúde Mental do Hospital Regional de Presidente Prudente – SP, que recebe demandas de saúde mental 24 (vinte e quatro), horas por dia, com equipe técnica adequada e cuidado humanizado. Desse modo, tive a oportunidade de experiências nas duas fases, os dias no Pronto Socorro e os dias na Enfermaria Pediátrica.

O Polo de Atenção Intensiva em Saúde Mental do Hospital Regional de Presidente Prudente – SP, possui 14 (quatorze), leitos de enfermaria, sendo 04 (quatro), da pediatria, sempre com lotação maior que 90% no tempo em que ficamos realizando o acompanhamento que ocorreu no período de 03 a 23 de novembro de 2020.

Vivenciei muitas histórias e momentos difíceis, observei situações que me surpreenderam, uma delas foi verificar o aumento exacerbado de adolescentes que tentam suicídio, os discursos e argumentos comuns, enfatizando o momento de pandemia, a falta de liberdade e a dificuldade em lidar com as cobranças do binômio família e escola como situações fundantes para as tentativas de suicídio.

Poderia escrever, e vou tornar mais acadêmica, essa experiência e abordar questionamentos que surgiram sobre saúde mental, casas de acolhimento, escola e saúde, sobretudo, saúde do/a adolescente.

Deixo aqui um trecho que chamou a atenção e vem ao encontro com os textos que estudamos: nesse hospital, no armário de roupas, existe sacolas de roupas para doação, pois muitas vezes pessoas em situação de rua ficam se

recuperando nesse hospital, sendo assim, as roupas estão disponíveis aos usuários e hospitalizados.

A adolescente que estive acompanhando no hospital, perguntava as enfermeiras se tinha camisetas grande, de menino, alegando que gostava, assim ela fazia, escolhia e guardava junto as suas roupas. Observando de longe o perfil de roupas que ela usava, identifiquei uma discrepância, uma menina de 13 anos, muito feminina e dedicada ao cuidado com o corpo e rosto, gostar de camisetas largas. Dessa maneira, ao estabelecer uma relação de proximidade e de trocas, conversei e ela mencionou: “Tia, na verdade estou pegando umas camisetas para meu amigo lá da casa”, fiquei em silêncio e só disse: “que bom!”.

Esse fato me reportou a memória do texto “Educadores de Rua: uma abordagem crítica: alternativas ao atendimento de meninos de rua, de Paulo Freire”, editado em 1989. O texto apresenta afirmações sobre a caracterização da criança de rua, e o traço de vulnerabilidade das crianças e adolescentes nas casas de acolhimento se encaixam bem essas afirmações sobre: “[...] prematuramente adulta e busca meios de sobreviver na rua [...] dificuldades escolares que a leva à repetência e ao abandono dos estudos [...] desenvolve habilidades especiais que lhe permite sobreviver.” (FREIRE, 1989, p. 11).

Nessa trajetória, me questionei sobre a preocupação que a adolescente tinha com o outro e o “porquê” da tentativa de suicídio. Considero que são muitas e complexas as nuances da mente humana, dos conflitos e da própria noção de vida. Considerado um mundo alternativo, o hospital foi incorporado como local seguro com garantias de respeito, afetos e aprendizagens.

Reforço aqui a necessidade de leituras para apresentar mais fatos que ocorreram, são questões que pretendo me debruçar, por entender que as demandas de saúde mental estão crescendo, inclusive nas casas de acolhimento e os espaços de saúde mental para criança e adolescente devem ter características que apoiem seu público no retorno ao equilíbrio mental. Corroborando com as ideias de Victor Frankl, o vácuo existencial só deixará de existir quando se encontra o sentido da vida. (FERREIRA, 1990).

4- As aprendizagens

A universidade proporciona muitas oportunidades e quem encontra professores que somam esforços em ofertar espaços de saberes aos estudantes, com certeza terá um tempo universitário repleto de transformações. O PET me garante a possibilidade de transitar no mundo, pois me assegura o sustento enquanto bolsista, e esse programa tem caráter de apoiar o graduando em vulnerabilidade social, mas não é apenas isso, temos as aprendizagens acadêmicas e transdisciplinares que alicerçam o desenvolvimento na graduação.

Nesse período pandêmico, aprendemos muito, aprendemos a utilizar o diálogo como fomentador de possibilidades, seja ele presencial ou remoto, planejamos muitas atividades e avaliamos as que obtiveram resultados significativos, aprendemos a organizar e sistematizar nossas ações, escrevemos muitos textos para eventos, levando nossas ações para o Brasil inteiro, através das apresentações em vídeo.

Em relação as experiências expostas no texto, reforço a liderança e problematização como algo que aprendemos no PET e que foi fundamental durante os debates sobre a permanência dos estudantes na residência e a formação para o mundo do trabalho. “Pois o trabalho é processo que engloba condições objetivas e subjetivas às aspirações, desejos e possibilidades adquirindo sentido na vida do trabalhador” (AGUIAR, p. 13, 2020). Aprendizagens que cooperaram com a formação profissional e desenvolvimento de olhar reflexivo sobre o mundo do trabalho, apoiando a profissionalização mesmo ainda estando na graduação, em processo formativo.

E em relação a experiência com a adolescente em risco de vida, ficou muito mais fácil transitar com sabedoria porque eu trabalho com educação em saúde nas casas de acolhimento, desde o ano de 2018, que desenvolvemos oficinas de leitura e escrita, acompanhamento pedagógico e oficinas de educação em saúde, garantindo um olhar de acolhimento e resiliência, ou seja, produzindo educação popular em saúde, “fortalecendo a participação social, o reconhecimento dos saberes populares e o enfrentamento das iniquidades” (BORNSTEIN et al., p. 25, 2016), levando conhecimento para que esses adolescentes possam romper com os processos opressores e compreenderem seus direitos.

Considerações finais

Para finalizar, reflito sobre a necessidade de aperfeiçoamento e de experienciar novas possibilidades diante

do que o mundo nos apresenta. Aprender nunca é demais, e tudo que se aprende, um dia será utilizado.

Esse contexto único de pandemia, em pleno século 21, transformou nossas mentes, causou desequilíbrio, medo e angústias, mas também fomentou em nosso interior as possibilidades de transformação, acolhimento e aprendizado, valorando sentido à vida e a relação com o mundo.

O PET foi, sempre será fundamental no meu desenvolvimento acadêmico profissional, garantindo suporte adequado para mediar e resolver situações que requer tomada de decisão, conhecimento, resiliência e empatia, promovendo a reflexão/ação na concepção de liderança e de profissional no campo da saúde.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Z. N., **Transformações no processo e organização do trabalho e algumas implicações para a saúde do trabalhador**. Enfermagem e Trabalho: fundamentos para a atenção à saúde dos trabalhadores/ Maria Celeste Soares Ribeiro (organizadora). 2. Ed. – São Paulo: Martinari, 2020.

BRASIL, **PORTARIA n. 188 de 03 de fevereiro de 2020**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/prt188-20-ms.htm. Acesso em: 13/06/2020.

BRASIL. O que é a **COVID-19**. **Governo Federal**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> Acesso em: 20/08/2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Guia do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde** / Organização de Vera Joana Borns-tein... [et al.]. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2016.

BRASIL. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA- UFPB. Disponível em: <https://www.ufpb.br/>. Acesso em: 21/08/2022.

FREIRE, Paulo. **EDUCADORES DE RUA: Uma abordagem crítica.** Alternativas de atendimento aos meninos de rua. Direitos reservados: UNICEF, julho de 1989. Impresso em Colômbia pela editora Gente Nueva.

FERREIRA, B. W., **O sentido da vida.** Educ. e Filos., Uberlândia, 5 (9): 129-134, jul./dez.1990.

HUNTER, J. C., **Como se tornar um líder servidor;** tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

SÃO PAULO, **Hospital Regional de Presidente Prudente.** Disponível em: <https://www.hrpresidenteprudente.org.br/pagina.aspx?id=80>. Acesso em: 01 de maio de 2022.

4

INICIAÇÃO ACADÊMICA E CIENTÍFICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

Gislaine Kelli Vicente¹

Com o surgimento da pandemia global da COVID-19 no final do ano de 2019, o contexto social, educacional e econômico brasileiro enfrentaram desafios. O mundo encarava uma nova reorganização no comportamento, nas relações, na saúde e nos modos de trabalho.

A educação por sua vez, como uma das principais áreas de evolução de uma sociedade, precisou se reinventar diante do cenário pandêmico, ao mesmo tempo em que também necessitava readaptar as estratégias e se adaptar a uma realidade cada vez mais moderna e tecnológica, em que a sala de aula tornava-se um espaço virtual de ensino à distância, intermediando o contato entre o professor e o aluno.

Durante esse processo de mudança e readaptação, surgiram diversas necessidades e desigualdades no ensino/aprendizagem, já que o professor passou a ter que remanejar mais esforços em conhecimentos tecnológicos, e desenvolver novas táticas de trabalho pedagógico, trans-

¹ Graduanda em Letras - Português pela Universidade Federal da Paraíba.

formando o próprio lar em uma extensão da escola. Ao aluno, coube adquirir equipamentos tecnológicos de TI (*notebook, smartphones, tablets*), redobrar os esforços na aprendizagem dos conteúdos ministrados pela escola e continuar participando das aulas de maneira remota.

Apesar dos esforços das instituições educacionais, não houve uma preparação adequada no sistema de ensino, pois, embora alguns professores e alunos apresentassem um bom desempenho na utilização de ferramentas digitais e desenvolvimento no processo de ensino/aprendizagem, outros nem tinham acesso a tais ferramentas, ou sequer a internet, impossibilitando a comunicação e o direito básico de frequentar a escola, mesmo que de maneira remota.

De acordo com o jornal Folha de São Paulo, entre os anos de 2020 e 2021, houve um aumento no índice de evasão escolar de cerca de 4 milhões de estudantes brasileiros, ocasionada pela ausência de recursos e equipamentos tecnológicos, necessários para se aderir ao método de ensino aplicado durante a pandemia, demonstrando assim, os níveis de desigualdade social e educacional no país.

Através de um relato de experiência, este artigo traz o lugar de fala de uma estudante de licenciatura que assim como muitos na sociedade, enfrenta os desafios frequentes de ingressar e permanecer na universidade pública. Relatando ainda, as oportunidades dos projetos de pesquisa e extensão, como base constitutiva de novos saberes e práticas que despontam para a atuação profissional.

Desse modo, este artigo tem como objetivo refletir sobre as vivências acadêmicas e de iniciação à docência (PROLICEN) de uma estudante de graduação em Letras -

Língua Portuguesa, apontando os reflexos da desigualdade social brasileira, destacando também os desafios da inserção acadêmica, assim como, as possibilidades ofertadas no ensino superior público em tempos de pandemia da COVID-19.

2. Meu lugar de partida: Lagoa de Dentro – Paraíba

Kenski (2012, p. 30) pondera que: "As velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. É preciso estar em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo". Desse modo, ainda que a sociedade mude todo um contexto de vida, ainda teremos a coragem de prosseguir diante dos desafios, propondo novos caminhos para antigos objetivos.

Desde muito pequena, eu via a casa da minha avó sempre repleta de livros didáticos, pois ela era uma professora aposentada, que teria exercido a docência com pouca leitura ou formação pedagógica e didática. Lecionava dentro da própria casa para crianças e adolescentes que moravam no campo, que apesar da idade avançada, mal sabiam escrever o próprio nome, e foi também ouvindo os seus relatos, que comecei a refletir sobre a educação como forma de superação para a sociedade. A minha mãe também teve um papel importante nos meus primeiros sonhos, sempre repetia que eu precisava estudar para ser alguém na vida, para conquistar uma realidade que me sugerisse mais oportunidades que as dela e as do meu pai.

Cresci em uma cidade do interior localizada no agreste paraibano, nomeada como Lagoa de Dentro. Du-

rante muito tempo, morei na zona rural desta cidade com os meus pais e meus três irmãos, desempenhando o trabalho na lavoura e na criação de animais.

Em 2018, concluí o ensino médio e no ano seguinte ingressei no curso de Letras – Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus IV. Nesse mesmo período, outra jovem da minha cidade também havia ingressado para a mesma instituição e curso que eu, o que tornou a situação mais propícia para a solicitação de um transporte público, que era algo que a prefeitura municipal não disponibilizava para a cidade de Mamanguape, Campus em que funciona o curso acima referido.

Apesar dos nossos esforços, não recebemos nenhum tipo de apoio da nossa cidade local, nem sequer houve a tentativa governamental de realizar um mapeamento de estudantes ou um preenchimento de formulário, e juntas tivemos que seguir lutando contra o “não” que se recebia, e as nossas famílias já quase descreditando que conseguiríamos chegar a cursar uma universidade.

Após muita persistência e ajuda de um professor de Física que havia nos dado aulas no ensino médio, conseguimos duas vagas no transporte escolar de uma das cidades vizinhas e durante o período de 1 ano e meio, nos deslocávamos de moto todos os dias, de inverno a verão.

Alguns dias eram bem difíceis para encontrar motivações para continuar estudando, como nos dias em que tomávamos banho de chuva no trajeto e chegávamos na universidade molhadas da cabeça aos pés, assim como nossas mochilas e materiais, sem contar que ainda tinham as pessoas, que sem necessidade nenhuma, buscavam nos desmotivar com as seguintes frases, que eram ouvidas

rotineiramente, como: "Estudar mais pra quê?", "Você vai deixar sua filha estudar pra ela ganhar mundo?", "Você só tá dando trabalho ao seu pai!", "É melhor você arrumar uma coisinha por aqui mesmo, fale com o prefeito e peça um emprego", "Estudar não dá futuro".

Quando veio a pandemia, minha rotina mudou totalmente, numa semana estávamos tendo aulas normais e comentando sobre o primeiro caso registrado no Brasil, e no dia seguinte, já estávamos sendo notificados de que as aulas seriam suspensas por conta do vírus recém chegado.

De início, a ideia de uma calamidade sanitária parecia algo exagerado pela mídia, mas que em pouco tempo, tomou proporções desastrosas e tristes, ao ponto de expor nossa fragilidade humana e distanciar até o mais pequeno dos atos de afeto.

Diante desse cenário, escolas e universidades se viram obrigadas a fechar suas portas e adotar uma nova didática de ensino que visasse minimizar os efeitos causados pela falta das aulas presenciais. Viu-se então, no Ensino Remoto Emergencial (ERE), uma possibilidade viável e mais segura para a sociedade prosseguir no campo educacional e dar continuidade às atividades, as pesquisas e projetos científicos.

A proposta de um ensino totalmente remoto abriu um leque de possibilidades com as ferramentas digitais, a exemplo destas, as plataformas: *Zoom, Google Meet, Microsoft Teams, You Tube, WhatsApp, Instagram, Google Forms, Google Classroom, Moodle, Canva*, etc. que possibilitaram, desde uma reunião entre amigos, a realização de congressos com participações de qualquer estudante ou professor ao redor do mundo.

Contudo, apesar da variedade de recursos disponíveis, grande parte dos professores apresentaram dificuldades tanto na adaptação dos conteúdos para o formato remoto, quanto na avaliação da aprendizagem e no desenvolvimento da autonomia do aluno, questões essas que já eram problemáticas antes mesmo da pandemia.

Outro ponto importante a ressaltar foi a falta de infraestrutura tecnológica e a ausência de participação estudantil nas aulas, sendo uma das principais problemáticas enfrentadas para se promover a garantia do ensino remoto. Realidade enfrentada, sobretudo, pelos alunos que vivem em áreas isoladas, para os que se encontram em situação de vulnerabilidade social e para aqueles que possuem alguma deficiência, visto que estes necessitavam de um atendimento educacional mais inclusivo e voltado para atender suas especificidades.

Sem poder retornar totalmente às aulas e conseguir me matricular em todos os componentes curriculares, comecei a trabalhar durante a pandemia, em uma loja de eletrônicos e papelaria, cumprindo todas as exigências sanitárias. Continuei participando das aulas remotas e dos projetos da universidade (pesquisa e iniciação a docência) de maneira virtual, o que foi bem desafiador, em especial, no que tange às pesquisas e a aprendizagem.

Estudar em casa trouxe maior conforto, contudo, também propiciou maiores distrações nos estudos, pois em um período em que a tecnologia estava no ápice para atender a alta demanda de pessoas em isolamento social, abriu-se uma porta para as plataformas que ofereciam entretenimento, como: *Tik Tok*, *Kwai*, *You Tube*, *Reels* e várias outras, que lançavam tendências com regularidade, crian-

do distrações para o público jovem que estava recluso em casa.

Apesar de o lar parecer sempre mais aconchegante que qualquer outro lugar, muitos estudantes encontravam dificuldades em estudar em casa, pois não possuíam um local ou uma conexão de internet adequada. Ainda foi observado que durante a pandemia gerou-se uma crise de saúde mental, da qual muitas pessoas adquiriram ansiedade, frustração, estresse, depressão e procrastinação.

Não procrastinar tornou-se um verdadeiro desafio para todo estudante e docente. A necessidade de ficar em casa e manter isolamento social prejudicaram nossa habilidade de fazer outras coisas que nos ajudavam a manter a concentração, logo, não tivemos apenas que lutar contra uma pandemia, como também contra um conjunto de fatores emocionais, psicológicos e externos que nos conduziam a auto sabotagem.

3. A Experiência Universitária

No início do ano de 2019, ingressei na Universidade Federal da Paraíba. Com apenas 17 anos de idade, era a primeira da família, composta por 6 pessoas, que chegava ao ensino superior.

Foi na graduação, especificamente no curso de licenciatura que obtive meu primeiro contato com a pesquisa científica, a iniciação à docência e a extensão universitária.

Como boa parte dos alunos recém chegados ao *Campus*, também passei por dificuldades de adaptação ao currículo de ensino e às atividades de escrita acadêmica.

De acordo com, Rapoport e Silva (2013, p. 2) "atualmente existe um grande número de crianças e adolescentes que mesmo frequentando a escola durante anos, concluem o ensino fundamental e médio com sérios déficits na aprendizagem". E esse é, possivelmente, um dos fatores problemáticos que dificultam a adaptação universitária nos dias atuais, pois o currículo de ensino passa a exigir mais de um aluno que não estava totalmente preparado para um nível educacional superior.

Ao passo que estava me adaptando e participando dos projetos e grupos de pesquisa, minha atuação acadêmica foi evoluindo, o discurso, a convivência na sociedade e os projetos de vida, também refletiam as novas concepções de aprendizagem adquiridas no processo.

Oriunda de uma família de classe baixa da zona rural do interior, dificilmente consegui ter acesso a equipamentos tecnológicos viáveis, que me possibilitassem realizar atividades e trabalhos da faculdade. A falta desses equipamentos me tornou dependente dos serviços de papelaria, de *Lan House* e dos colegas de turma. Cunha, Silva e Silva (2020), afirmam que para que o ensino seja aplicado sem exclusão:

[...] também devem ser considerados, como por exemplo o de que apenas 37% dos domicílios possuem internet e computador. A ausência deste equipamento pode se tornar um empecilho para o desempenho do aluno, embora pode não ser para a conexão que é realizada, sobretudo, por celular. O computador realiza um conjunto de aplicações que podem não ser compatíveis ou facilitadas quando feitas nos smartphones. Em que pese a maior adaptabilidade dos alunos às novas tecnologias, isso só ocorre

se elas estiverem disponíveis. (CUNHA, SILVA, SILVA, 2020, p. 33)

A falta de acesso estudantil a tecnologia é um dos impasses mais recorrentes na educação, o qual somou ainda mais obstáculos no estabelecimento do ensino remoto durante a pandemia, particularmente, para aqueles indivíduos que já se encontravam em alguma situação de vulnerabilidade social.

A criação dos auxílios instrumental e digital pela Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante – PRAPE/UFPB, proporcionou em um dos momentos mais críticos da educação, uma possibilidade de continuidade para os que eram menos favorecidos.

Como uma das estudantes beneficiadas pela proposta, consegui permanecer e progredir na UFPB. Partindo da iniciação científica como voluntária Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica - PIVIC, atuei no formato remoto em um projeto voltado para o estudo da língua, o qual me proporcionou adquirir tanto conhecimentos técnicos e metodológicos quanto à inserção e conhecimento da área de pesquisa e desenvolvimento científico.

Por meio do Programa de Licenciaturas – PROLICEN, me tornei bolsista no projeto “Formação continuada de professores da educação básica para melhoria da aprendizagem de adolescentes residentes em casas de acolhimento em João Pessoa/PB”, o qual além de me fazer refletir sobre o peso de ser uma boa profissional com olhos e práticas mais sensíveis ao ensino, me proporcionou uma oportunidade ímpar de formação, antecipando os meus

primeiros contatos com a sala de aula e com a docência, mesmo que no formato remoto.

O ensino remoto ofertado pela universidade durante a pandemia, também foi um ponto norteador de oportunidades, pois, por meio dele, tive a chance de participar à distância do Prolicen em outro campus, em uma cidade a mais de 80 km da localidade onde resido.

Ademais, propiciou ainda encontros virtuais de formação continuada com a participação de professores no exterior (Espanha), em Mato Grosso do Sul e na Paraíba, e a realização das mediações pedagógicas personalizadas nas casas de acolhimento, viabilizando a continuação do acompanhamento escolar de crianças e adolescentes durante a pandemia.

4. Aprendizagens que despertam para a atuação profissional

A pandemia da COVID-19 refletiu de diferentes maneiras dentro da sociedade, desde experiências e impasses negativos, a possibilidades de se reinventar e inovar. Sabemos que, para quem vivenciou um dos momentos mais críticos da saúde mundial no século XXI até hoje, independente da área de atuação, sofreu com algum tipo de influência social ou consequência gerada pelas medidas de restrição e proteção.

No campo educacional, percebemos o quanto somos adeptos das circunstâncias ao longo da vida e como o conhecimento pode ser transmitido de várias formas. Ao mesmo tempo, também reafirmamos as fragilidades da educação nacional em um momento de calamidade mun-

dial, nos levando a perceber como educadores e educandos, as necessidades de relances didáticos, de novas estratégias e de estímulos comunicativos para assegurar o vínculo educacional entre a escola/universidade, e o lar familiar de maneira mais propositiva para o retorno presencial regular.

Alcici (2014, p. 2) aponta que "a escola é historicamente situada e, portanto, está sujeita às mesmas influências e transformações que afetam a sociedade como um todo". Nesta perspectiva, a autora sugere rever as nossas práticas tradicionais de ensino, procurando por novos meios para a educação, sem esquecer que a instituição escolar permanece, mesmo nos momentos mais difíceis da sociedade.

Durante o PROLICEN, identifiquei mais diretamente os impasses que a educação pública estava enfrentando em plena pandemia. Repensar uma mediação pedagógica presencial para o virtual, exigiu, tanto da equipe extensionista, quanto do(a)s coordenador(a)s das casas de acolhimento e dos jovens e crianças mediados, uma nova readequação de rotina, de atividades, de equipamentos e de consciência do momento até então vivenciado.

Considerações Finais

Desse modo, as experiências educacionais vivenciadas durante a pandemia da Covid-19, revelou seus prós e contras dentro da esfera acadêmica, científica e social. Uma vez positiva, por nos levar a refletir, se reinventar e a superar as maiores dificuldades e desigualdades presentes no campo da educação. E negativa, dado os retrocessos em

níveis de aprendizagem, desigualdades tecnológicas e transtornos psicológicos gerados.

Como discente já ingressa em práticas para uma docência futura, reflito cada vez mais sobre como deve ser a metodologia/didática de um professor, sobre qual seria a mais correta para ser aplicada em momentos como o citado anteriormente, mesmo tendo conhecimento de que educar não é como executar uma receita de bolo, que é sempre feita da mesma maneira, mas que deve ser desenvolvida e aprimorada ao longo do tempo, permanecendo assim, em constante evolução de práticas. Desse modo, destaco a relevância dos esforços educacionais, os quais tiveram um papel fundamental no que tange a permanência do vínculo estudantil e as propostas de ensino à distância e remoto.

REFERÊNCIAS

ALCICI, Sonia Aparecida Romeu. In: Almeida, Nanci Aparecida de. **Tecnologia na Escola: abordagem pedagógica e abordagem técnica**. 1ª. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. **A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19**. Boletim de Conjuntura. Boa Vista, vol. 2, n. 5, 2020, p. 56 - 62. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/AvelinoMendes/2892>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em:

<<https://repositorio.unb.br/handle/10482/40014>> Acesso em: 11 de dez. 2022.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas (SP): Papirus, 2012.

RAPOPORT, Andrea; SILVA, Sabrina Boeira da. **Desempenho escolar de crianças em situação de vulnerabilidade social**. Revista Educação em Rede: formação e prática docente, Rio Grande do Sul, v.2, n.2, p. 1 - 26, Set. 2013.

SALDANÃ, Paulo. **Cerca de 4 milhões abandonaram estudos na pandemia, diz pesquisa**. Brasília: Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/01/cerca-de-4-milhoes-abandonaram-estudos-na-pandemia-diz-pesquisa.shtml>> Acesso em: 11 de dez. 2022.

5

TRAJETÓRIA DE VIDA: 181 QUILÔMETROS PERCORRIDOS, MOCHILA NAS COSTAS E SONHOS NA MENTE

Heloisa Emanuela Batista de Andrade¹

Sabendo da relevância da educação para os indivíduos de classe popular e da importância dos projetos de extensão para os alunos de graduação, uma vez que os aproximam da comunidade, este artigo tem como objetivo explanar minha trajetória de vida pessoal e acadêmica, a partir das contribuições que o Projeto de extensão PET/CONEXÕES DE SABERES - Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas proporcionou ao longo de três anos.

1- Meu lugar de partida: Angicos - Rio Grande do Norte

Sou estudante do Curso de Ciências Biológicas (licenciatura plena), natural de Angicos, interior do Rio Grande do Norte, filha de pais separados, minha mãe de origem popular, sem escolaridade básica e pai com Ensino Médio completo.

¹ Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura Plena pela Universidade Federal da Paraíba.

Minha relação com o curso que estudo hoje começou na infância com a minha curiosidade em saber como os recursos da natureza funcionavam e através disso, em minha residência, eu praticava meus próprios experimentos, que ficaram mais evidentes à medida que estudava ciência na escola sempre com o incentivo da professora Francisca². Quando concluí o ensino médio, meu sonho de ingressar no curso superior necessitou ficar em segundo plano, pois com a separação de meus pais, minha mãe precisou trabalhar, e eu ainda adolescente, precisei cuidar dos afazeres de casa e de um sobrinho pequeno.

Naquela época, o meio de ingressar em um curso superior era mediante o vestibular e para isso eu necessitava de mais tempo e dedicação ao estudo; porém, infelizmente, nesse período eu não tinha tempo de qualidade para isso. Na fase adulta, aquele desejo de estudar biologia ainda persistia e surgiu a oportunidade, graças ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que não era tão concorrido quanto hoje em dia. Assim, através do ENEM eu enxerguei a oportunidade de tentar entrar na Universidade, para isso, me dediquei e estudava algumas horas, depois do horário de trabalho, tentei a primeira vez sem sucesso, na segunda vez, sem muita esperança de passar, não me dediquei tanto como deveria, foquei mais na redação e considero que, graças a isso, tive uma boa nota para tentar o curso que sempre desejei, entretanto, para meu desespero, não consegui passar no meu estado e sim em outro, um desafio maior, por nunca ter morado longe da família ou ter saído do meu estado de origem.

² Professora Francisca do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professora Joana Honório, situada no município de Angicos-RN

3- A entrada na Universidade

Ao entrar na universidade, deu-se início a uma jornada desafiadora onde eu só contaria comigo mesmo, sair de casa, da minha zona de conforto, para um lugar desconhecido, sem saber o que esperar foi assustador, mas gratificante, pois eu estava vencendo, seria a primeira da minha família a concluir um curso superior, iria estudar o que eu gostava e ter uma formação para isso. Mesmo sendo uma das primeiras da família a ingressar na universidade, os medos e os anseios me assombravam, será que conseguiria uma forma de me manter?

[...] é preciso considerar a complexidade do fenômeno. Dentre as principais funções do Estado, destaca-se que, mais do que diversificar o acesso, é preciso criar condições que auxiliem a permanência; desenvolver ações com vistas a evitar que após o ingresso, especialmente os que pertencem à classe trabalhadora, venham a desistir [...]. (PALAVEZZINI & ALVES, 2020).

Tendo isso em vista, os desafios agora eram outros, adaptação a outra rotina em uma cidade diferente, sem familiares e amigos por perto, morar sozinha, depender dos auxílios oferecidos pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lidar com a falta de empatia de alguns professores do curso e o descaso da coordenação com os alunos, principalmente com os do noturno (o curso do noturno não é mais ofertado e acaba afetando os alunos desse turno que estão em período de conclusão por não serem ofertadas boa parte das disciplinas a noite, com isso temos que nos desdobrar para nos matricular em disciplinas diur-

nas), com suas inseguranças e medo, o obstáculo agora não era mais entrar na universidade e sim permanecer nela, porque decorrente a todos esses problemas, era afetada pelo desânimo e o pensamento em desistir da trajetória acadêmica.

No ano de 2020, o mundo foi assolado por uma pandemia de um vírus até então desconhecido, afetando a espécie humana, o Coronavírus (COVID-19), o mundo "virou de pernas para o ar", os cientistas começaram uma corrida contra o tempo, descobrir e sequenciar o genoma viral, saber seu mecanismo de atuação e sua cura, com muito esforço conseguiram criar em tempo recorde uma vacina com eficácia de 90%, mas nesse meio tempo muitos perderam a vida, pessoas próximas a nós se foram, surgiu também o negacionismo acompanhado de muitas *fake news*, contribuindo assim para a desinformação da população, colocando em dúvida a Ciência e o governo contribuiu muito para isso, o que tornou mais difícil a população cumprir as normas de segurança indicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Nesse contexto, as aulas foram suspensas de forma presencial, passando para o modo remoto, o que precisou de uma adaptação dos professores com os meios tecnológicos (*Google Meet, Classroom e Whatsapp*), nós, discentes, também nos adaptamos para montar um plano de estudos. Não foi fácil estudar em casa, sem um lugar adequado, casa com muitas pessoas tirando sua atenção e foco, barulho dos vizinhos, internet ruim, professores que não queria entender a realidade caótica de alguns discentes, dificuldade de aprendizagem e até mesmo o abandono e trancamento de disciplinas, também o não acesso a *Note-*

book ou computador, o estudo no celular era desconfortável, ler textos com letras tão pequenas trouxe transtornos a saúde, como problemas de visão, a incerteza se os auxílios seriam mantidos, visto que houve muitos cortes de verbas na educação, contribuindo, desse modo, para o aumento da ansiedade.

Diante dessa situação, as atividades do projeto PET CONEXÕES DE SABERES – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, a qual faço parte como bolsista, atuando em casas de acolhimento institucional com acompanhamento personalizado a dois adolescente residente, também tiveram que se adequar ao modo remoto o que nos trouxe inúmeros desafios, como por exemplo, a adaptação do planejamento de atividades para o modo remoto, pensando em atividades cujo os educandos da casa tivessem mais facilidade de entender e executá-las, também nesse período não tivemos muito contato com os adolescentes, foi bastante estressante e cansativo. Para Santos (2019, p.152):

Como educadores precisamos acreditar em mudanças de hábitos, no âmbito de nossa prática docente, para tentar abrir espaços que possibilitem a reconstrução da sociedade. Carecemos buscar no desenvolvimento de uma ética de responsabilidade social, ações que visem o bem coletivo.

4- Aprendizagens e formação profissional

Como licenciandos, todas as experiências contribuíram para o nosso crescimento pessoal, amadurecimento profissional, ressignificou nossas ações, trabalhou nossa empatia e nosso autoconhecimento, saber de nossa força

interna e nunca desistir de nossos objetivos, fazendo de cada dificuldade um motivo para querer ir ainda mais longe e não desistir do propósito de auxiliar os adolescentes na escolarização.

As ações educacionais no Projeto colaboraram para a minha formação docente na perspectiva do aprimoramento da relação aluno-professor, pois me permitiu constituir um olhar humanizado e acolhedor para com os educandos, respeitando suas histórias de vida entendendo o contexto sócio-histórico de cada um, com intuito de buscar cada vez mais formas de aperfeiçoamento na minha formação e ferramentas que possa incluir e não excluir os educandos. Uma vez que:

O ambiente no qual o indivíduo está inserido tem influências diretas no seu desenvolvimento, sendo assim, ele é constituído de aspecto biológico e ambiental. Na perspectiva vygotskyana os fatores ambientais são construídos a partir da relação do indivíduo com o meio social. (KOCHHANN & ROCHA, 2015).

Dessa forma, o PET ajudou a sanar as lacunas que a formação docente tem no que se refere a pensar na educação que tem potencial em transformar vidas, levando em consideração todo o contexto social do indivíduo. Uma vez que, educação não se faz apenas no espaço de sala de aula, pois ela acontece a todo momento e em diversos espaços.

Considerações finais

A partir do projeto PET, identificamos a importância da formação docente enquanto mediador de conhecimentos com adolescentes em acolhimento institucional. Uma vez que as atividades pedagógicas no projeto permitiram uma prática humanizada considerando o contexto sócio-histórico de cada adolescente na elaboração e execução das atividades desenvolvidas para que eles viessem a ter um potencial significativo da aprendizagem.

Vale ressaltar também que o Projeto contribuiu na minha formação docente, pois tive a oportunidade de pôr em prática as teorias adquiridas em sala de aula como a utilização de espaço não formal no ensino de educação ambiental, realizar atividades práticas na reciclagem de recursos, ensinar a importância da harmonia entre as espécies e o meio ambiente, responsabilidade e respeito pelos recursos naturais tudo isto contribui para a formação cidadã responsável com a manutenção e preservação do nosso planeta.

As vivências em projetos de extensão colaboram para unir a criticidade e reflexão numa prática docente sensibilizada e humanizada, considerando todo o contexto sócio-histórico e socioeconômico onde cada sujeito está inserido. Deste modo, buscando desenvolver habilidades e técnicas didático-pedagógicas para suprir as lacunas que o sistema tradicional tem e contribuir na formação de sujeitos críticos-reflexivos sobre o meio em qual está inserido e a partir das suas percepções, buscar mudanças significativa na sua formação.

REFERÊNCIAS:

KOCHHANN, Andréa; ROCHA, Amélia da Silva. **A Afetividade no Processo Ensino-aprendizagem na Perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon**. IV Semana de Integração, EUEG – Câmpus Inhumas, 2015.

Disponível em:

<https://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/view/5567/3350>. Acesso em: 03 outubro 2022.

PALAVEZZINI, Juliana; ALVES, Jolinda de Moraes. **Vulnerabilidade Educacional e Vulnerabilidade Acadêmica**: aspectos conceituais e empíricos. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 19, n 2, p. 1-14, 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2020.2.37292>.

Acesso em: 03 de Outubro 2022.

SANTOS, Helisandra dos Reis. **Análise da Concepção e das Habilidades dos Professores do Ensino Médio sobre a Prática Interdisciplinar no Colégio Estadual Deputado Jayro Sento-sé**. In: MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (Org). *As Metas Preconizadas para a Educação e a Pesquisa Integrada às Práticas Atuais*. Ponta Grossa, PR, Atenas, 2020. p. 147 - 157. Disponível em:

<https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/as-metas-preconizadas-para-a-educacao-e-a-pesquisa-integrada-as-praticas-atuais-3>. Acesso em: 03 de Outubro 2022.

6

VIVÊNCIAS E REFLEXÕES EDUCACIONAIS DE UMA PETIANA EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

Jaqueline de Almeida Arruda¹

O presente capítulo tem como objetivo relatar desafios e superações educacionais vivenciados (especialmente em meio ao ano de 2021) no Programa de Educação Tutorial (PET²) da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, durante a pandemia da Covid-19, doença provocada pelo coronavírus SARS-coV-2³.

Todo o desafio e superação enfrentados não foram apenas vividos por mim, no percurso escolar e acadêmico, a envolver a escolarização ocorrida desde a Escola Básica até a chegada à Graduação, mas também envolveram o

¹ Graduanda do Curso de Letras – Licenciatura Plena em Língua Espanhola pela Universidade Federal da Paraíba.

² PET – Conexões de Saberes: Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas.

³ Esta enfermidade provocada pelo coronavírus nos gerou uma das fases mais agudas e ameaçadoras a qual se alastrou por todos os continentes do mundo. Sendo assim, valendo-me de delimitados recortes pontuais bem meticulosos e rigorosos, dou menção, na seção seguinte, às minhas experiências vividas nessa época, as quais estão relacionadas tanto com as minhas vivências pessoais, como também com as acadêmicas.

ensino remoto, voltado especialmente para o acompanhamento pedagógico personalizado de adolescentes em acolhimento institucional.

Em outras palavras, meu lugar de fala faz parte de um contexto de emergência sanitária⁴, ocasionado pela pandemia da Covid-19, em que a Educação, assim como, a sociedade, se viu obrigada a se (re)adaptar.

Tendo isso, pois, em vista, na segunda seção, apresento memórias que acompanharam a minha experiência como discente da Educação Básica e da Graduação. Por sua vez, na terceira seção, trago à tona as principais ações realizadas pelo PET durante a pandemia da Covid-19. Já na quarta seção, exponho o que foi aprendido e suas respectivas contribuições para o fazer docente. Por fim, seguem as considerações finais.

É neste espaço que compartilho, porquanto, minha trajetória acadêmica quer como graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Espanhola pela UFPB quer como bolsista pelo Programa PET – Conexões de Saberes: Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas (UFPB).

⁴ Nesta perspectiva, as minhas práticas e reflexões espelham, além da adaptação ao ensino remoto, memórias, experiências, ações e aprendizagens. Com base no exposto, é possível afirmar que a minha experiência universitária, quer seja como aluna de um curso de Licenciatura, quer seja como participante/bolsista do PET, reflete contextos que não só retratam, mas que também representam a realidade social e educacional tanto paraibana em sentido estrito quanto brasileira em sentido lato.

1- Meu lugar de partida: Santana de Mangueira – Paraíba

Sou natural de Santana de Mangueira, cidade localizada no Alto Sertão da Paraíba. No ano de 2016, após me submeter ao vestibular – Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) – e depois de passar pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), fui aprovada para ingressar no Ensino Superior Público. Desta forma, no mesmo ano, tive que me mudar para João Pessoa, Capital da Paraíba, para iniciar o curso⁵.

Logo, faz-se necessário esclarecer que eu tenho como herança o processo de ensino-aprendizagem advindo da escola pública⁶, ou seja, toda a minha vida escolar transcorreu no universo das instituições públicas.

Nesse diapasão, “democratizar a escola passa a ser, enfim, uma tarefa importante no sentido de dotá-la de Projeto Pedagógico que atenda as necessidades da maioria, construindo *espaço escolar* que possa ser frequentado por todos indistintamente” (VALE, 2000, p. 29, grifo do autor).

Além disso, fui percebendo o quão importante é estar inserida na educação, que preza pelo objetivo de transformar a vida dos sujeitos, principalmente daqueles per-

⁵ Atualmente, estou na reta final da graduação. Para que possam conhecer um pouco mais da minha vida escolar e acadêmica, brevemente descrevo, ao longo desta segunda seção capitular, minha passagem pela Educação Básica até a chegada ao Ensino Superior, a saber, à Graduação.

⁶ Foi neste ambiente, inclusive, que descobri a importância do aprender, do buscar e do construir conhecimentos. Esse espaço me possibilitou crescer, amadurecer e descobrir o mundo das letras e do aprendizado, bem como me possibilitou perceber a importância de pessoas de todas as camadas populares terem acesso a uma educação de qualidade.

tencentos aos estratos mais vulneráveis⁷. Nessa toada, descobrir a educação como um meio de aquisição de conhecimento e de transformação plena, possibilitou sonhar alto, de tal modo que, apesar das barreiras que impediam o meu avanço, passei a acreditar na minha capacidade de ter acesso à educação. Afinal,

A educação no sentido mais amplo é aprender – e auxiliar os outros a fazê-lo, por meio de comunicação e compartilhamento – a construir histórias de vida que façam sentido, que nos ajudem a compreender melhor o mundo, aos demais e a nós mesmos; que nos estimulem a evoluir, a fazer escolhas, [que] nos libertem das nossas dependências e [que] nos tornem mais produtivos e realizados em todos os campos, como pessoas e cidadãos (MORAN, 2015, p. 30).

Desta forma, quando estava prestes a concluir o Ensino Médio, me considerava protagonista da minha história, dos meus sonhos e, assim, acreditando na potencialidade da educação, fui alimentando e fortalecendo a esperança, o sonho de ingressar em uma instituição pública de nível superior. Como resultado, conquistei o tão almejado sonho de estudar na UFPB, a maior e mais destacada universidade do estado da Paraíba, e uma das melhores da região Nordeste e do Brasil, uma vez que “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (FREIRE, 1997, p. 47).

⁷ Os vulneráveis são aqueles que, lamentavelmente, em decorrência da gravidade e avanço das desigualdades - sociais, econômicas, políticas, culturais, raciais, étnicas etc. - passam a ser despercebidos, invisíveis frente à sociedade.

Ora, ao chegar na instituição, fui impelida a lutar por outras conquistas que se faziam necessárias para me permitir progredir com os meus estudos. Por isso, após a divulgação do edital, em que me inscrevi para participar do PET⁸, senti-me ainda mais animada a prosseguir com a realização de meus sonhos e de minhas metas profissionais.

Nessa direção, projetos como este do PET são de suma importância para promover o desenvolvimento estudantil conforme explicita Moran (2015, p. 29) ao mencionar que:

O projeto visa estimular a busca de um sentido, de uma vida com significado, com motivação profunda e socialmente útil. A escola disponibiliza para cada estudante um mentor que o acompanha mais de perto no seu dia a dia, não só nas decisões sobre aprendizagem, mas sobretudo naquelas relacionadas à visão de futuro.

Percebe-se que os projetos, sobretudo de Extensão Universitária, desempenham um papel fundamental na carreira do estudante, enquanto futuro profissional e ser humano holisticamente desenvolvido. Esta ação, juntamente com o Ensino e a Pesquisa, tem como principal finalidade nortear, preparar e formar estudantes capacitados para atuarem, atenderem e servirem a população, especi-

⁸ Este programa, frise-se, compreende um projeto de extensão universitária que teve como objetivo primordial selecionar discentes de diferentes campos de ensino para capacitá-los a desenvolver ações para além dos muros da UFPB. Ao atender os requisitos postos no edital, fui selecionada para ser bolsista do projeto PET e, conseqüentemente, capacitada para atuar e realizar ações com adolescentes em situações de acolhimento institucional. Permaneci no programa de 2017 a 2022.

almente, os grupos fragilizados, oprimidos e desejosos de saberes. Isso posto, na próxima seção, apresentarei as experiências advindas das minhas ações realizadas no Projeto PET enquanto cursante de Letras – Espanhol.

2- Experiências do PET durante a pandemia

As experiências aqui relacionadas refletem minha vida acadêmica, entre elas, as atividades do PET realizadas com adolescentes em acolhimento institucional durante o período da pandemia da Covid-19⁹.

No Brasil, *exempli gratia*¹⁰, com o alastramento deste novo vírus, a sociedade, de forma inesperada, foi submetida a diversos impactos sociais, econômicos, políticos e culturais a título exemplificativo¹¹.

Destarte, de acordo com Arroyo (2019, p. 158), “os oprimidos são mantidos em estado permanente de exceção, de um sobreviver precarizado, ameaçado, seus direi-

⁹ Em dezembro de 2019, foi descoberto um novo vírus, denominado SARS-CoV-2, que causa a doença Covid-19, assim denominada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O SARS-CoV-2 surgiu inicialmente na cidade de Wuhan, em Hubei, na China, e se espalhou rapidamente por todo o mundo. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS reconheceu o surto dessa nova moléstia como uma emergência de saúde pública de relevo internacional, tanto que emitiu o maior nível de alerta à época. Posteriormente, no dia 11 de março de 2020, a OMS caracterizou a Covid-19 como uma pandemia (GOMES *et al.*, 2020).

¹⁰ *Exempli gratia* – significado em português: Por exemplo

¹¹ Estes impactos implicaram ainda mais no aumento do desemprego e das desigualdades sociais, especialmente das camadas mais vulneráveis as quais, diante deste quadro, sofrem com a carência de recursos emergenciais para o sustento da família frente ao alto nível de falta de alimentos e de medicações.

tos à saúde, teto, comida, educação serão precarizados”. Por consequência disso, crianças e adolescentes pertencentes às classes minoritárias são expostos a situações de riscos, como maus tratos, abusos e dificuldades de aprendizagens; pois, devido a gravidade da pobreza, famílias carentes e com vidas ameaçadas, se sentem impossibilitadas de cuidar, educar e oferecer condições melhores e seguras para seus filhos. Como disse Simões (2020, p. 3041):

Famílias desestruturadas, onde as crianças ficam expostas desde cedo a situações de violência, [a] vícios, [a] falta de zelo com os filhos e [a] conflitos frequentes entre os adultos[,] podem ser causadoras de traumas, que irão refletir na socialização, no comportamento e no desempenho escolar desses indivíduos.

Nesse sentido, a precarização¹² e a desigualdade social no contexto da pandemia tendem a persistir, dado que estamos inseridos em uma sociedade desigual¹³. Lamentavelmente, grupos com histórico de pobreza terão muitos dos seus direitos vetados perante a sociedade. Ademais, a educação, sendo um dos principais pilares de combate à pobreza e à desigualdade social, vem passando

¹² O aumento da precarização e da desigualdade acaba desviando esses jovens de um futuro próspero, levando ao abandono da escola e ao rompimento com os meios educacionais. E com a pandemia, como já vem sendo colocado, essa situação se tem tornado ainda mais preocupante e assustadora, principalmente quando tratamos das transformações e adaptações presentes no campo educacional.

¹³ Diante desta situação, torna-se evidente que aquela família em estado de fragilidade e de extrema pobreza não terá condições nem mesmo de garantir a sua própria sobrevivência.

por transformações significativas, *id est*¹⁴, da mesma forma que diversos setores da sociedade brasileira tiveram que seguir medidas sanitárias durante a pandemia, o sistema educacional também teve que pensar em meios para evitar a proliferação do vírus.

Deste modo, alunos e professores foram afastados de suas atividades presenciais; e, em consequência disso, diversas instituições de ensino (IEs), tais como escolas e universidades, foram submetidas à suspensão das aulas presenciais, tendo que se adequar ao ensino remoto ao adotarem o uso das ferramentas tecnológicas¹⁵.

Em face disso, “o uso de tecnologias digitais no contexto escolar propicia diferentes possibilidades para trabalhos educacionais mais significativos para os seus participantes” (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 41), posto que aproxima a Escola e a Universidade de sua comunidade. Assim, observada a importância de tais ferramentas tecnológicas e dada as dificuldades de acesso aos meios tecnológicos, as IEs disponibilizaram ajuda financeira para que cada aluno comprasse seu dispositivo/aparelho tecnológico com a finalidade de utilizá-lo para fins educacionais.

Nesse cenário, para muitos educadores, foi desafiador usufruir dessas ferramentas tecnológicas, já que não estavam preparados para esta nova experiência, princi-

¹⁴ *Id est* – significado em português: Isto é.

¹⁵ No entanto, em decorrência claramente das desigualdades sociais, é preciso levar em consideração o fato de que uma parcela considerável dos alunos e professores que frequenta essas Instituições de Ensino (IEs) sofre com a falta de dispositivos/aparelhos tecnológicos como, *e.g.*, computador, celular, *tablet* e *notebook* para acessar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

palmente devido à urgência para a adoção de adaptações a essa nova realidade de ensino¹⁶.

Para que se entenda um pouco das adaptações dos alunos ao novo sistema de aprendizagem, farei menção às mediações pedagógicas realizadas no ano de 2021, com adolescentes em acolhimento institucional.

A priori, as mediações educacionais tinham como objetivo preparar estes sujeitos para a vida, apoiando-lhes para o crescimento escolar e para a superação das dificuldades de aprendizagem. Portanto, estes sujeitos são auxiliados e motivados a desenvolverem a sua própria autonomia e a perceberem a escola como aliada.

Para atender estas competências, as ações aconteciam a partir de acompanhamento pedagógico personalizado¹⁷, isto é, cada bolsista e voluntário era responsável por mediar dois adolescentes por semana. Os acompanhamentos e as mediações eram realizados através dos aplicativos *Google Meet* e *Whatsapp* (este último através do recurso de chamadas em vídeo).

Assim sendo, de forma coletiva, eu junto com os demais bolsistas e voluntários elaboramos um planejamento que seria trabalhado mensalmente. Este planejamento era composto por 5 (cinco) atividades; afora o que uma nova temática, a cada mês, era selecionada para ser trabalhada.

¹⁶ Como consequência, essas mudanças repentinas afetaram não só a saúde mental dos docentes, mas também dos alunos, que tiveram que se reinventar perante o novo processo de ensino-aprendizagem.

¹⁷ Para a elaboração das atividades educacionais, foi necessário contemplar o uso de ferramentas e materiais tanto criativos quanto lúdicos que nos ajudassem a atingir as expectativas dos adolescentes atendidos pelo referido programa (PET).

Com esta proposta, e especialmente com a continuidade das ações do PET, os adolescentes, portanto, se sentiram atraídos e também aptos para as possibilidades de aprendizagens. Apesar dos encontros terem acontecido na modalidade remota, eu e os demais mediatários, percebemos a importância de manter o vínculo ativo com esses adolescentes. Como futuros professores e mediadores da aprendizagem, eu e meus colegas, integrantes do projeto entendemos que:

Para que a aprendizagem ocorra de forma eficaz, os alunos devem apresentar boa saúde física e mental. Quando há ausência de algum desses fatores como motivação, maturação, inteligência e afetividade ou até mesmo uma inadequação pedagógica, pode ocorrer uma dificuldade de aprendizagem (CARARA, 2017, p. 8).

Por esta razão, como forma de amenizar os impactos sofridos pelos adolescentes de casas de acolhimento, eu e meus companheiros buscamos, através dos encontros e das mediações, proporcionar atividades lúdicas e eficientes para incentivar e para desenvolver a autonomia, a criatividade e a intelectualidade desses jovens.

Frente às nossas buscas de apoio e superação às adversidades presentes na vida desses sujeitos em acolhimento institucional, vale dizer, além do mais, que outros desafios¹⁸ se constituíram ao longo do ano. Na seção a se-

¹⁸ Neste caso, os adolescentes eram impossibilitados de participar das atividades devido a alguns fatores tais como ausência de ambiente adequado para estudo e falta de dispositivos/aparelhos tecnológicos. Este último tem sido o principal fator que dificultou o acesso dos adolescentes aos momentos das mediações que ocorriam semanalmente de forma remota.

guir, discorro sobre as aprendizagens e contribuições vivenciadas no PET.

3- Aprendizagens para a futura atuação profissional

O contato com as casas de acolhimento me fez perceber que a escola e os professores, enquanto agentes mediadores e formadores de sujeitos, aptos a atuarem na sociedade, tem sido muito representado quanto cumprido um papel essencial na vida e na educação de adolescentes em acolhimento institucional. Prova disso é que, em meio à pandemia, eu e os demais mediadores, ao reconhecermos a importância das atividades continuadas¹⁹ para o crescimento desses adolescentes, adotamos o ensino remoto para desenvolver atividades criativas que potencializassem o desenvolvimento cognitivo e emocional deles, motivando-os, por conseguinte, para o uso das ferramentas tecnológicas.

Com isso, a adoção do ensino remoto, voltado aos adolescentes de casas de acolhimento nos exigiu adaptações²⁰, o que foi desafiador, porém significativo para a

¹⁹ A praxe das atividades continuadas tem despertado, nos adolescentes, a confiança e o engajamento frente ao ensino e à aprendizagem. Para mim e demais mediadores, foi satisfatório conquistar esses adolescentes e levá-los a confiarem, a acreditarem e a verem o processo de ensino-aprendizagem como a chave essencial para um futuro próspero de aprendizagens, criatividade, práticas, habilidades e competências.

²⁰ Por intermédio das adaptações realizadas, eu e os demais mediadores conseguimos elaborar atividades eficientes para desenvolver a criatividade dos adolescentes em tela. Logo, as experiências adquiridas no ensino remoto me possibilitaram desenvolver a criatividade e me permitiram adquirir domínio sobre o uso das novas ferramentas tecnológicas no processo de

nossa futura profissão, mostrando que o docente pode e deve ensinar para além dos limites da escola, *i.e.*, em instituições de acolhida, orfanatos e abrigos como esse em que atuei.

Contribuir com o desenvolvimento desses jovens, enquanto cidadãos residentes em casas de acolhimento, me trouxe, enfim, o sentimento de realização por me permitir, durante a pandemia, estar inserida dentro do universo deles para melhor compreender o mundo de cada um em suas vivências de escolarização bem peculiares e específicas.

Considerações finais

Com base nas reflexões aqui postas, concluo que os desafios fazem parte do progresso de sujeitos que estão em processo de construção de conhecimento. É tanto que a sociedade brasileira, através da resistência e da esperança por tempos melhores, tem buscado superar as marcas catastróficas deixadas pela pandemia da Covid-19.

Vale destacar que as pessoas em situação de vulnerabilidade social e de extrema pobreza foram as mais afetadas durante a pandemia, notadamente no seu processo de escolarização, não tendo sido diferente com os menores residentes da casa de acolhimento em que trabalhei. Com efeito, eu e os demais bolsistas integrantes do PET²¹ en-

ensino-aprendizagem, sendo essa a experiência fundamental e enriquecedora para a evolução dos meus conhecimentos e práticas profissionais.

²¹ O objetivo maior das ações do PET foi possibilitar aos adolescentes a oportunidade de sonhar com um futuro melhor, de conquistas e de superações. As marcas de sofrimento deixadas em seus rostos em virtude de não terem uma família, as rejeições, as injustiças e a invisibilidade perante o Estado se

tendemos que as lutas pelo reconhecimento de direitos são essenciais para que pessoas de classes baixas e desamparadas pelo Estado possam ter direito e fácil acesso à saúde, à alimentação saudável e a uma educação igualitária e de qualidade. Logo, as ações realizadas pelo projeto com adolescentes têm, finalmente, fortalecido a visão de cada um deles acerca da importância da escola e da educação enquanto campo transformador de sonhos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Vidas ameaçadas**: exigências-respostas éticas da educação e da docência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. *In*: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org.). **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 40-54.

CARARA, Mariane Lemos. **Dificuldade de aprendizagem e vulnerabilidade social sob a percepção da comunidade escolar**. [2017?]. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Pós-Graduação em Educação e Direitos Humanos: Escola, Violência e Garantia de Direitos) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, [2017?].

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

agravaram durante o auge da pandemia e do distanciamento social. O PET, com a finalidade de romper com tais obstáculos e com vistas a superar tais desafios, buscou, através das ferramentas tecnológicas de ensino e do apoio de professores, oportunizar a esses adolescentes o direito de sonharem, de construir seus sonhos e de idealizarem a constituição de uma família em um auspicioso futuro condizente com suas expectativas.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOMES, Vânia Thais Silva *et al.* **A pandemia da Covid-19**: repercussões do ensino remoto na formação médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, v. 44, n. 4, artigo e114, p. 1-2, 2020.

MORAN, José. **Educação híbrida**: um conceito-chave para a educação, hoje. *In*: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org.). **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-39.

SIMÕES, Emília Danielle França. **As dificuldades de aprendizagem e a vulnerabilidade social**. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 3037-3046, 2020.

VALE, José Misael Ferreira do. A escola pública como espaço de conhecimento e luta a favor da sociedade democrática. **Nuances**: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 6, n. 6, p. 25-29, 2000.

7

DA JORNADA ACADÊMICA À FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Jessica Kelly Felix Gomes¹

O presente artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência acerca do início da minha jornada acadêmica até o processo formativo inicial de professores no PET/Conexões de Saberes: Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, projeto do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que tem a finalidade de organizar ações para a promoção de superação de dificuldades e necessidades de aprendizagens de crianças e adolescentes, residentes em casas de acolhimento no município de João Pessoa/PB.

No primeiro momento, é necessário contextualizar para você, leitor, o princípio e os fatores que me levaram a ingressar em um curso de licenciatura na UFPB, bem como as experiências acadêmicas no contexto do ensino, da pesquisa e da extensão sob a perspectiva de uma discente de Letras – Língua Portuguesa, inserida em um projeto interdisciplinar.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba.

Para isso, além do relato de experiência, utilizou-se como base principal para as ações desenvolvidas no Programa, as leituras e reflexões dos livros *Educadores de Rua: uma abordagem crítica, alternativas de atendimento aos meninos de rua*, de Paulo Freire (1989), *Teoria e Prática em Educação Popular*, de Paulo Freire e Adriano Nogueira (1993) e *Vidas ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência*, de Miguel Arroyo (2019).

Tais ações mencionadas contribuem para a formação inicial de professores no sentido amplo da triplíce acadêmica e da antecipação da profissionalização, haja vista que são perceptíveis na construção do conhecimento teórico e nas práticas educativas do cotidiano. Assim, teoria e prática unem-se com o intuito de minimizar os impactos de um processo escolar baseado em violações de direitos e nos permitem, enquanto discentes, realizar ações apoiadas em cada área específica.

1. Meu lugar de partida: Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco

Nos últimos anos tem se discutido, principalmente no âmbito das redes sociais, o conceito de lugar de fala. Neste panorama, Azevedo (2019, p. 654) explicita bem a relação entre o lugar geográfico e o sujeito: “O lugar traz consigo as vivências sensoriais, vividas a partir do corpo e pelo corpo, espacializando as vivências. Já o lugar de fala traz, além do lócus e da autorização discursiva, a corporeidade”. Desse modo, podemos pensar em corpos atuando como sujeitos de um grupo em determinados espaços.

A partir deste conceito, é possível compreender, refletir e situar minha jornada acadêmica enquanto sujeito-agente nos espaços em que ocupei.

De início, o lugar onde cresci é localizado na periferia do Estado de Pernambuco, no Curado, bairro cortado pelas BR-232 e 408. Desde muito nova fui criada sem a presença dos meus pais, apenas por minhas avós que, apesar dos desdobramentos de uma vida difícil, sempre mostraram-me o caminho da educação como meio de ascensão social. Entretanto, estive em situação de fracasso escolar por três vezes.

Diante das situações que me levaram ao fracasso escolar, alguns fatores sociológicos da vulnerabilidade social contribuíram estatisticamente para que este fato ocorresse. A partir dessa realidade, é válido revisitar o conceito de Sociologia do Improvável que Constantin Xypas (2017, p.8) apresenta:

Contrariamente à sociologia geral que integra os indivíduos na probabilidade estatística do que é o mais provável de acontecer, a Sociologia do Improvável estuda o estatisticamente improvável, no sentido da raridade. Enquanto a sociologia geral se dá a meta de descobrir as “leis” da sociedade, a Sociologia do Improvável busca a entender as exceções.

Dessa maneira, diante da situação de fracasso escolar enquanto estudante de origem popular, fiz parte estatisticamente da exceção, da parcela improvável para a ascensão social. Posto que, paralelamente, existiram fatores externos que favoreceram a capacidade de mobilização como motivação de mudança da realidade.

Em 2018, tive a possibilidade de estudar em um cursinho popular na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), enquanto conciliava os estudos com a rotina de trabalho. No ano seguinte, consegui passar no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) através da política afirmativa de cotas para o curso de Letras – Língua Portuguesa, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Após a transição para uma universidade federal, fui capaz de observar e entrelaçar como as variantes teórico-metodológicas começaram a fazer sentido enquanto eu revisitava meu lugar como sujeito-agente do meu percurso acadêmico.

A partir das disciplinas da área de Educação, inseridas na estrutura curricular do curso de Letras, sob a perspectiva de uma educação popular, foi intrínseco compreender, segundo os preceitos de Freire (1996), a educação como prática libertadora, baseada em uma consciência crítica em que o sujeito toma consciência do seu lugar no mundo para tornar-se sujeito-agente, a mesma consciência que fez-me abrir os horizontes para transformar meu lugar do “fracasso” em ascensão.

Mais além, enquanto estudante de um curso de licenciatura, a peça-chave para a formação inicial foi o ingresso no Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes: Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Quézia Vila Flor Furtado, o qual busca a promoção do protagonismo juvenil, a autonomia e o progresso escolar de crianças e adolescentes, residentes nas Casas de Acolhimento do município de João Pessoa/PB.

Dentro do programa, desenvolvem-se ações de escolarização, apoiadas nos 3 pilares da universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão, sob a perspectiva da educação popular freiriana. Todavia, em consequência da pandemia da COVID-19, as ações do projeto foram readaptadas, retornando, vagarosamente, ao modelo híbrido/presencial a partir de março do ano de 2022. Portanto, a seguir descreverei e refletirei as experiências acumuladas ao longo do curso e também do projeto PET/Conexões de Saberes, ao qual estou vinculada na qualidade de bolsista e aprendiz no processo inicial de formação de professores.

2. A Experiência Universitária e aprendizagens de uma PETI-ANA

O PET Protagonismo Juvenil vem atuando desde 2016 com meninos e meninas que, por alguma situação de violação dos seus direitos, foram afastados provisoriamente da sua família natural e mandados para o acolhimento institucional, ou seja, ficam sob o poder do Estado através da Vara da Infância e da Juventude que tem a finalidade de protegê-los dessas violações.

O programa atua nas Casas de Acolhimento com o intuito de minimizar os impactos do processo mal sucedido da escolarização dos acolhidos e acolhidas, bem como, trabalhar com a interdisciplinariedade contemplando, atualmente, os discentes de diversas áreas do conhecimento como Letras, Pedagogia, Psicopedagogia e Direito, com experiências em que cada envolvido realiza em sua área específica.

No entanto, neste artigo, serão apresentadas as experiências pedagógicas e de formação inicial de professores dentro do programa, sob a perspectiva de uma discente do curso de Letras – Língua Portuguesa.

Inicialmente, é crucial situarmos que o período de pandemia da COVID-19 evidenciou e segue evidenciando as desigualdades sociais, o que não difere no campo da Educação. Dados do relatório da UNICEF (2021) indicaram que até novembro de 2020, 5.075.294 de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos, estavam fora da escola, o que corresponde a 13,9% dessa população no Brasil, significando um dado preocupante, haja vista que irá refletir no nível educacional desses sujeitos nos anos seguintes e, ainda, com um agravante que fere o direito imposto do Art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em que preconiza como absoluta prioridade a efetivação do direito à educação que “[...] será sempre um desafio ao mesmo tempo filosófico, antropológico e cotidiano dos agentes sociais que atuam em projetos sociais com implicação direta ou indireta nos Direitos Humanos” (RIFIO-TIS, p. 242).

Por se tratar de sujeitos em situação de violação de direitos, ao adentrar nas Casas de Acolhimento, também é possível observar uma disparidade educacional, sendo ela no quesito reprovação e distorção idade/ano.

Os dados quantitativos colhidos pelo Programa de Educação Tutorial: (PET) Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas em 2018 e apresentados no relatório diagnóstico e propositivo intitulado *Protagonismo Juvenil em Casas de Acolhimento: A ciência/experiência que provém da Extensão Universitária* (FURTADO, 2021), vol. III, apontam que o

percentual de acolhidos/as que reprovaram em algum ano escolar era de 46%, além de 85% apresentarem distorção do conhecimento adquirido em relação à série escolar em que estavam matriculados, como também, dificuldades de leitura e escrita que ainda persistem, mesmo após quatro anos da atuação do PET. Desse modo, as experiências dentro das Casas de Acolhimento refletem esses dados postos no relatório da UNICEF (2021).

Anteriormente à pandemia da COVID-19, estive durante o período de um ano tendo participando das aulas no formato presencial na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde pude experimentar a realidade de uma pessoa de origem popular recém-chegada àquele ambiente.

Como acadêmica do curso de Letras, a princípio, senti o capital cultural e intelectual reduzido em relação aos demais estudantes da minha turma, fazendo-se necessário trabalhar para potencializar estas capacidades adaptadas à minha realidade como forma de resistência e permanência no Ensino Superior. Por conseguinte, é impossível falar em permanência nas Instituições Federais de Ensino (IFES), sem citar os programas de assistência e permanência estudantil como o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) (Decreto nº 7.234/2010), ao qual estou vinculada e, em sua natureza, busca impactar na democratização do ensino, mesmo que, ainda, sozinho, seja inconsistente.

O ingresso no PET/Conexões de Saberes como licencianda no 2º período da graduação, também auxiliou neste processo de permanência, pois, além de estar inserida, inicialmente, na condição de voluntária em um pro-

grama que abarca a formação inicial de professores, é importante frisar como a interação entre os pares favorece as relações e o acesso ao conhecimento. A partir deste momento, as contribuições entre a graduação e o Programa de Educação Tutorial acabam se entrelaçando.

É significativo evidenciar a execução das mediações pedagógicas personalizadas realizadas semanalmente com os/as acolhidos/as como uma das ações do PET, sempre em um encontro semanal de 2h para discussão das atividades escolares ou temáticas inseridas nos planejamentos mensais, dos quais serão referidos mais a frente.

Estas ações auxiliam no amadurecimento da formação inicial de professores, contribuindo, assim, para a verificação das dificuldades específicas em sala de aula, de modo a obter competências para trabalhar com situações que exigem um olhar voltado para os extra muros. Por apresentarem distorção idade-ano, a qual também é consequência de um passado conflituoso, os/as acolhidos/as demonstram inquietações e dificuldades escolares relacionadas a séries anteriores.

Como experiência dessas mediações, pode-se citar o caso de Clarice², adolescente de 15 anos que está cursando o 8º ano dos anos finais, cujo acompanhamento pedagógico é realizado semanalmente por um período de 2h. Durante as mediações, a adolescente apresenta dificuldades de leitura, apesar de conseguir acompanhar e expressar-se significativamente bem, não consegue sistematizar os pensamentos textualmente. Como consequência, as notas bimestrais em todas as disciplinas encontram-se abaixo da

² Nome fictício para preservar a identidade da adolescente. Art. 17 da Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990.

média apenas pelo fato da adolescente realizar as avaliações sem ao menos ler e compreender o que está escrito. A maior questão identificada em volta deste caso é a falta do hábito da leitura e da escrita para conseguir desenvolver um foco e uma atenção atrelados à interpretação e sistematização do que foi lido, não apenas para um bom resultado nas avaliações bimestrais, mas também como intermediários de conhecimentos de mundo e do ser social.

Diante deste impasse e com a contribuição de algumas disciplinas iniciais de teorias literárias do currículo de Letras/Língua Portuguesa, a tentativa de minimizar esses obstáculos na leitura parte da premissa inicial da construção da formação do leitor. É um debate com um olhar mais amplo e epistemológico que cabe em outras discussões, na qual Zilberman (2012) caracteriza que desde meados dos anos 1970 o Brasil vive uma “crise de leitura”, a formação de leitores infanto-juvenis no Brasil ainda é um desafio que está para além da escola. Entretanto, a introdução da cultura leitora iniciará sendo trabalhada a partir de textos infanto-juvenis que retratem uma realidade e uma linguagem mais próxima da mediada, assim como nos ensina Paulo Freire (1989, p. 9) quando diz que “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”, para, assim, tentar explorar novos caminhos e contribuir com a construção de outros conhecimentos de mundo, autonomia e protagonismo através da leitura.

Outra ação que pode-se destacar e contribui para a formação inicial é realizada através dos planejamentos mensais para a execução das mediações pedagógicas. Os

planejamentos são atividades desenvolvidas por grupos que são separados de acordo com o nível de escolaridade de cada mediado/a e partem de temáticas escolhidas mensalmente apoiadas nas necessidades e especificidades observadas nas casas de acolhimento. Neste ano (2022), já foram trabalhados temas como *A importância da Educação*, *A importância do ato de ler* e *Higiene e Saúde*, além da programação especial de férias em que as crianças e adolescentes foram levadas para o Jardim Botânico do Município de João Pessoa/PB e dentro das Casas de Acolhimento foram organizados espaços intitulados “Cantinho da Leitura”.

Ainda, temos as reuniões de grupo de estudos pautados na perspectiva de educação popular freiriana, onde as reflexões permeiam a temática referente à vulnerabilidade social sempre atrelando à realidade dos meninos e meninas em situação de acolhimento institucional, proporcionando aos envolvidos uma percepção crítica, humanitária e social para a formação acadêmica, com impactos na futura carreira docente e profissional permitindo-nos ter um olhar mais atento para as questões sociais e os seus reflexos.

À frente das experiências relatadas que foram adquiridas com as ações desenvolvidas pelo programa, foram lançadas duas edições do livro “Protagonismo Juvenil em Casas de Acolhimento: A ciência/experiência que provém da extensão universitária” (2019; 2021) Vol. I e Vol. II, organizados por Maria da Conceição Gomes de Miranda, Isabel Marinho da Costa e Quézia Vila Flor Furtado (2021), cujos são uma organização de relatos de experiências das atividades desenvolvidas por bolsistas, voluntários e cola-

boradores, e ainda em formato duplo com o livro “Dá licença que eu quero falar”, neste as crianças e adolescentes acolhidas relatam suas experiências pessoais.

Isso posto, podemos afirmar que a experiência universitária enquanto Petiana possibilita desenvolver práticas formativas que abarcam o tripé “Ensino, Pesquisa e Extensão” para então “[...] assumir um papel ativo no seu processo de formação, e mais, a incorporar uma postura investigativa que acompanhe continuamente sua prática profissional” (MARLI, 2001, p. 353).

Ademais, é imprescindível destacar que a divulgação das ações do PET também foram realizadas através da participação e apresentação de trabalhos a nível local, regional e nacional, sendo eles: MOSTRA CE, Encontro PET UFPB, Encontro de Iniciação à docência (ENID), com premiação em 2021, o Fórum Paraibano de Grupos PET, Encontro Nordeste dos grupos do Programa de Educação Tutorial (ENEPET) e Encontro Nacional dos grupos do Programa de Educação Tutorial (ENAPET).

Considerações finais

É evidente que a vivência no PET contribui, junto à academia, para a ampliação dos conhecimentos do ser professor, potencializando e articulando teoria e prática em suas ações, proporcionando a antecipação da profissionalização dentro da formação inicial, mas não só no sentido fazer docência, como também no ser pesquisador sobre a própria prática docente.

Os contatos diretos que acontecem durante as mediações com as crianças e adolescentes nos fazem lidar

com o conhecimento e os desafios no cotidiano, a partir da experiência individual e específica de cada envolvido em sua área, bem como, a realização dos planejamentos mensais, agregando positivamente para o processo de formação profissional estimulando uma formação acadêmica sólida e de qualidade, pautada nos preceitos da criticidade e cidadania nos fazendo refletir diferentes contextos de realidades.

Por fim, lidar com sujeitos em situação de acolhimento institucional e promover a diminuição dos impactos do processo de fracasso escolar, através da construção da autonomia e do protagonismo desses indivíduos como sujeitos de direito, contempla uma Educação libertadora e para os Direitos Humanos, de modo que as lacunas ainda pendentes no processo de garantia de direitos e escolarização desses indivíduos sejam preenchidas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Luyanne Catarina Lourenço de. **Corpos no mundo: a geograficidade do conceito do lugar de fala**. Terra livre, v. 1, n. 52, p. 641-661, jan.-jun./2019.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm. Acesso em: 06. Ago. 2022

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7234.htm. Acesso em: 06. ago. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 57-76.

FREIRE, Paulo. **Texto:** Educadores de Rua, UNICEF, Editorial Gente Nueva, Bogotá, Colômbia; julho de 1989.

FURTADO, Q. V. F. (org.). **Protagonismo Juvenil em Casas de Acolhimento:** A ciência/experiência que provém da extensão universitária – relatório diagnóstico e propositivo. João Pessoa, Ideia, 2021.

MARLI, E. D. A. **Autores ou atores?** O Papel do Sujeito na Pesquisa. In: TRINDADE, Vitor; FAZENDA, Ivani; LINHARES, Célia. (org.). Os lugares dos sujeitos na pesquisa educacional. 2. Ed. Campo Grange, MS: Ed. UFMS, 2001. p. 351-367.

MIRANDA, M. C.; COSTA, M. I.; FURTADO, Q. V. F. (org.). **Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas:** A ciência/experiência que provém da extensão universitária. Vol. I. João Pessoa, Ideia, 2019.

RIFIOTIS, Theophilos. **Direitos Humanos:** Sujeitos de direitos e direitos do sujeito. In: SILVEIRA, R. M. G; DIAS, A. A; FERREIRA, L. F. G.; FEITOSA, M. L. P. A. M; ZENAIDE, M. N. T (org.). EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: Fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: Editora Universitária, 2017. p. 231-244.

UNICEF Brasil; CENPEC Educação. **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil:** Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação. Abril de 2021.

XYPAS, C. **Condições sociológicas do êxito escolar de alunos de origem popular** (Sociological conditions of the school success of students of popular origin). *Crítica Educativa*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 5-18, 2017. DOI: 10.22476/revcted.v3i1.214. Disponível em:

<https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/214>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: Ibpex, 2012.

8

LEVANTA E ANDA: O CRONISTA DE MINHAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS E SONHOS

José Carlos Nascimento da Silva¹

O presente artigo pretende expor uma reflexão através de um breve memorial, tanto da vida acadêmica como da pregressa/precedente a mesma, realizando algumas percepções de como algumas relações e escolhas foram tão decisivas para formar minha personalidade e guiar meus objetivos. O artigo está dividido da seguinte forma: meu lugar de fala, experiências universitárias e aprendizagens para a vida profissional. Essa formatação vai auxiliar uma melhor organização e uma apreciação mais profunda das questões levantadas no decorrer do texto, proporcionando ao leitor conhecer melhor o cronista.

Esse artigo revela como ocorreu a mudança de perspectiva de um jovem que enxergava na educação algo aprisionador ou negativo, para uma visão completamente oposta, escolhendo o ensino como sua vida e profissão, rompendo os paradigmas impostos nele pela “sociedade” e pelas experiências prejudiciais em sua vida. A trajetória até chegar na escolha de se tornar pedagogo, não foi fácil,

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

tiveram inúmeros percalços que possibilitaram um enorme amadurecimento e um olhar afetuoso perante os estudantes para quem iria lecionar e, além disso, com seus pares da graduação.

Com um prisma diferente, novas possibilidades surgem e novos desafios e questões como a luta com o novo mundo de ideias, surgem sobrepujando antigas verdades concebidas, e até mesmo sendo necessária uma adaptação, era indispensável construir e destruir diariamente com o intuito de amadurecer e crescer em diversas áreas como: profissional, humano, educacional e social. Sendo possível fazer um comparativo entre as mudanças que vão ocorrendo no decorrer da história e sendo capaz de funcionar como uma contribuição para jovens que, assim como eu, se sentiam perdidos perante algumas situações alheias a sua vontade. Que esse texto funcione como um alento de que os sonhos são possíveis de alcançar.

1- Meu lugar de partida: João Pessoa – Paraíba

Inicialmente deve se contextualizar o lugar de origem do autor deste trabalho, nascido em João Pessoa, capital da Paraíba, em 19 de maio de 1994. Morando sempre no bairro do Varadouro, onde vivem diferentes grupos de pessoas na região, que em sua grande parte trabalhavam nas oficinas locais, tirando seus sustentos através de consertos de carros e afins. Essa introdução se faz necessária, visto que inúmeras vezes as crianças e jovens largavam as escolas para ajudar nas oficinas e com isso auxiliar financeiramente em suas casas. Minha mãe sempre notou essa situação e lutou para que eu nunca abandonasse a escola e

os estudos, pois ela não teve oportunidade quando criança e a mesma sempre teve o ímpeto de que o filho tivesse oportunidades diferentes, por isso, lutou intensamente para que eu recebesse uma educação adequada.

Durante minha trajetória de vida, sempre frequentei escolas públicas, algumas dessas instituições sendo taxado como um “mau aluno”, e devido a esse estigma, levando a inculcar a ideia de terminar o ensino médio e procurar uma carreira profissional que escapasse das universidades e salas de aulas. Mas, isso mudou aos 20 anos, quando comecei a participar de vários projetos sociais que tinham o intuito de trabalhar com grupos socialmente excluídos como moradores de rua, presidiários e prostitutas. Em um desses projetos, tive o encontro com um grupo de pedagogas que utilizavam a educação para a ressocialização, foi o momento que notei o impacto e a beleza que a educação pode trazer na vida das pessoas. Nesse ponto, escolhi minha carreira e meu sonho, queria possibilitar a mudança de vida das pessoas através do ensino como um pedagogo.

Por ser de origem popular, uma das poucas formas para o ensino superior é através das universidades públicas, e começou a ser gerado um anseio para realizar esse desejo, através de força de vontade e algumas tentativas fracassadas, contudo, finalmente, se tornou possível o meu sonho, um mundo novo se abriu, cheio de possibilidades e novos conhecimentos.

2- Experiência universitária

A entrada na universidade para uma pessoa de origem popular é algo completamente diferente de qualquer bagagem educacional anterior, pois é um novo mundo de oportunidades e experiências. Tem início um amadurecimento e uma luta pela permanência, durante o período da graduação, visto que são necessários aparatos que auxiliem na manutenção dos sujeitos na academia. A busca de uma forma de auxílio financeiro, tanto em iniciativas oriundas dos auxílios estudantis como restaurantes universitários, auxílios moradias e bolsa permanência, ou de outras formas de conseguir se manter. Tem outras oportunidades também como projetos e afins que oportunizam que o aluno tenha conhecimentos aplicados a diferentes áreas de atuação, diretamente vinculada ao ensino, pesquisa e extensão.

O envolvimento e participação em atividades acadêmicas é de crucial importância, visto que é uma preparação para diferentes trajetórias educacionais e suas futuras carreiras profissionais. Dado que as experiências obtidas e as trocas de conhecimento contribuirão para o melhoramento de nossos comportamentos e percepções, tornando a nossa visão em um olhar mais atento e crítico, sempre fazendo ligações com o que estudamos e pesquisamos. Isso pode ser melhor exemplificado através das palavras de Paulo Freire (1997, p.79) “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que nos tornamos parte”. Como podemos notar através da ideia anterior, somos uma construção coletiva de pensa-

mentos e emoções, e vivências que misturadas e unificadas, através das relações e ações que tomamos.

Ao analisar meu percurso acadêmico, vale destacar as experiências que tive em participar em extensões e programas universitários que foram extremamente benéficas, uma vez que obtive vivências que só é possível através dos mesmos. Destaco um de forma evidente que foi PET-Conexões de Saberes Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, pois através das ações que realizava com os adolescentes residentes em casas de acolhimento, me possibilitou crescer como pessoa e, ao mesmo tempo, eu me enxergava nos jovens e tentava trazer o máximo de seu potencial. Freire (1997, p.80) retrata bem o que experienciei: “Na verdade, não me é possível separar o que há em mim de profissional do que venho sendo como homem.” Sempre tem o fator da vivência anterior quando ensinamos, por isso, sempre exponho para que eles soubessem que tinha alguém acreditando e torcendo por eles, para que seguissem novos caminhos, saindo da conformidade, isso era importante tanto para eles, como para mim como educador.

A experiência inicial ao adentrar no mundo acadêmico, foi desafiadora, visto que por ser de origem popular, era extraordinário as novas perspectivas que se abriram e novos conhecimentos que iam sendo aprendidos e como essas ideias iam se deparando com velhas afirmações ou certezas que tinha e como isso foi gerando uma esperança e uma inquietação sobre o meu papel na sociedade e como poderia transformar a mesma. Segundo Arroyo (2019, p. 92) “[...] Tempos de rever o peso da educação, dos saberes, dos valores no reconhecimento-não reconhecimento da

humanidade, cidadania de direitos.” Com isso em mente, a cada novo livro ou troca de experiência que vivenciava, eram combustíveis que enchendo de esperança e motivação enfrentar esses estigmas que eram postos em diferentes crianças e adolescentes, espalhados pelas escolas. Meu maior anseio agora é ajudar esses sujeitos a sonharem e realizarem seus sonhos!

Minhas atividades profissionais são direcionadas através das vivências que tive quando jovem, tentando ser um professor diferente dos inúmeros que tive, que não acreditavam no potencial dos seus alunos, minando sua autoconfiança e seu desejo de aprender. Desse modo, na minha atuação acadêmica e profissional, busco sempre realizar algo diferente do que foi vivenciado por mim, tendo um olhar mais empático e esperançoso com os alunos, sempre direcionando para que minhas interações sejam justas e refletidas para que eu não reproduza ações negativas que vivenciei durante a minha juventude.

3- Aprendizagem para atuação profissional

As aprendizagens adquiridas tanto na graduação e em consonância com o projeto, são vitais para minha atuação profissional, visto que vem auxiliando em diferentes experiências em conjunto com as trocas de informações constantes entre os iguais. Segundo o autor Vygotsky (1998,p.115) demonstra “[...] a aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que os cercam.” As interações geram inúmeros conhecimentos e várias transformações geradas pela socia-

lização que vão gerando uma maturidade emocional e intelectual. A resiliência foi uma característica adquirida nesse percurso quando surgiam problemas desafiadores que teve que ser elaborado uma forma de ultrapassar os mesmos, utilizando a criatividade e outras formas para encontrar uma solução para elas.

O mais vital que considero ter adquirido é a empatia perante o outro, pois se colocar no lugar do próximo é um fator determinante para um educador, já que vai ter situações vivenciadas pelos alunos que ministrarei aula; Se eu tiver um olhar terno e compreensível, conseguirei criar uma conexão com os mais diferentes sujeitos criando um ambiente de confiança onde ele vai se sentir valorizado e apreciado. Segundo Oliveira e Bastos (2000, s/p) *apud* Dessen e Polônia (2007, p.25) os “[...] laços afetivos asseguraram o apoio psicológico e social entre os membros familiares, ajudando no enfrentamento do estresse provocado por dificuldades do cotidiano”. A criação de laços e uma maior proximidade com as pessoas garante um maior crescimento pessoal e emocional, as trocas de conhecimentos e as mudanças geradas através dessas interações foram muito importantes para construir o profissional que sou.

Considerações finais

Com esses fatos expostos, é possível apontar algumas conclusões das dificuldades enfrentadas durante a minha trajetória, novas realidades sendo experienciadas, criando uma força de vontade para superar os desafios que surgem, sempre tentando sair da zona de conformidade, sempre em busca de melhorar e avançar como pro-

fissional e humano. Todas essas experiências foram moldando e construindo o ser inacabado que sou hoje, guiando minhas ações com um olhar modificado a cada dia, com um prisma mais resolutivo da realidade, mas sempre com otimismo e uma curiosidade para descobrir novas possibilidades para o fazer educação, com o intuito de propiciar as mesmas oportunidades que tive.

Acredito que tenha sido possível conhecer um pouco de quem eu sou, e a minha trajetória como de aluno rebelde que “detestava” a escola, para um lutador da educação, buscando aproximar todos os conhecimentos descobertos com a minha realidade, não sendo mais um mero espectador da realidade, agora agindo como propulsor de transformações e mudança, e sempre com o intuito de colocar a semente da transformação para o máximo de pessoas possíveis. Arrematando, houve muitas mudanças e ressignificações, mas aquela ideia de conseguir ajudar o máximo de alunos que se deparam na mesma situação que estive essa nunca mudou e nem vai mudar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Vidas Ameaçadas**: exigências-respostas éticas e da docência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Brasília, 2007.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em 10 de Agosto de 2022.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**: ensaios/Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 1997. Coleção questões da nossa época: v.23

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 6.ed. 1998, 1999.

9

INICIAÇÃO A DOCÊNCIA: O PROTAGONISMO DE UMA BOLSISTA E FUTURA PROFESSORA DE BIOLOGIA

Mayra Ellen de Lima¹

O presente artigo tem como objetivos, narrar e refletir sobre as minhas experiências de vida como estudante universitária de origem popular e bolsista do programa - Programa de Iniciação a Docência - PROLICEN, no projeto “Formação Continuada de Professores da Educação Básica para Melhoria da Aprendizagem de Adolescentes Residentes em Casas de Acolhimento em João Pessoa/PB”, no ano de 2021, durante a pandemia de COVID-19. Descreverei, minha trajetória percorrida com base nas atividades do projeto para a construção da minha identidade discente/acadêmica, bolsista de iniciação a docência, e futuramente, profissional de Biologia.

Trazendo as experiências pessoais como estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, mostrarei como o turno escolhido (noturno) para as minhas ativida-

¹ Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura Plena pela Universidade Federal da Paraíba.

des acadêmicas, influenciou no desenvolvimento das atividades extracurriculares.

O ano de 2020 trouxe diversas mudanças a nível mundial e pessoal com o início da pandemia causada pelo vírus Sars-CoV-2, inicialmente passamos a encarar o distanciamento social e uma nova modalidade, a de ensino remoto, e surgiu a oportunidade de me integrar como bolsista de iniciação a docência (PROLICEN), voltado para o ensino de crianças residentes em casa de acolhimento que apresentavam distorção idade/ano.

Essas novas experiências influenciarão fortemente no meu futuro profissional docente, agregando novos conhecimentos tecnológicos, devido às adaptações ao ensino remoto, revelando como alguns alunos exigem um maior nível de atenção, ensinando a desconstruir o preconceito com aqueles que possuem dificuldades de interação em sala de aula. Além disso, possibilitou relacionar os conhecimentos obtidos ao longo do curso com as ações referentes ao PROLICEN.

1. Meu lugar de partida: Itabaiana – Paraíba

Assim como defende Santos (2020), um lugar de fala vai além de afirmar experiências vivenciadas individualmente, pois há a necessidade de entender o histórico sociocultural que por trás do contexto vivido, compreendendo, como o lugar social que determinados grupos ocupam e implica na sua forma de viver.

Partindo da minha experiência, ingressei na Universidade Federal da Paraíba no ano de 2017, no curso de licenciatura em Ciências Biológicas, através do Sistema de

Seleção Unificada – SISU. Por residir no interior da Paraíba, no município de Itabaiana, e não ter condições financeiras para morar em João Pessoa², ingressei na Universidade no período noturno.

Fazer parte de um curso noturno e não ter condições de estar presente na UFPB, em tempo integral devido às condições financeiras, limitou a minha participação em atividades de estágios em laboratórios, projetos de Extensão Universitária, Iniciação Científica e Iniciação à Docência, os quais tem a sua carga horária de funcionamento, estabelecida geralmente no período diurno.

Todos esses fatores culminaram para enxergar como nulas as chances de integrar qualquer um desses referidos programas de bolsas, ou mesmo por trabalhar no período diurno e ter apenas a noite disponível para as demandas de estudo. Dessa forma, Terribili Filho e Nery (2009) defendem que além dos obstáculos enfrentados pelos alunos do noturno, devido às condições de renda e de trabalho, existe também a problemática relacionada aos métodos de ensino desmotivante adotados pelos docentes. Fatos que corroboram para a evasão dos alunos da graduação e falta de estímulo com o Ensino Superior, principalmente para os alunos do período noturno.

Com isso, uma evidente preocupação existente no âmbito educacional diz respeito à carência de metodologias que proporcionem uma aprendizagem capaz de possibilitar a compreensão dos assuntos estudados de forma eficiente e significativa (MOREIRA, 2006; RODRIGUES; MELO, 2021).

² Cidade em que localiza-se o Campus Universitário do meu curso de graduação – Campus I

Diante do exposto, o presente artigo destaca parte de uma experiência vivenciada por uma aluna de classe popular, que resistiu aos desafios impostos pelas desigualdades educacionais e que conseguiu reescrever sua trajetória acadêmica, graças a uma oportunidade de participação em um projeto do PROLICEN.

2. Compartilhando minha experiência universitária

A experiência proporcionada em meu percurso de formação acadêmica, considerando o campo de ensino com base nas ações de iniciação a docência, teve como ponto alto a inserção na prática pedagógica e, consequente, ampliação da formação docente, a qual se denomina como formação inicial, uma vez que ainda sou licenciada em Ciências Biológicas.

Na qualidade de estudante do referido curso, destaco aqui as contribuições que a formação acadêmica tem me proporcionado, pois os componentes curriculares até o presente momento estudados, oportunizaram a aquisição de embasamento teórico-metodológico acerca dos conteúdos voltados aos processos biológicos que são abordados nas mais diversas disciplinas da graduação. Além disso, enfatizo a preparação de material de cunho didático-pedagógico para auxiliar em aulas ou demais atividades de caráter educativo, inclusive utilizando recursos virtuais.

É com base nesta experiência universitária que conseguimos integrar o que aprendemos teoricamente ao longo do curso, com os elementos da/na prática que o programa do PROLICEN proporciona.

No ano de 2020, tivemos o início da pandemia da Covid-19, causada pelo agente patogênico SARS-CoV-2 (Novo Coronavírus) que disseminou uma doença infecto contagiosa, e, tornando-se uma emergência de saúde pública nacional e internacional (OPAS, 2020). Segundo Silva *et al* (2020, p.02):

Dentre essas intervenções, em nível populacional, há as medidas de distanciamento social, cujo termo se refere a esforços que visam a diminuir ou interromper a cadeia de transmissão da doença pelo distanciamento físico entre indivíduos que possam estar infectados e os saudáveis, além de proteger aqueles indivíduos em risco de desenvolver a forma grave da doença. Incluem-se nessas medidas o cancelamento de eventos em massa, fechamento temporário de escolas e locais de trabalho, bloqueio de fronteiras e a recomendação para a população ficar em casa.

Com o isolamento/distanciamento social, orientados pelos órgãos internacional e nacional de saúde, culminou a suspensão das mais diversas atividades que passaram a ser realizadas no formato remoto (RODRIGUES, 2021).

Devido a esse contexto pandêmico, a execução do projeto acima referido sofreu adaptações para atender a necessidade do distanciamento social.

As mediações pedagógicas e encontros com os grupos de estudo e planejamento, e os encontros de formação continuada, passaram a ocorrer através da plataforma Google Meet, contando também com o auxílio de demais mídias sociais, tais como: *YouTube, Instagram, Whatsapp, Google*, entre outras.

No que diz respeito à formação continuada, as oficinas³ ministradas tiveram como objetivo auxiliar os docentes da Escola Municipal Frei Albino a entenderem as dificuldades de aprendizagem dos alunos, oriundos de casas de acolhimento com distorção idade/ano.

Para desenvolver as mediações pedagógicas, a metodologia utilizada contou com reuniões semanais⁴ de grupo de estudos, de planejamento de atividades temáticas para as mediações, encontros de formação continuada de professores, e, por fim, encontros semanais com as crianças e adolescentes, acompanhados pelos/as mediadores/as pedagógicos.

A colaboração com os programas PET e PROBEX proporcionaram a oportunidade de trabalhar com integrantes de outras áreas acadêmicas voltadas para as diferentes licenciaturas⁵. Essa interdisciplinaridade proporciona a capacidade de agregar conhecimentos externos e inovar o modo como futuramente irei exercer a carreira docente.

Diante do cenário da Covid-19, uma das ações desenvolvidas foi o acompanhamento pedagógico personalizado com duas crianças em Acolhimento Institucional.

³ As temáticas das oficinas de formação foram: Educação matemática, Avaliação da Aprendizagem, Meio Ambiente e Alfabetização. Estas tiveram como foco a abordagem de novas metodologias a serem trabalhadas na educação infantil e anos iniciais para tornar mais interativa a participação dos alunos e conseqüentemente, melhorar a qualidade da aprendizagem.

⁴ Estas reuniões foram realizadas com bolsistas dos projetos parceiros que integram os Programas de Educação Tutorial (PET), de Extensão (PROBEX) e de Iniciação a Docência (PROLICEN) da UFPB

⁵ Pedagogia, Letras Português e Espanhol, Enfermagem, entre outras

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Acolhimento institucional tem como premissa central garantir que crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, cujos pais e/ou familiares não tenham condições de cumprirem com suas funções, proporcionando um lugar de desenvolvimento social, cognitivo e afetivo (BRASIL, 1990), pois

Atualmente, considera-se a infância como a fase mais importante da vida dos indivíduos, tendo em vista que é nesse período que a criança começa a desenvolver seus aspectos cognitivos, biológicos e psicossociais. Durante esse desenvolvimento, não são levadas em conta apenas questões biológicas, mas também as condições do ambiente em que a criança está inserida. Nesse sentido, a família é considerada essencial para tal desenvolvimento, pois tem, dentre as diversas funções, a de proteção e de afeto (FONSECA, 2017, p. 286).

Partindo da minha experiência com o Acolhimento Institucional, iniciei acompanhando João (nome fictício) o qual apresentava alguns distúrbios psicológicos, gerando dificuldades para a realização dos encontros, devido a sua instabilidade emocional. No mês de outubro de 2021, João foi reintegrado à família, assim, passei a mediar José (nome fictício) até o fim do projeto. Ambas as crianças residiam na Casa de Acolhimento Morada do Betinho, localizada em João Pessoa/PB.

Podemos afirmar que enfrentamos diversas dificuldades ao longo do projeto, e, portanto, destacarei dois pontos. O primeiro foi a falta de proximidade com as crianças e a limitação de termos todos os nossos encontros de forma virtual, o que por muitas vezes dificultou a orienta-

ção deles, além de criar uma restrição na interação dos meninos, por eles não se sentirem confortáveis comigo, devido a frieza do ensino à distância.

Já o segundo problema estava relacionado com a conectividade, seja por uma internet instável ou por falta de um aparelho adequado para a realização das mediações na Casa de Acolhimento, e com a falta de aparelhos, acabava gerando uma dependência dos celulares dos educadores sociais presentes naquele horário, na instituição de acolhimento. Assim, mesmo com a disponibilidade do aparelho, não era garantia de conseguir executar a mediação adequadamente, e por diversas vezes foi necessário pedir para a criança que acompanhava, soletrar o que estava escrevendo para realizar as correções necessárias na escrita dele, devido a falta de qualidade na imagem das chamadas.

Durante o projeto no ano de 2021, foram trabalhadas diversas temáticas como: o Racismo, Importância da Vacina, Escola como Aliada, Responsabilidades e Criatividade, durante a execução das atividades de acompanhamento pedagógico. A que mais me chamou atenção referia-se à importância das vacinas, pois ela me permitiu trabalhar com a minha área de formação, através do ensino de ciências para essas crianças, fator este que se fez tão importante no contexto pandêmico em que vivemos, tendo em vista que a Ciência é fundamental no entendimento do porquê de todas as restrições advindas do cenário de pandemia.

No início da pandemia (2020) essas crianças passaram a ter restrição de contato com outras pessoas e, conseqüentemente, tiveram que parar de frequentar suas esco-

las e ambientes de lazer, o que gerou um maior estresse e instabilidade emocional, ainda mais se considerado o histórico delas de vulnerabilidade social. Desse modo, foi notável como as mediações sobre a vacinação e a Covid-19 foram uma excelente contribuição para esclarecer como o simples ato de se vacinar, seria para que aos poucos a vida retornasse ao normal.

No que diz respeito às formações continuadas, foram abordados diversas temáticas voltadas para a formação inicial, como por exemplo: Oficinas de Matemática, Avaliação da Aprendizagem, Meio Ambiente e Alfabetização. Todas as oficinas ministradas buscavam auxiliar os docentes da Escola Municipal Frei Albino a entenderem as dificuldades dos seus alunos, oriundos de casas de acolhimento que apresentam distorção idade/ano, além de lhes apresentar novas metodologias a serem aplicadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental que torne as aulas mais interativa e a participação dos alunos.

3. Aprendente para minha futura atuação profissional

Ainda que o projeto tenha passado por tantas dificuldades devido a pandemia, podemos destacar a contribuição para a minha área de formação (Licenciatura em Ciências Biológicas), pois foi o meu primeiro contato real com a docência, contribuindo, portanto, com a minha futura atuação profissional docente.

A formação de professores configura-se como uma prática sistematizada que atua para preparar os alunos das licenciaturas para a docência, através de sua imersão em sala de aula, para construção e aprimoramento de co-

nhecimento e, conseqüentemente, para ampliar suas visões de educação e de transformação social, sobretudo, se pensarmos sobre a melhoria da qualidade da educação básica pública.

Dessa forma, é extremamente importante que haja uma eficiência na formação docente, principalmente no aspecto prático, uma vez que esses licenciados irão desempenhar um papel vital no desenvolvimento da sociedade na perspectiva de formar cidadãos autônomos na busca por conhecimento, ampliando seu conhecimento escolar, sociocultural e reflexivo com o mundo e com a sociedade que o cerca. (VASCONCELOS; LIMA, 2010). Essa formação também auxilia esses docentes a se reinventarem e a conseguirem se adaptar a novos cenários, à exemplo do ensino remoto.

Isso porque, com a pandemia da COVID-19, houve a necessidade das aulas serem realizadas remotamente em caráter emergencial, abrindo várias discussões sobre a importância do uso de ferramentas e ambientes virtuais no processo de ensino e aprendizado (RODRIGUES, 2021). Com isso, professores e alunos precisaram migrar para a realidade virtual, necessitando adaptar as práticas pedagógicas presenciais para o ensino remoto emergencial (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020), sendo necessário orientações aos professores para usarem suas práticas de ensino em ambiente virtual.

De acordo com Romanowski e Martins (2013), o início da docência é marcado por descobertas significativas sobre a prática docente, por toda a problemática que a cerca e, por conseguinte, pelas alternativas para solucioná-las; sendo imprescindível a ajuda de professores experien-

tes para que o professor em formação possa desenvolver sua prática docente.

Além disso, considerando o exposto, trabalhar com crianças em vulnerabilidade social durante a minha formação docente inicial foi importante para o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional, uma vez que isto me ajudará no momento em que for exercer minha profissão, pois saberei como identificar essas crianças em sala de aula, e lhes dar o auxílio necessário. Assim, poderei dar-lhes atenção especial ao passo que as incluo nas atividades e grupos, para que elas se sintam acolhidas e consigam desenvolver seu senso crítico-reflexivo e consigam aprender as temáticas abordadas nas aulas; buscarei desenvolver aulas e atividades especiais para essas crianças, sem fazê-las se sentirem diferentes dos outros alunos; e poderei, por exemplo, promover campanhas e debates na escola para retratar a realidade vivenciada por estes educandos.

Ademais, o desenvolvimento das atividades com a temática da “Vacinação” também me permitiu trabalhar os conhecimentos acumulados ao longo da minha formação e a melhor forma de adaptar esse conhecimento para atender as necessidades de uma pessoa que não tenha acesso ou acesso limitado ao conhecimento e informação.

Pedagogicamente temos o desafio de organizar o conhecimento teórico advindo da licenciatura a fim de torná-lo passível de compreensão para qualquer pessoa, e mais especificamente, para as crianças que mediamos no acolhimento institucional.

Dessa forma, levando em consideração todo o exposto acima, a prática adquirida enquanto bolsista PROLICEN

me possibilitou enxergar as potencialidades/habilidades para o exercício futuro da docência, na área da Ciências e Biologia.

Considerações Finais

A experiência de iniciação à docência no PROLICEN, somada às experiências como estudante universitária de origem popular, contribuiu significativamente com a minha formação acadêmica, pessoal e profissional, tendo em vista que foi possível participar de atividades de ensino que tinham cunho social e pedagógico, as quais também contribuíram com a formação de senso crítico e construção de conhecimento de crianças que encontravam-se em situação de vulnerabilidade socioeconômica e em Acompanhamento Institucional.

Essas experiências, agregadas ao contexto pandêmico, cultivou a capacidade de adaptação ao ensino remoto, trabalhando assim as habilidades necessárias para inovação na transmissão dos conhecimentos, que se faz necessária em cada docente ao longo da execução da sua carreira pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Governo Federal. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal 8.069/1990. Brasília: Presidência da República; 1990.

FONSECA, P. N. **O impacto do acolhimento institucional na vida de adolescentes**. Rev. psicopedag., São Paulo , v. 34, n. 105, p. 285-296, 2017.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia.** *Dialogia*, São Paulo, n. 34, p. 351 – 364, 2020.

MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula.** Brasília: UNB, 2006.

OPAS – **Organização Pan-Americana da Saúde.** Folha informativa sobre COVID-19. Brasília (DF); 2020.

RODRIGUES, E. D. **Metodologias no ensino remoto de Biologia do Desenvolvimento Humano: percepção de discentes do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba.** 2021. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas), Universidade Federal da Paraíba, 2021.

RODRIGUES, E. D.; MELO, C. G. F. **Metodologias ativas no ensino remoto de Embriologia e Histologia: um relato de experiência.** *Revista de Ensino de Ciências e Matemática - REnCiMa*, São Paulo, v.12, n.6, p. 1-18, 2021.

ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L. O. **Desafios da formação de professores iniciantes.** *Pág. Educ.*, v. 6, n. 1, p. 83-96, 2013.

SANTOS, G. C. Ribeiro D. **O que é Lugar de Fala?** *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 43, n. Especial 8., p. 360 - 362, 2019.

SILVA, L. L. S. *et al.* **Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da COVID-19 no Brasil:** caracterização e análise epidemiológica por estado. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 9, p. 1-15, 2020.

TERRIBILI FILHO, A.; NERY, A. C. B. **Ensino superior noturno no Brasil:** história, atores e políticas. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 25, n. 1, p. 61-81, jan./abr. 2009.

VASCONCELOS, S. D.; LIMA, K. E. C. **O professor de Biologia em formação:** reflexão com base no perfil socioeconômico e perspectivas de licenciandos de uma universidade pública. *Ciência & Educação*, v. 16, n. 2, p. 323-340, 2010.

10

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Maria Eduarda Alves Andrade¹

O presente artigo trata-se de um relato de experiência que tem como objetivo refletir sobre as vivências que contribuíram para a construção da minha vida acadêmica como estudante de origem popular, graduanda do curso de Pedagogia, na pretensão de ser a primeira da família a cursar uma universidade pública. Como também, como bolsista do projeto de extensão “Diálogo e Colaboração na Mediação Pedagógica da Escola que atende crianças e adolescentes residentes em casas de acolhimento (DIM-PECARCA)”, da Universidade Federal da Paraíba, no ano de 2021.

Em primeiro plano, descreverei meu lugar de fala, que tratará das minhas vivências pessoais até a chegada à universidade pública.

No segundo momento, dialogarei sobre a experiência universitária que envolve a formação acadêmica e o campo de ação do projeto Dimpercarca/PROBEX/PROLICEN ao longo da jornada de forma-

¹ Graduanda de Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

ção inicial (primeiros momentos de ingresso e admissão como bolsista no projeto de Extensão)²

Por fim, a seção que versará sobre as Aprendizagens para a futura atuação profissional, traduzirá as contribuições ofertadas ao meu percurso acadêmico que se refletirão na futura prática profissional na qualidade de Pedagoga e ex-aluna extensionista na área de Educação.

1. Meu lugar de partida: Zona Leste de São Paulo – São Paulo

O artigo em tela trata de uma narrativa de experiências produzida na 1ª pessoa de forma subjetiva e detalhada. Estudante de rede pública, com quatro irmãos, moradora de um bairro humilde da Zona Leste de São Paulo, o pai pintor e analfabeto, a mãe dona de casa e semianalfabeta, uma paixão por ensinar e a primeira da família a ingressar através do Sistema de Seleção Unificada (SISU) em uma universidade pública, é assim que essa história se inicia.

Aos 11 anos de idade, comecei meu processo de alfabetizadora, juntamente com minha irmã para ensinar meu pai a ler e escrever seu próprio nome. Ele estava em busca de uma oportunidade de emprego³ e o cargo, ao

² Destacarei na referida seção, como se deu o meu desenvolvimento como aluna do curso de Pedagogia e bolsista de um projeto de Extensão, acompanhando uma criança residente em casa de acolhimento auxiliando-a na superação das suas dificuldades de aprendizagem.

³ Sendo assim, meu pai tinha o entendimento de que uma das únicas formas de melhorar as condições de trabalho e de vida, só se daria através da educação.

qual se candidatara, exigia que realizasse uma prova de conhecimento geral.

Para tanto, se faz necessário refletir sobre a qualificação como elemento necessário para inserção dos sujeitos no mercado de trabalho, pois, “[...] para que um cidadão possa participar politicamente de uma sociedade complexa, como a nossa, é preciso ter conhecimento de um conjunto de informações e o domínio da cultura letrada”. (ALVES E ARRUDA, 2014, p.12). Assim, esta formação era essencial para que meu pai pudesse se inserir no mundo do trabalho, participar de forma consciente na política, além de se tornar um sujeito crítico e conhecedor de seus direitos.

Quanto ao processo de alfabetização⁴, depois de muito esforço, finalmente obtive êxito, pois meu pai lê e escreve seu próprio nome, como também lê textos e escreve pequenas frases. Alfabetizá-lo foi, sem dúvida, uma das minhas maiores realizações, pois percebi e entendi que tinha o dom para ensinar.

Aos 20 anos de idade, em 2017, após realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) fui selecionada pelo SISU para cursar Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba. A minha avó com 84 anos na época, não mediu esforços para que eu pudesse realizar esse sonho, mas também da minha mãe, que mesmo com pouco estudo

⁴ Para ensiná-lo a ler e escrever, utilizava uma geladeira quebrada na área de serviço da casa para fazer de lousa e giz que arrumara na escola com as professoras e assim começava o processo de alfabetização. Ele já tentara estudar na EJA algumas vezes, mas por vergonha e pelo machismo velado, abandonara a escola com a mesma intensidade. No ano de 2022 meu pai decidiu voltar aos estudos

sempre incentivou os seus filhos a estudarem, pois acreditava que a educação era um meio para transformação social. Posso afirmar que minha família foi o maior incentivo para o ingresso na universidade.

2. O *lócus* da Experiência universitária

O curso de Pedagogia proporciona o estudo de metodologias específicas e também o funcionamento dos sistemas de ensino, mas foi através de um projeto de Extensão via Edital PROBEX, que estive pela primeira vez desenvolvendo as habilidades pedagógicas construídas ao longo do curso e reafirmando a minha identidade como futura educadora.

Ingressei no projeto acima referido (DIMPECARCA) no ano de 2021, em meio a pandemia do novo coronavírus ou COVID-19, que

[...] Após a chegada da COVID-19 no Brasil, diversas medidas de controle e prevenção da doença foram tomadas pelas autoridades sanitárias locais em diferentes esferas administrativas (governo federal, governos estaduais e municipais). Essas medidas[...] mais difundida pelas autoridades foi a prática do distanciamento social, entendida de forma geral pela população e pela mídia, como isolamento social. (BEZERRA *et al*, 2020, p. 2)

Diante do cenário apresentado por Bezerra (2020) e tendo em vista a necessidade de distanciamento social, o projeto Dimpecarca desenvolveu suas ações na modalidade remota e teve como alvo elaborar estratégias de colaboração pedagógica em tempos de Pandemia da COVID-19,

através de encontros de formação continuada⁵ (de forma remota), como também acompanhamento pedagógico à crianças e adolescentes em acolhimento institucional.

Uma das minhas atribuições como bolsista, foi acompanhar e realizar mediações pedagógicas personalizadas à uma menina de 9 anos⁶ que se encontrava em acolhimento institucional. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

O acolhimento institucional e o acolhimento familiar são medidas provisórias e excepcionais, utilizáveis como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade. (BRASIL/ECA, 2009, p.55)

Desse modo, era entendido que a reintegração familiar ou uma possível adoção, poderia vir a ocorrer a qualquer momento durante o acolhimento institucional.

O acompanhamento pedagógico ocorria de forma remota através do uso da plataforma digital *Google Meet*, e os encontros eram realizados uma vez na semana, com a duração de sessenta minutos (1h).

⁵ Formação continuada para profissionais da educação vinculados às escolas da Rede Pública Municipal e/ou Estadual, nas quais estudam crianças e adolescentes que apresentam distorção idade/ano e são oriundos de Casa de Acolhimento

⁶ Seu nome é Ana (nome fictício para resguardar sua identidade), residente com seus dois irmãos, na casa de acolhimento Morada do Betinho, em João Pessoa - PB.

Essa alternativa do ensino remoto disponibiliza ferramentas para o uso de tecnologia que facilita a interação entre alunos e professor para que assim contribua de forma significativa com o processo de ensino aprendizagem do aluno. Desse modo, a modalidade de ensino remoto tem sido a solução encontrada para abranger toda a esfera de ensino. (OLIVEIRA, 2021, p.3)

Considerando a importância do projeto na busca pela transformação social das crianças e adolescentes acompanhadas, optamos por usar o ensino remoto a nosso favor, já que esse era o único meio de mantermos as ações desenvolvidas durante a crise de pandemia da COVID-19, incluindo-se aí, a mediação pedagógica⁷.

Lembro-me bem do primeiro encontro de mediação pedagógica com Ana⁸ que não sabia ler corretamente e escrevia apenas copiando algum texto sobreposto⁹. Naquele momento compreendi que tínhamos um grande trabalho pela frente.

Diante da falta de aparelhos tecnológicos e conexão Wi-Fi estável na Casa de Acolhimento, a realização das mediações só era possível, se os Educadores sociais de plantão na casa cedessem seu aparelho celular.

⁷ Para a realização da mediação pedagógica, era necessário planejamento prévio das atividades a serem aplicadas, com temas mensais, selecionados e planejados em parceria com os bolsistas do PET (Programa de Educação Tutorial) Conexões de Saberes e os bolsistas Prolicen.

⁸ Menina doce, pouco desconfiada, mas muito disposta a aprender e cursava o 4º ano do ensino fundamental,

⁹ Os dados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) do ano de 2020, mostram que mais de um quarto de crianças chega ao final do 3º ano lendo apenas palavras com sílabas simples ou não lê nada. E em tempos de pandemia esse quadro piorou.

Uma pesquisa feita no ano de 2021 pela Fundação Lemann, com pais e responsáveis de estudantes da rede pública de ensino, para identificar o desenvolvimento das crianças no período de pandemia, constatou que 88% dos estudantes matriculados no 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental, estariam em processo de alfabetização, mais da metade (51%) das crianças, permaneceram no mesmo estágio de aprendizado, ou seja, não aprendeu nada de novo (29%), ou desaprendeu o que já sabia (22%). Esse foi um grupo particularmente sensível às dificuldades dos mais de 18 meses de ensino à distância na pandemia.

No caso de Ana, isso não foi diferente, tendo em vista todo o seu contexto e a falta de suportes tecnológicos na casa de acolhimento, e, por consequência, o seu baixo desempenho. Nesse período, o projeto propiciou um papel fundamental para seu processo de aprendizagem.

E o processo se iniciou, não estaria apenas alfabetizando Ana, mas também letrando, como aponta Touro *et al* (2020, p.3) "não basta o aluno aprender a ler, é preciso que ele tenha condições de usar a língua em todas as práticas sociais de leitura e escrita". Desse modo, o letramento é a habilidade de saber ler e escrever, de acordo com o contexto das práticas sociais.

Ana apesar de não saber ler, sabia mexer no smartphone e em plataformas digitais como Youtube¹⁰. Como atividade, propus ditado com palavras simples ao que ela

¹⁰ Essa plataforma disponibiliza um microfone para a busca de conteúdos só com o uso da voz e isso ela sabia fazer muito bem, inclusive já havia tido contato com o alfabeto em anos anteriores, mas não gravava bem as ordens das letras. Sendo assim, sugeri no nosso primeiro encontro que procurasse o alfabeto no Youtube para aprender a ordem correta da escrita.

prontamente correspondeu, mesmo apresentando alguns erros, mas sempre disposta a corrigir e aprender¹¹.

Para as atividades desse primeiro mês de mediação, a temática utilizada foi “autoestima”. Essa temática foi interessante ser trabalhada, pois percebi como a baixa autoestima¹² de Ana, influenciava diretamente no seu processo de aprendizagem.

Sobre autoestima no processo de aprendizagem, Morente, Filella e Ribes Castells (2015, p. 10 *apud* RÊGO e CAMPOS 2021, p. 2) afirmam que “a autoestima demonstrou ser um fator determinante para otimizar rendimento acadêmico e social dos estudantes. Uma autoestima em alta traz benesses tanto ao aluno quanto ao docente.”

Trabalhar a autoestima das crianças em processo de alfabetização se faz de extrema importância, tendo em vista que, o não saber ler e escrever geram inseguranças.

A partir desse momento, sabia qual seria o foco: trabalhar a autoestima e autoconfiança de Ana através da afetividade, pois as crianças são seres que quando tratados com afeto têm mais chance de se desenvolver emocional e intelectualmente. Para Gazaro (2018, p.8) “a afetividade está inteiramente ligada ao intelectual, agindo como um despertador para as motivações, as ações e a razão, por isso que muitas vezes temos mais interesse pelo que gostamos”.

¹¹ O conhecimento prévio de Ana sobre o que estava sendo estudado durante o acompanhamento pedagógico contribuía para acessar as informações e superar as dificuldades. Na verdade, necessitava de estímulos vindos daqueles que a rodeavam

¹² Durante o momento de reflexão sobre si mesma, Ana mal conseguia descrever uma qualidade sua.

O que significa dizer que ao trabalhar a afetividade com Ana despertaria assim, o seu interesse para participar das mediações e, desse modo, se desenvolver cognitivamente.

Em toda mediação tinha sempre o cuidado de perguntar como Ana estava, como havia sido o seu dia, sua semana e se tinha algo que ela gostaria de me contar. Logo em seguida, apresentava as atividades e começamos o processo de alfabetização, que de início apresentava insegurança¹³.

De acordo com Piaget (2007, p. 21 *apud* GAZARO, 2018, p. 8), "existe, com efeito, um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual". Assim, quanto mais trabalhada a afetividade da criança, mais desenvolvida será a intelectualidade da mesma.

Logo, Ana já perguntava durante as mediações o que tinha para ler, quais as atividades que iríamos fazer e foi assim, durante cinco meses. No último mês de mediação¹⁴, conseguia ler pequenas frases e escrevia palavras um pouco mais complexas, o que refletia sua autonomia.

¹³ Ana dizia que não sabia juntar essa ou aquela sílaba e falava que não iria mais participar, ficava tristonha e sem motivação, mas quando eu lhe falava palavras de conforto e demonstrava que confiava nela e acreditava no seu potencial, ela tentava novamente.

¹⁴ No último mês de execução (novembro/2021) das mediações promovemos a entrega dos certificados para as crianças e adolescentes acompanhadas pelos projetos PET/PROBEX/PROLICEN e na ocasião me despedi de Ana, e estavam presentes os pais. Podemos dizer que foi um momento de alegria com troca de abraços e de conversa. Ao final, me surpreendi com o recebimento de uma cartinha que ela mesma havia escrito: "Obrigada por tudo, te amo tia". Fiquei emocionada com essa demonstração de carinho e feliz por sua evolução e amadurecimento.

Em novembro de 2021, Ana e seus dois irmãos estavam em processo de adoção. A notícia me trouxe uma alegria imensa, afinal, não é todo dia que se concretiza uma adoção tardia. Para Silva (2018, p.4):

Considera-se tardia a adoção de crianças que tenham uma percepção maior de si, do outro e do mundo. Julga-se maior a criança que já consegue se particularizar distinguindo-se das outras, isto é, a criança que não é mais um neonato, que possui uma devida autonomia do adulto para a realização de suas necessidades básicas.

Ana é a mais nova dos irmãos, o mais velho tem 14 anos, e essa adoção aconteceu como forma de um milagre, pois mereciam ser felizes e estar em um lar que os acolhessem e que lhes dessem muito amor. De outro lado, as mediações pedagógicas contribuíram para a aprendizagem dessa criança, pois: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”. (FREIRE, 1983b, p. 104). E assim, conclui que não há aprendizagem sem afetividade, isso aconteceu tanto com meu pai, como também com Ana¹⁵.

3. Aprendizagens para o futuro exercício da docência

Através da extensão, descobri a profissional pedagoga que desejo ser, com competência, paciência, maturidade, respeito e amor pelo que se está fazendo. Além de querer estimular o desenvolvimento pessoal e o pensa-

¹⁵ Para ambos (meu pai e Ana) foi necessário que houvesse uma entrega da minha parte e uma confiança para que assim o desenvolvimento dessa aprendizagem acontecesse.

mento crítico dos alunos, através da afetividade e o compromisso com o processo de ensino-aprendizagem¹⁶.

O curso disponibilizou disciplinas de planejamento e didática, mas foi através das ações desenvolvidas no projeto que consegui de fato desempenhar o meu papel como mediadora e futura professora. Santos, Silva e Oliveira (2019) exemplificam isso muito bem quando afirmam que:

A imersão na prática, no período de formação inicial é essencial para a formação de um professor crítico, criativo, reflexivo e autônomo, que valoriza a teoria como elemento inerente à prática, e que reconheça a necessidade do estudo permanente no que tange aos conteúdos curriculares. (SANTOS, SILVA E OLIVEIRA, 2019, p.12)

Relacionar teoria e prática é essencial, já que, elas não podem ser separadas, e são bases essenciais para os processos de ensino e aprendizagem. Estar trabalhando diretamente com crianças em situação de vulnerabilidade social, oportunizou observar e buscar conhecer o contexto dos meus futuros alunos, pois é de grande valia reconhecer essa condição (vulnerabilidade) e seus efeitos na formação dos estudantes da educação básica.

A aproximação com a realidade da escolarização e preparação para o futuro exercício da docência,¹⁷ portanto, se deu dentro da casa de acolhimento, possibilitando experiências de metodologias para o trabalho na sala de au-

¹⁶ O professor deve estar dotado de diversos saberes, os quais são constituídos pelos contextos histórico, social e cultural que são vivenciados e transformados em experiências.

¹⁷ Conferir Santos, Silva e Oliveira (2019, p.12)

la, contribuindo para minha formação enquanto futura pedagoga, extensionista e pesquisadora.

Considerações Finais

Estudante de origem popular têm existência, presença e potência na vida da Universidade. Estar diante de um projeto que trata diretamente com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social me fez abrir os olhos como futura docente para o contexto escolar que muitos alunos de escolas públicas estão inseridos. Pensar as práticas pedagógicas buscando incluir esses sujeitos, ajudando-os a se perceberem como indivíduos na sociedade é tarefa crucial.

Considero que o projeto estimulou a prática do diálogo interdisciplinar, multidisciplinar por ter contado com a colaboração de profissionais e estudantes de diversas áreas, tais como: Letras, Ciências Biológicas, Direito, entre outras, desde as reuniões de planejamento das atividades a serem executadas como também durante as oficinas de formação continuada de professores. Isso proporcionou o enriquecimento do meu pensamento crítico e visão de mundo, como também, contribuiu para a construção de um conhecimento significativo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luzivania Galdino Santos; ARRUDA, ALMM. **A Educação de Jovens e Adultos como Transformação Social**. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, v. 5, n. 1-FAC, 2014.

Bezerra, Anselmo César Vasconcelos et al. **Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19.** *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2020, v. 25, suppl 1 pp. 2411-2421. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>>. Epub 05 Jun 2020. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>. Acessado 30 Abril 2022.

BRASIL. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.** Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras
FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b. **providências.** Diário Oficial da União. ano 1990, Disponível em: <<https://cutt.ly/yECVBmB>> Acesso em: 30 abr. 2022.

Lima, Claudio Márcio Amaral de Oliveira **Information about the new coronavirus disease (COVID-19).** *Radiologia Brasileira* [online]. 2020, v. 53, n. 2, pp. V-VI. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-3984.2020.53.2e1>>. Epub 17 Abr 2020. ISSN 1678-7099. <https://doi.org/10.1590/0100-3984.2020.53.2e1>. Acessado 30 Abril 2022.

OLIVEIRA, Edinaldo Aguiar de. **Ensino remoto: o desafio na prática docente frente ao contexto da pandemia.** *Revista Educação Pública*, v. 21, nº 28, 27 de julho de 2021. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/28/ensino-remoto-o-desafio-na-pratica-docente-frente-ao-contexto-da-pandemia>> Acesso em: 01 junho 2022

RÊGO, L. C. .; SANTOS E CAMPOS, M. A. . **A influência da autoestima no processo de ensino-aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino básico das escolas municipais de Teresina - Piauí .** *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 7, n. 11, p. 924-942, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i11.3124.* Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3124>> Acesso em: 22 maio. 2022.

TOGNONI, Roní. **O impacto da pandemia na alfabetização no Brasil**. São Paulo, 8 nov. 2021. Disponível em: <https://fundacaolemann.org.br/noticias/o-impacto-da-pandemia-na-alfabetizacao-no-brasil>. Acesso em: 1 maio 2022. Acesso em: 01 junho 2022

11

O DIREITO À EDUCAÇÃO EM CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: UM OLHAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Michelly Matias Miranda¹

O presente trabalho é fruto das experiências enquanto bolsista no PET/Conexões de Saberes Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas e tem como objetivo refletir sobre a contribuição das ações desenvolvidas no projeto para a formação acadêmica e profissional, bem como sobre os desafios educacionais enfrentados durante o período de isolamento social.

Nessa perspectiva, o trabalho parte do olhar individual sobre os aspectos da pandemia, a adaptação das atividades para o formato online, as dificuldades impostas, a problemática que circunda a questão, o modo de enfrentamento, a experiência adquirida e as aprendizagens para a vida profissional.

¹ Graduanda de Direito pela Universidade Federal da Paraíba.

Para cumprir com o exposto, foram visitados artigos e textos com o intuito de melhor aprofundar os pontos aqui discutidos, uma vez que se procurou analisar as dificuldades educacionais dos acolhidos em tempos de pandemia e as aprendizagens para nossa formação, mas para isso, é importante indicar de onde parte esta apreciação. Com vocês, meu lugar de fala.

1- Meu lugar de partida: Penaforte - Ceará

Sou brasileira, nordestina e oriunda de uma cidade do interior chamada Penaforte, localizada no extremo sul do estado do Ceará, com cerca de 9.000 (nove mil) habitantes, lugar em que tenho minhas raízes, onde cresci e estudei.

Ainda criança, durante meu percurso escolar, descobri o gosto pela leitura quando tive contato com dois livros em especial, "A formiguinha e a neve" e "O pequeno príncipe", essas narrativas cativaram meu coração de tal maneira que fizeram com que eu gostasse de ler e sempre estivesse a procura de uma nova história, de um novo lugar e de novos personagens.

O hábito de ler fez com que eu me tornasse uma garotinha cheia de sonhos, ainda pequena, pensava em ser vendedora de cosméticos de beleza, atriz, psicóloga, e isso foi só o começo. Com o tempo, meu maior sonho era ser aprovada em uma universidade pública, no curso de direito, porém, nem todo mundo acredita e apoia os nossos sonhos. Na verdade, dentro do próprio ambiente escolar, ouvi de um educador que seria: "muito difícil um estudante de escola pública passar em uma federal", escutar

isso de um professor, que deveria nos motivar é, no mínimo, desestimulador.

Contudo, a opinião dos outros não possui o poder de nos parar, assim, comecei a minha preparação de estudos para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que perdurou por 2 anos. Durante essa época, a frase que mais me motivava, e ainda me motiva nos estudos hoje, é do personagem Rocky Balboa² e diz que “Todo campeão foi um dia um competidor que se recusou a desistir”.

Essa frase está certíssima, quem não desiste, uma hora é aprovado, e no fim das contas, todo suor, empenho e dedicação, vale a pena. Eu consegui, passei, hoje sou estudante do 8º período do curso de Direito, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e o sonho que parecia distante, se tornou real.

No tocante a permanência na universidade, não poderia deixar de mencionar que a UFPB dispõe de auxílios estudantis, dos quais tive acesso a moradia e que figuram como uma política de fortalecimento ao acesso e permanência no ensino superior, para que estudantes de origem popular possam continuar os estudos.

2- Experiência universitária

No segundo período, enquanto universitária, tive a oportunidade de participar de dois projetos de extensão que agregaram muito na minha formação acadêmica, um deles, por desenvolver atividades no campo da assessoria

²Rocky Balboa é um personagem interpretado por Sylvester Stallone, em uma série de seis filmes que acompanham a trajetória do atleta, na busca de se tornar um grande campeão de boxe.

jurídica popular, apoio a grupos coletivos e movimentos sociais, e educação em direitos humanos. O segundo, por desenvolver atividades de formação sobre cidadania, saúde e direitos humanos, por meio da educação popular, com pessoas em situação de vulnerabilidade social e que vivem com HIV/Aids, Tuberculose e Hepatites Virais, vítimas de violações de direitos humanos.

Já no quarto período, tive a chance de participar do Projeto -Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, que atua nas casas de acolhimento em João Pessoa/PB, desenvolvendo atividades que contribuem para a escolarização, autonomia e protagonismo de crianças e adolescentes, advindos de situações de vulnerabilidade social, sendo este trabalho, fruto das experiências advindas desta atuação.

Embora o acesso ao ensino superior signifique a superação de uma barreira, no contexto de pandemia, as desigualdades educacionais foram intensificadas, uma vez que muitos estudantes sofreram prejuízos, seja pela falta de acesso a meios e recursos tecnológicos, seja pela falta de um ambiente tranquilo que favorecesse a aprendizagem.

Mesmo a educação sendo um direito fundamental de cada indivíduo e um dever do estado, tutelado pela Constituição Federal, o que a pandemia deixou em evidência foram as desigualdades e dificuldades no acesso à educação.

Em razão da pandemia, o sistema de ensino precisou se adaptar à nova realidade, embora muitos estudantes não tivessem sequer acesso a recursos tecnológicos ou a um ambiente de estudos que favorecesse a aprendizagem. Sem falar, nas fragilidades emocionais, saúde men-

tal, no impacto do isolamento social, na limitação do contato físico e na perda de pessoas queridas. Não podendo deixar de levar em consideração que todos esses aspectos afetam o desempenho do aluno.

Com as crianças e adolescentes assistidas pelo projeto não foi diferente e o desenvolvimento de atividades que dependiam muito da troca, do relacionamento, da criação de laços, também tiveram que se adaptar para o formato virtual, para que os efeitos da pandemia não prejudicassem, ainda mais, a escolarização desse grupo.

Para isso, as mediações passaram a ser realizadas de forma online, o que foi um grande desafio, uma vez que grande parte dos acolhidos não tinham celular, e por isso, dependiam do aparelho das coordenadoras das casas de acolhimentos que cediam seu aparelho pessoal, para que as mediações acontecessem. No caso dos adolescentes egressos, a internet, o aparelho celular, a falta de um ambiente adequado, foram as maiores dificuldades.

As reuniões de formação e estudo também foram adaptadas para a modalidade online, assim como a elaboração de oficinas, folders educativos, a produção da revista, a produção de conteúdo para as redes sociais, a participação em eventos de forma online e a escrita dos artigos que compõem o livro e ebook publicados.

Os obstáculos não se limitaram apenas a falta de celulares, tablets, ou notebooks, eles eram muitos, faltava uma boa internet, um espaço adequado e minimamente silencioso.

Assim, todas essas questões se levantaram como instigantes, seja para a continuidade do projeto de forma online, seja para a aprendizagem no formato remoto.

Logo, a pandemia expôs as dificuldades e a desigualdade no acesso à educação, e quando se trata das crianças e adolescentes residentes em casas de acolhimento, todos esses aspectos são intensificados, e além de enfrentar a violação de direitos, as dificuldades educacionais, a desestrutura familiar, a vulnerabilidade, eles também enfrentam questões de ordem emocional.

Segundo Silva (2013, p.2) ressalta que, “são muitos os aspectos que implicam no sucesso escolar. Um deles revela-se através do histórico de vida de cada criança, sua relação com a família e seu desenvolvimento social e psicológico”.

Desse modo, as atividades desenvolvidas pelo projeto, além de contribuir para a escolarização, autonomia e protagonismo das crianças e adolescentes, também contribui diretamente na formação dos graduandos. Tornando o nosso olhar mais sensível e humanitário, propiciando um sentido social para a formação em um curso superior, instigando em cada graduando a necessidade de dialogar, de reivindicar melhorias, de contribuir para a visibilidade de sujeitos, que por vezes são tratados como invisíveis pela sociedade. Sobre o assunto, Miranda (2019, p.21) *et al*, aponta que, “a partir das vivências observadas no campo das ciências jurídicas, percebe-se que na maioria das vezes existe uma invisibilidade dos grupos que são socialmente vulneráveis”.

Desse modo, a atuação nas casas, nas redes sociais, a produção de trabalhos científicos, a publicação de livros, colaboram para a visibilidade desse público, que por meio das ações do projeto, é possível proporcionar um espaço de fala, de diálogo, de debate sobre a problemática, que

contraria uma visão deturpada da sociedade, e até mesmo de professores e diretores que enxergam esses meninos e meninas como “marginais”, quando na verdade, e é bom que se diga, o acolhimento institucional é uma medida protetiva destinada às crianças e adolescentes em situação de risco.

Inclusive, a discussão sobre essa problemática é fomentada desde o momento de ingresso dos graduandos durante a formação inicial em que são abordados diversos temas pertinentes ao assunto e se aprofunda com a experiência advinda das ações que impactam na profissionalização de cada graduando.

3- Aprendizagens para a atuação profissional

No campo do Direito, as experiências adquiridas corroboram para um olhar mais crítico e sensível no que diz respeito não só a dignidade, como também a negação e violação de direitos, principalmente, em relação à educação.

Conforme estabelece o artigo 205º, da Constituição Federal, “[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Justamente por ser um dever, o estado não pode se colocar na posição de escolher que parcela da sociedade será resguardada e qual não.

Isto porque, todos, sem distinções de qualquer natureza, merecem ter seus direitos tutelados pelo simples fato de ser humano. Nas palavras de Tosi (2019, p.19): “[...]”

a definição mais simples e comum diz: direitos humanos são os direitos que pertencem ao ser humano, pelo simples fato de ser humano”.

A questão é que quando o estado deixa de proteger, isto é, de garantir que as disposições normativas sejam colocadas em prática, para garantir a todos os cidadãos, o direito à vida, à saúde, ao trabalho, comida, moradia e educação, ao invés de proteger, ameaça. De acordo com Arroyo (2019, p. 157):

Nos tempos de Estado de Direitos se afirmava que a educação é dever do Estado, da sociedade e da família. Quando o Estado de quem esperar proteção ameaça vidas, torna-se uma exigência articular famílias, mães, escolas, educadores, gestores para proteger vidas ameaçadas até pelo próprio Estado.

Quando esse acesso à educação é negado, desprotegido ou deixado de lado, diversos outros direitos também o são, sejam direitos civis, políticos, econômicos ou sociais, uma vez que a formação de cada indivíduo influencia no seu modo de pensar e agir. À vista disso, o direito a educação é essencial, por ser responsável pela aprendizagem, desenvolvimento e formação das crianças e adolescentes, inclusive, para Arroyo (2019, p. 234), a educação, sobretudo, as ciências humanas, “[...]continuam teimando em formar humanos capazes de atrever-se a pensar para ser capazes de fazer escolhas morais”.

As crianças e adolescentes em situação de acolhimento são vítimas, devido à sua condição advinda da vulnerabilidade. Contudo, o estímulo no sentido de direcioná-los para a superação das situações de fracasso escolar,

bem como a conscientização na busca pelo protagonismo, autonomia e responsabilidade, são formas de implementar a cultura da educação em direitos humanos, para que, eles superem tanto a condição, como o rótulo de “vítima”, a fim de assumir o papel de sujeitos de direito. Essa consciência é muito importante, conforme Silveira (2007, p.242):

Os questionamentos levantados até aqui apontam para a dimensão vivencial dos sujeitos sociais, e para a necessidade de uma constante auto-reflexão que nos mostre o lugar de onde estamos falando, nossos próprios dilemas e contradições, assim como daqueles sujeitos com os quais estamos atuando. O nosso argumento não se restringe a uma expansão da autoconsciência dos Direitos Humanos em abstrato, mas a tomada de consciência e sua tradução em práticas efetivas de que a questão fundamental hoje é pensar e agir de acordo com a ideia tão comentada em termos gerais que é a sua construção com os sujeitos sociais nas suas configurações concretas.

Isso significa que é indispensável ter a consciência de que cada um é sujeito de direito, no contexto em que está inserido, com seus dilemas, lutas e situações, para, a partir desse entendimento, assumir o papel de sujeito, de forma a pensar e agir, buscando o protagonismo e autonomia, participando dessa construção.

Logo, ao atuar junto às casas de acolhimento, tenho visto que existe uma carência na aplicabilidade das disposições normativas, bem como, tenho aprendido que as dificuldades relacionadas à educação, acabam dificultando a própria inclusão das crianças e adolescentes na sociedade e refletindo em outras áreas do seu desenvolvimento.

Essa experiência tem contribuído para minha formação profissional, por possibilitar o contato com situações que envolvem a supressão e a violação de direitos, assim como por entender a importância de defender a luta pela dignidade, pela proteção, igualdade e pelos direitos inerentes a cada acolhido. Além de compreender o contexto de vulnerabilidade social, de desestrutura familiar, pobreza e dificuldades que refletem na educação dos acolhidos.

Considerações finais

Diante do exposto, é possível afirmar que as atividades desenvolvidas pelo projeto contribuíram para nossa formação acadêmica e profissional, sobretudo, por possibilitar o contato com problemáticas sociais que envolvem a negação de direitos e como as situações de desestrutura familiar, a vulnerabilidade social, as fragilidades emocionais e as violações de direitos, reverberam no desempenho escolar dos acolhidos.

Para além disso, também identificou-se que a pandemia da COVID-19, trouxe inúmeros desafios para o desenvolvimento das ações, evidenciou como as dificuldades de aprendizagem são intensificadas no campo das casas de acolhimento, em que o desempenho escolar é influenciado por diversas questões, e espelha na baixa autoestima, na insegurança educacional e profissional.

Portanto, não restam dúvidas de que o maior ensinamento que fica da experiência e aprendizagem durante o período atípico de isolamento social, é que não se deve parar diante dos desafios e dificuldades, pois, é preciso

assumir o papel de sujeito de direitos e buscar enfrentar todos os obstáculos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Vidas Ameaçadas: exigências - respostas éticas da educação e da docência** / Miguel G. Arroyo. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

I. MIRANDA, Maria Conceição Gomes de. II. Costa, Isabel Marinho da. III. Furtado, Quezia Vila Flor. **Protagonismo Juvenil em casas de acolhimento: a ciência/experiência que provém da extensão universitária**. João Pessoa: Ideia, 2019. 184p. Disponível em: <<https://1drv.ms/b/s!AqmB0QWfvwyr6x12JxMMtESvaB8V>> . Acesso em: 22 fev. 2020.

SILVA, Sabrina Boeira. **Desempenho escolar de crianças em situação de vulnerabilidade social** (p.1-26). Revista Educação em Rede: Formação e Prática Docente. 2013. Disponível em: <<https://1rdv.ms/b/s!AqmB0QWfvwyrB0g6flwX9Zaa>> . Acesso em: 16 fev. 2020.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. *et al.* **Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

TOSI, Giuseppe. **O que são e quando surgem os Direitos Humanos?** Aproximações conceituais. Editora CRV, 2016. p. 19-41.

12

A TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL SE CONSTITUINDO NA RELAÇÃO EU-OUTRO

Nathalia Silva Santos¹

Introdução

Este artigo surgiu a partir das experiências vivenciadas durante o curso de graduação em Pedagogia, na UFPB, e objetiva contribuir, no meio acadêmico, com as informações e considerações reunidas nessa trajetória, até esse momento de conclusão do curso.

1- Meu lugar de partida : João Pessoa – Paraíba

É relevante considerar alguns elementos da minha história. Esse processo acadêmico envolve particularidades que podem modificar a perspectiva das vivências. Para situar as condições desse caso, devemos pontuar que se trata de uma acadêmica que provém de uma família periférica, de baixa renda e que foi mãe ainda na adolescência. Fato que a coloca junto de todas as

¹ Graduanda de Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

mulheres da família, por todas as gerações que teve notícia. Essa situação precoce e comum, interrompeu meus estudos, ainda no fundamental, e poderia consolidar o ciclo de pobreza e desestrutura familiar que me envolvia. No meu núcleo familiar, nas gerações anteriores, e buscando em todos os parentes que conheci, ninguém ingressou no ensino superior. Nesse meio, tal fato parecia algo inalcançável. Finalizar o ensino médio, já era considerado um feito “incrível”. Na visão de Arroyo (2016, p. 10), tal fato ocorre pois,

[...] a pobreza se repete, se alimenta de si mesma, ou está em lentas mutações circulares que deixam os (as) pobres no mesmo lugar, porque continuam sendo pensados como coletivos tradicionais, atolados em valores tradicionais que, na própria cultura pobre, reconstruem as mesmas visões, as mesmas técnicas elementares de sobrevivência, tal como se sua moral fosse insuficiente para o progresso econômico. (ARROYO, 2016, p. 10).

A sina desse mesmo destino foi mudada quando entrei na fase adulta. Aos meus dezoito anos, conheci alguém que me mostrou ser possível retomar os estudos e me forneceu as orientações e ferramentas necessárias. Dessa forma, suportada por condições e incentivo, foi possível ter a confiança necessária para voltar a estudar. A partir do momento que sentimos a segurança e o apoio de alguém que investe e confia no nosso potencial, podemos mudar a inércia que nos mantém em um caminho e, conseqüentemente, mudar nosso caminho.

Apesar das dificuldades, quando as conquistas, a evolução do aprendizado e as certificações dos conheci-

mentos básicos chegaram, o sonho de ingressar no ensino superior, antes inatingível, se apresenta como uma possibilidade real. Desse ponto em diante, estudar passa a ser uma parte essencial e possível. Não se cogita mais parar. Há um ponto no qual se consegue uma “medida” de autonomia e passa a ser mais fácil prosseguir.

De uma analfabeta funcional, sem a menor pretensão de estudar, por considerar que “não dava mais para o estudo”, a mudança de pensamento possibilitou uma dedicação com determinação. Foram três anos dessa formação básica com o objetivo de ingressar no ensino superior. Caminhar para a realização de um sonho que carrega o propósito de ajudar pessoas que, assim como eu, supõem que não conseguem estudar, que são incapacitadas, que “não dão para os estudos”.

2- Experiência universitária

Adentrei no curso de Pedagogia no ano de 2018. No início da minha trajetória acadêmica, já no segundo semestre do curso, veio o desejo de me envolver em algum projeto, mas não havia encontrado algum com o qual eu me identificasse. No ano de 2019, ao conhecer o Programa de Educação Tutorial PET/Conexões de Saberes - Protagonismo Juvenil em Periferias urbanas, me encantei e a empatia foi imediata. Estava ali parte da minha história. Situações similares vividas por muitas crianças e adolescentes periféricos.

Após um “ansioso” processo seletivo, já nas primeiras atividades, enfrentei um grande desafio, passei a exercer a função de mediadora, e fui designada para

acompanhar dois adolescentes, sendo um deles deficiente intelectual. Para Masetto:

A mediação pedagógica se reflete na postura do professor, o qual se caracteriza como um problematizador, apresentando-se com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem e não uma ponte estática, mas uma ponte rolante, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos (MASETTO, 2000 p.145).

Essa foi uma experiência completamente nova. Os raros contatos anteriores com pessoas com deficiência não serviriam como base para o desempenho dessa função. A sensação de estar perdida, só amenizou com uma intervenção da professora tutora do projeto.

Visando uma melhor forma de conduzir o processo de ensino e aprendizagem, buscou o auxílio de uma professora do Atendimento Educacional Especializado – AEE. Durante alguns meses, tivemos reuniões e foram detalhadas diversas particularidades do processo diagnóstico dos alunos com deficiência intelectual. Tal processo estima o nível de conhecimento e pontua características que personalizam os casos. Ficou evidente que se tratava de um processo mais complexo e que levaria mais tempo para que essas análises fossem concluídas. Com os testes diagnósticos já aplicados e analisados, em conjunto com a professora do AEE, comecei o processo de intervenção psicopedagógica com o adolescente.

3- Habilidades, competências e saberes profissionais

Devido às experiências vivenciadas no PET, descobri a minha área de atuação na pedagogia, busquei me aprofundar na área da educação especial, pois vi o quanto nossa sociedade ainda é falha quando o assunto é a inclusão das pessoas com deficiência no ambiente escolar e o atendimento educacional especializado. Segundo Ribas, Pires, Araújo (2019), alguns dos motivos para que isso ocorra, entre tantos outros, são as deficiências ou ausências de transporte escolar especializado, de colaboração da família, de professor do Atendimento Educacional Especializado em todos os períodos da escola.

Como uma pedagoga em formação, me envolvendo cada vez mais na área e comecei a participar também do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial – GEPE², bem como, atuei como monitora da disciplina de Educação Especial, visto que essas ações complementares me proporcionaram uma melhor atuação profissional e, durante a pandemia do Covid19, prestigiei diversos eventos da área.

Do ano que ingressei no projeto até o ano de 2022, tive uma trajetória com inúmeras vivências. Devido o PET/Conexões de Saberes – Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas, abranger o Ensino, a Pesquisa e

² GEPE é o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial, quem tem por objetivo produzir e disseminar conhecimentos acerca da questão, expandindo para além da área das deficiências e estimulando a realização, publicação e divulgação de Pesquisas nos mais diversos eventos e periódicos em âmbito nacional e internacional.

Extensão, desempenhei e tive experiências significativas em cada uma dessas áreas. No que se refere ao ensino, trabalhar como mediadora pedagógica, oportunizou o conhecimento sobre o que era uma casa de acolhimento e participar de modo efetivo, com vistas a um fator de mudança na vida de dois adolescentes.

Ao iniciar a mediação com os adolescentes, que irei denominar de (A) e (B), identifiquei que ambos estavam em disparidade idade/ano escolar. Com o adolescente (A), as mediações ocorreram no ano de 2019, vi o quanto criar vínculos com ambos os adolescentes seria importante no desenvolvimento do meu trabalho. De início, o adolescente (A) foi relutante, não gostava tanto dos momentos da mediação e, com um temperamento “forte”, tentou se “frustrar”, por achar que não iria conseguir.

Ele tinha momentos de fúria, mas, com o passar do tempo e alguma mudanças na metodologia aplicada, o adolescente (A) se mostrou aberto a aprender. O comportamento mudou bastante ao ponto de todos ao seu redor ficarem “abismados”. No final de 2019, o adolescente (A) se encontrava alfabetizado e sem muitas dificuldades na leitura e escrita. Para felicidade de todos, a sua mãe começou a ir nas audiências judiciais, que ocorrem nas casas de acolhimento, e conseguiu a guarda do adolescente (A) de volta, e dos seu dois irmãos. Tive o privilégio de vivenciar esse momento de reintegração de perto, pois sabemos que casos assim são raros de ocorrerem, visto que a taxa de reintegração familiar é mínima.

O acompanhamento pedagógico com o adolescente (B) teve início em 2019 e continua em 2022. Por se tratar

de uma pessoa com deficiência intelectual, tanto a professora tutora do projeto, quanto a psicóloga do adolescente, identificaram que seria melhor ele ser acompanhado por mim, enquanto eu fizesse parte do projeto, pois, no PET, os mediadores acompanham cada adolescente durante um ano.

No primeiro ano de mediação, após todas as análises documentais referentes à sua deficiência e orientações acerca do processo diagnóstico, iniciaram as intervenções psicopedagógicas com as adaptações das atividades, fazendo a aplicação de forma mais clara e objetiva das questões; houve a introdução de recursos visuais, buscando atribuir sentido aos textos e estimular a leitura imagética por meio da oralidade e escrita de palavras.

Com o foco em ampliar as suas habilidades e competências, busquei trabalhar, inicialmente, os pontos que o adolescente (B) tinha mais dificuldade, dentre esses pontos foram elaboradas atividades que desenvolvem a coordenação motora fina, a leitura, a escrita e a identificação das palavras. Utilizei de tecnologias como realidade virtual, aplicativos de jogos educativos, tudo para trazer o conhecimento de uma forma mais lúdica e interessante, que o estímulo visual, para o adolescente (B) era atrativo. No decorrer do processo, reaplicadas algumas das atividades para saber se estava ocorrendo uma melhora na aquisição das habilidades, e o resultado surpreendeu a todos, pois o adolescente que antes não conseguia executar o movimento de pinça, agora estava reconhecendo algumas letras.

Nos anos de 2020 a 2021, vivemos uma enorme mudança nas atividades do projeto devido a pandemia de Covid19. Todas as ações necessitaram ser readaptadas

e passaram a ocorrer de modo remoto. A princípio, como as casas de acolhimento não possuíam equipamentos com acesso a internet para acontecer às mediações de forma remota, então, o nosso grupo, nas reuniões semanais, decidimos realizar um planejamento geral para que os educadores das casas conseguissem aplicar de forma coletiva as atividades, e essa ação se cumpriu até o final de 2020.

Em 2021, as casas receberam auxílios da Prefeitura e recebemos equipamentos com acesso a internet para as nossas mediações. Nesse momento, visualizei o quanto seria desafiador essa readaptação, principalmente para o adolescente (B) que não conseguia manter o foco por muito tempo. Foi primordial readaptar todo o material, trazendo jogos de atenção, como caça-palavras, enigmas e tudo que possibilitasse o uso, de acordo com as temáticas abordadas.

No ano de 2022, o adolescente (B), que antes não conseguia segurar um lápis com destreza, está alfabetizado e lendo com mais facilidade a cada dia que passa. Atualmente, sua maior dificuldade provem do relacionamento com as pessoas. É possível que o isolamento da pandemia, tenha contribuído com essa dificuldade social. Ainda há muito a ser feito para que o adolescente (B) consiga conquistar a sua autonomia, visto que, por vezes, é desacreditado em relação ao seu potencial e, como mediadora, e também amiga, busco incentivá-lo e mostrar as ferramentas necessárias para que alcance os seus objetivos.

Essas ações são possíveis e as nossas reuniões são importantíssimas para esse sucesso. Elas concedem oportunidades colaborativas para executar os planejamentos, as pesquisas e discussões sobre a questão da vulnerabilidade social, dos direitos das crianças e adolescentes,

bem como a elaboração de materiais que visam contribuir com o nosso papel de sujeitos sociais. Visto que, a partir das nossas ações, conseguimos expor a voz para essas pessoas que estão passando por um processo delicado em suas vidas.

Nesse processo acadêmico, adquiri e ressignifiquei várias aprendizagens. Essa caminhada possibilitou abrir novos horizontes na minha perspectiva de vida profissional. A partir do momento que iniciei no projeto, enxerguei a minha vida acadêmica vislumbrar um novo rumo, com o surgimento de um novo olhar em relação à pedagogia. Um marco no qual passei a me dedicar aos estudos voltados às pessoas com deficiência intelectual que, até aquele momento, nem cogitava trabalhar.

É assustador testemunhar que, ainda hoje, a nossa sociedade carrega os estereótipos de que as pessoas com deficiência são incapazes de aprender, socializar e serem independentes. Tais pensamentos levam a exclusão, e resultam na falta de qualificação de pessoas que possam ajudar no processo de desenvolvimento desses sujeitos. Além disso, verifica-se o prejuízo nas pesquisas e discussões sobre os direitos das crianças e dos adolescentes, em situação de vulnerabilidade social, suas perspectivas e desafios. Contudo, desenvolvi minhas habilidades de comunicação e oratória, bem como, atuar em uma sala de aula observando as especificidades de meus alunos buscando enxergar sua trajetória de vida, visto que é, a partir dela, que conhecemos mais os nossos alunos.

Reitero que trabalhar em conjunto, desenvolvendo os planejamentos, foram cruciais no meu percurso, juntamente com as participações em eventos e produções

de artigos que enriqueceram o meu Currículo *Lattes*, possibilitando uma maior perspectiva para uma futura aceitação em um curso de mestrado.

Considerações finais

Ao passar por situações de vulnerabilidade no ciclo social que estava inserida, compreendi a necessidade de mudar a minha história de vida, com o auxílio de pessoas que acreditaram em mim, e com determinação, consegui modificar não só a minha trajetória, bem como, a trajetória de dois adolescentes neste percurso.

Acreditar no outro é o primeiro passo para a transformação. Foram anos de formação e dedicação, pois trabalhar com pessoas é algo delicado, principalmente, quando se trata de adolescentes com uma história de vida como as que mencionei. No entanto, acredito que cabe a nós, enquanto estudantes universitários, saber se queremos, simplesmente, passar pelo nosso curso apenas conhecendo os conteúdos obrigatórios ou viver uma experiência que ultrapasse os muros da universidade.

Hoje, reconheço que se faz necessário, ao ingressar no ensino superior, buscar se envolver em projetos acadêmicos que coincidam com os seus interesses, visando mudar não só a nossa história de vida, como também, de pessoas que por vezes acreditam que são incapazes de conseguir alcançar os seus objetivos.

Ingressar no PET foi fundamental na minha trajetória acadêmica e profissional, obter experiências que nunca haviam passado em minha mente, bem como, descobrir o tipo de profissional que almejo ser, e me proporcionar às

devidas ferramentas para me tornar uma profissional mais capacitada, possibilitando que eu pudesse me desenvolver no Ensino, na Pesquisa e Extensão, participando de eventos, elaborando artigos, me envolvendo em monitorias e grupos de estudos como o GEPE, isso tudo resultou, com toda certeza, usufruir de uma experiência acadêmica completa.

REFERÊNCIAS

MASETTO, Marcos Tarciso; MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

ARROYO, Miguel G. **Pobreza e currículo: uma complexa articulação**. DF: Ministério da Educação, 2016.

RIBAS, G. F.; PIRES, E. D. P. B.; ARAÚJO, S. B. **Estudos sobre a implementação da política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva - PNEEPEI em municípios brasileiros**. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 23, n. 3, p. 523-538, 2019. DOI: 10.22633/rpge.v23i3.12806. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/12806> . Acesso em: 12 out. 2022.

13

ROTA: DA FRUSTRAÇÃO À
REALIZAÇÃO DE UM SONHOTamires Pereira de Oliveira¹

O Programa de Educação Tutorial – PET, é um programa de nível federal que atua nos âmbitos da Pesquisa, Ensino e Extensão, no qual as nossas atividades do PET/Conexões de Saberes Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas estão ligadas à ações direcionadas a Casas de Acolhimento na cidade de João Pessoa – PB.

Minhas atividades no PET ocorre desde participar de reuniões, auxiliar nos planejamentos, cuidar das mídias digitais, mediar adolescentes residentes em casas de acolhimento, às atividades mais ligadas ao curso, como por exemplo, implementar e aplicar oficinas ligadas à horta pedagógica e desenvolver outras atividades envolvendo educação ambiental.

O intuito deste artigo é incentivar outras pessoas, de origem popular, a ingressar em uma universidade ou curso técnico, mostrar que os auxílios e bolsas contribuem de forma significativa para a vida do estudante, bem como, apresentar meu percurso acadêmico e pessoal no pro-

¹ Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura Plena pela Universidade Federal da Paraíba.

cesso de formação inicial de Ciências Biológicas e perspectivas para o futuro profissional.

1- Meu lugar de partida: Sapé - Paraíba

Sou discente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, nascida na cidade de Sapé – PB, oriunda de escola pública desde a infância, filha de pais com escolaridade fundamental incompleta, sempre incentivada por eles a estudar para obter melhores oportunidades. Mesmo com esse incentivo dentro de casa, muitas vezes era subestimada por vizinhos, no qual falavam que eu não teria um bom futuro, que não gostava de estudar, que era preguiçosa, dentre outros termos utilizados que acabavam afetando minha autoestima e me fazendo sentir incapaz.

Por algumas vezes busquei participar da seleção, de vestibulares e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para ingressar em Universidades Públicas da Paraíba, Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), mas não obtive sucesso. Até que um dia consegui passar em dois cursos técnicos, na época pelo Sistema de Seleção Unificada da Educação Profissional e Tecnológica (Sisutec), optei pelo período noturno (Técnico em Massoterapia), pois seria mais fácil para me deslocar para a faculdade Asper, localizada em João Pessoa, pois a Prefeitura da Cidade de Sapé disponibilizava ônibus nesse horário para os estudantes. Assim, por meio desse curso, enxerguei que era capaz de estudar e aprender, me convenci de que não era preguiçosa, mas o que faltava era acreditar mais em mim.

A partir desse curso surgiu a vontade de aprender mais e ao finalizar, surgiu a oportunidade de cursar o Técnico em Enfermagem em uma Escola Técnica Estadual que tinha aberto a pouco tempo na cidade. Desse modo, iniciei o curso, e nesse mesmo ano (2016) passei em Biblioteconomia e Ciências Biológicas na UFPB. Fiquei extremamente feliz e optei por estudar Biologia, por ter mais afinidade com a área e porque era uma disciplina que me encantava na época do colegial, tanto por considerar fascinante as curiosidades da vida, quanto pela dedicação da professora que nos ensinava de uma maneira que o conteúdo fosse facilmente aprendido.

Não foi fácil conciliar o técnico com a graduação, era extremamente cansativo, pois um curso ocorria no período noturno e, o outro, diurno. E por ser de outra cidade chegava em torno de 23h30 em minha residência; Muitas vezes ainda tinha atividades, trabalhos e provas para estudar para o dia seguinte, e precisava acordar às 6h00 da manhã para chegar às 7h00 no curso técnico; Além disso, precisava trabalhar nos fins de semana durante um período de tempo para ter recurso financeiro e pagar as despesas diárias que os cursos demandavam, visto que a renda fixa de minha família provinha apenas de meu pai.

Após a conclusão do curso técnico, decidi ingressar em um projeto da Universidade, pois além do aprendizado, a oportunidade de bolsa me ajudaria bastante. Nesse período que entrei no Programa PET, tudo se encaminhou. Após um período de tempo, busquei adentrar na residência universitária, pois estava muito cansativo continuar com os deslocamento na ida para a Universidade e o retorno para casa, todos os dias, de outra cidade. Quando

consegui morar na residência, observei que meu índice de aprovação aumentou, visto que tive condições para me dedicar mais ao projeto e ao curso de graduação.

2- TRAJETO NO PET: contribuições para minha formação docente

No PET desenvolvemos diversas atividades, como mediar os adolescentes diante das dificuldades que apresentavam no que se refere à escola e as relações sociais. Os planejamentos eram realizados mensalmente, uma parte das atividades, ocorria de forma coletiva, com construção a partir do diálogo com os outros mediadores. Definimos os temas em votação, como por exemplo: Identidade, Higiene Pessoal, *Bullying*, Escola como Aliada, Relações interpessoais, entre outras. Outra parte do planejamento, acontecia de modo individual pelo mediador(a), levando em consideração as dificuldades do adolescente no contexto escolar.

Além das atividades de mediação, tínhamos autonomia para sugerir e desempenhar outras ações, tal como a horta pedagógica, que foi desenvolvida na casa de acolhimento Morada do Betinho, na cidade de João Pessoa - PB, com outros alunos de Biologia e integrantes do projeto. A Horta Pedagógica objetivava trabalhar a Educação Ambiental em um espaço não formal, em que os adolescentes participaram durante todo processo, desde a montagem até a colheita do que foi plantado.

Durante esse tempo, implementamos oficinas pedagógicas integradas a horta, buscando sensibilizá-los para as questões ambientais, criando vínculo e respeito com o meio ambiente, cumprindo assim um dos objetivos fun-

damentais da Política Nacional de Educação Ambiental que traz em seu Art. 5º: a necessidade do "incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania." (BRASIL, 1999).

No ano de 2020, pouco tempo após ingressar na residência universitária, surgiu um novo desafio, enfrentar uma pandemia da COVID-19. Outros estresses apareceram, como: a ansiedade aumentou, não foi fácil a adaptação ao período remoto, uma vez que ninguém estava preparado para isso, o medo de contrair a doença ou de ver alguém próximo ser levado por ela causava inquietudes, também tinha a dificuldade para acesso aos meios eletrônicos, barulhos externos, e dentro de casa, a internet muitas vezes não ajudava.

O projeto Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas também necessitou se readequar e muitas atividades já planejadas não foram aplicadas. Refletimos sobre outras que facilitasse sua aplicação, e também o entendimento por meio dos adolescentes, pois mesmo com todas as dificuldades, mantivemos o projeto e continuamos com as reuniões e atividades.

A partir dessas adaptações, aprendemos a nos reinventar e adaptar nossas ações, sair do automático e refletir sobre outras formas de trabalhar, pois nunca sabemos os desafios que podemos enfrentar, e como futuros profissionais, necessitamos pensar em formas para a continuidade de nosso trabalho. De acordo com Nascimento (2010, p. 225-249):

No processo de formação de professores de ciências deve prevalecer um conhecimento-emancipação, possibilitando-lhes refletir sobre suas próprias práticas educativas, analisar e interpretar sua atividade profissional, fazendo da reflexão um instrumento de desenvolvimento do pensamento e da ação crítica.

Sendo assim, através da problemática enfrentada na pandemia, ocasionou-se o desenvolvimento, dos licenciandos/futuros professores (sendo de ciências e demais áreas), de competências que possibilitem uma boa reflexão do processo de ensino-aprendizagem no espaço educativo e de suas ações. Logo, estaremos também respeitando o objetivo do PET, no qual segundo Tosta (2005, p.1) argumenta que:

O PET tem como objetivo principal desenvolver ações que promovam uma formação ampla e de qualidade aos alunos envolvidos direta ou indiretamente com o programa, através de atividades de ensino, pesquisa e extensão intra e multidisciplinares, evitando a fragmentação e especialização precoce.

Assim, como aluna bolsista do PET, evidenciei avanços significativos na minha escrita e reflexões através de leituras. Aprendi a construir planejamentos de aula (uma vez que mesmo meu curso, não tem muitas vezes um foco para essa questão, mesmo sendo licenciatura), por trabalharmos com a educação individualizada por meio das mediações, adquirir conhecimentos que pretendo levar para a minha vida profissional, como futura educadora, como por exemplo, passei a compreender a importância de olhar para os alunos em sala de aula de maneira individual, uma vez que o aprendizado não acontece no

mesmo ritmo para todos os alunos, como também, buscar não ser uma professora apenas conteudista, mas sim preocupada em mediar uma aprendizagem significativa para os alunos, vislumbrando novas metodologias e atividades lúdicas que chamem a atenção deles.

Além disso, outro a ser considerado, são os saberes advindos do contexto sócio-histórico-cultural dos alunos, uma vez que a partir desses conhecimentos prévios, se torna mais fácil estimular uma aprendizagem significativa. Para o teórico Ausubel: “o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso os seus ensinamentos.” (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980, p.VIII). Consequentemente, as atividades, explicações e reflexões, estarão sendo associadas a história e ao cotidiano desses alunos. E como futura professora de Ciências e Biologia, mediante a experiência da horta pedagógica, estarei preparada para introduzir recursos didáticos e atividades teórico práticas que despertem o interesse no aluno para aprender mais.

Considerações finais

Considerando o objetivo principal do Programa de Educação Tutorial (PET), o percurso e as aprendizagens adquiridas como bolsista, ao fazer parte dele, sugiro a ampliação do envolvimento dos licenciandos nas ações de pesquisa, incentivando-os a descobrir, compreender e assumir a ação docente na perspectiva da pesquisa, uma vez que seremos não apenas professores, mas sim, professores-pesquisadores.

Proponho ainda, mudança na elaboração das atividades do projeto para evitar repetições das ações, uma vez que os adolescentes envolvidos no projeto alegam já terem feito atividades semelhantes nos anos anteriores. Dividir dois grupos para elaboração dos planejamentos pelos mediadores, um grupo que contenha os adolescentes que nunca participaram de ações ligadas ao projeto, e o outro grupo, a qual contenha os mediadores que acompanharão os adolescentes que já participaram dos anos anteriores do projeto, tendo neste, a possibilidade de trabalhar também atividades coletivas para auxiliar no desenvolvimento das relações sociais.

Ademais, com esse artigo, se torna possível direcionar e encaminhar pessoas que se encontram pelas mesmas situações em que eu estava tentando formular/encontrar uma forma de guia, sobre como permanecer na graduação ou curso de técnico, mesmo sendo advinda de origem popular. Tendo isso em vista, se torna imprescindível a divulgação e a ampliação de programas que ajudem/auxiliem os alunos, oriundos da camada da população mais carente, como as bolsas de assistência e permanência.

Dessa forma, espero que este contribua para que os discentes de diferentes cursos compreendam a importância das bolsas e projetos acadêmicos para diversas pessoas, e que os professores possam se sensibilizar e entender as dificuldades que muitos enfrentam para ingressar e permanecer dentro da instituição, e que busquem meios e novas metodologias que contribuam para não evasão desses alunos.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em: 1 out. 2022.

NASCIMENTO, F.; FERNANDES, H., L; MENDONÇA, V. M. **O ensino de ciências no Brasil: história, formação de professores e desafios atuais**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, 2010.

TOSTA, Rosa Maria et al. **Programa de educação tutorial (PET): uma alternativa para a melhoria da graduação..** Periódicos Eletrônicos em Psicologia, América Latina, ano 2005, n. 8, Novembro, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000400004#topo. Acesso em: 1 out. 2022.

14

PERCURSO FORMATIVO DE UMA JOVEM DE ORIGEM POPULAR À LUZ DA AUTORREFLEXÃO

Vanessa Costa Silva¹

O modo como compreendo a importância da educação, por vivenciar o contexto socioeducacional como jovem de origem popular, são os pontos de partida para a construção do presente artigo. Conforme as experiências na universidade se constituem necessárias às reflexões, inserindo nessa discussão, também, o delineamento das ações do projeto PET, durante o período de distanciamento social, ocasionado pela pandemia da Covid-19, nas perspectivas das dificuldades e aprendizagens.

Considerando esses aspectos, este artigo objetiva por meio da autorreflexão e das experiências vivenciadas durante a pandemia, indicar alguns elementos da minha trajetória formativa, do encontro com as minhas origens até ser selecionada no Projeto PET, e como foco principal reforçar a importância da educação no contexto atual.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

1- Meu lugar de partida: Nova Olinda - Paraíba

Numa de muitas das cidades da Paraíba, localizo-me em Nova Olinda, alto sertão do estado, cujo crescimento territorial da mesma localiza-se entre serras, assim, conjuntamente com outras cidades que integram o Vale do Piancó, em meio a diversificação da fauna e flora da caatinga e da diversidade humana. Mencionar a região a qual pertença é crucial para compreendermos o contexto e parte do motivo que me levou a buscar meu sonho de ingressar no ensino superior a 450 Km de distância, ou seja, em João Pessoa sede do Campus I, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Mediante a uma região de poucas oportunidades e subdesenvolvida, a falta de ofertas de universidade pública direciona muitos(as) jovens estudantes a migrarem para buscar formação acadêmica/oportunidades em outras cidades/estados, que ofertam o ensino superior público gratuito. Dentre isso, por ser jovem pertencente a uma família de baixa renda, só poderia dar segmento ao meu sonho de fazer uma graduação, através da universidade federal, quando a realidade incidente é o pouco incentivo a educação. Então, nem todos conseguem se inserir em espaços considerados elitizados, ou determinados a uma minoria, pois a renda é direcionada para a garantia das necessidades básicas de sobrevivência, um exemplo desta é a alimentação.

Em desenvolvimento contínuo, atualmente sou graduanda do sexto período do curso de licenciatura em pedagogia, se tratando de trajetória escolar, foi precedente de inúmeros desafios, um dos pontos que me toca ao bus-

car uma vaga na universidade. Assim, ao refletir sobre o meu lugar de fala, existia no meu interior algo latente, motivando-me a avançar nos níveis de escolaridade, refletido pelo meu persistir na busca do conhecimento.

Diante da negligência de direitos, ser estudante de origem popular não é apenas seguir buscando o saber socialmente valorizado, mas também, acreditar na renovação social que a educação proporciona. Inerente a esses fatos, está articulada a escolha pelo curso de Pedagogia, mesmo sem conhecer a área com profundidade. Hoje, como graduanda de Pedagogia, afirmo pela estima que tenho pelo curso, muito mais do gostar de crianças e ser docente, é ver a Educação, palavra simples, subjetiva, que em sua dimensão e no seio de suas ações, carrega múltiplos significados e perspectivas de transformação.

Partindo desses elementos que pontuam minha trajetória até a universidade, meu ingresso no ensino superior ocorreu no segundo semestre do ano de 2018, no curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba. A chegada a esse universo, não depende apenas de passar no ENEM e do preenchimento de vagas ofertadas pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), se faz necessário ter condições para se manter no local sede da universidade.

Nesse sentido, as Políticas de Assistência Estudantil funcionam como um divisor de águas para acesso e permanência no ensino superior, ou seja, a oferta de auxílios para que o(a) estudante tenha condições/meios que o(a) proporcione estar/ser parte desse universo e conseguir a sua formação. Das Políticas de Assistência Estudantil, o que assegura a minha permanência na graduação, provém

dessa oportunidade de ser contemplada com o auxílio Residência Universitária, portanto, sou residente.

Prosseguindo em relação ao elemento permanência na universidade, o Programa de Educação Tutorial PET-Protagonismo Juvenil em Periferias urbanas, ao qual menciono e participo como bolsista, desde meu ingresso no ano de 2019, tem garantido também seguir a minha formação.

2- Experiência Universitária

A partir do momento em que detendo-me ao universo pessoal e profissional, que é por nós também construído e carregado de sentidos, nossa ação parte de um contexto social pelo qual, “[...] não nos compreendemos fora de nossa prática social, porque esta, por sua vez, se encontra mergulhada em um contexto histórico-social concreto [...]” (ARANHA, 2006, p.6). Em confluência com esse aspecto, como fator fundamental, uma das perspectivas da educação é a possibilidade de transformação social como Freire indica que a educação “[...] modela almas e recria os corações, ela é a alavanca das mudanças sociais [...]” (FREIRE, 1989, p.18), com isso a possibilidade de mudarmos o mundo por meio de nossas práticas.

Assim, as oportunidades de intervenção na realidade, parte dos campos de experiências profissionais ofertadas, como os projetos de ensino, pesquisa e extensão, foi uma das possibilidades pelo qual participei da seleção do PET no ano de 2019, não apenas por se candidatar a vaga de bolsista, mas pela identificação social com as propostas do programa.

As ações do projeto se encontravam ainda em seu formato presencial, com a ida até as casas de acolhimento, tendo o contato semanal com adolescentes residentes em casas de acolhimento que faziam parte do acompanhamento pedagógico personalizado. Porém, isso tudo mudou, em um momento atípico, nos encontramos imersos, num mundo cuja emergência sanitária da pandemia, ocasionada pelo vírus da covid-19, afetou a dinâmica mundial, vimos o mundo paralisado diante do coronavírus, assim destacar o quão “[...] é impressionante como uma criatura tão pequena, invisível a olho nu, tem a capacidade de paralisar o planeta [...]” (SCHWARCZ, 2020, p. 3).

Com isso, a pandemia na minha vida teve alguns impactos, desafios e dificuldades na continuidade da vida pessoal e acadêmica, como questões de saúde mental com a mudança de rotina. Sendo esse momento de incertezas, o não retorno presencial, a princípio, forçou-nos a buscar alternativas no âmbito das nossas residências. Infelizmente, na maior parte do tempo, a indisponibilidade de internet, aparelhos tecnológicos adequados para seguir com a vida em seu formato online. Esse processo se configurou mediante um processo difícil, e das demandas da universidade como um todo, ocasionou impactos na formação, como o atraso do curso no momento da condução das disciplinas.

Em um primeiro momento, o choque da adaptação à rotina acadêmica de forma remota, não queria aceitar essa realidade, foi um período complexo, eu não conseguia ter perspectivas positivas sobre a realidade. Então, aos poucos, essas percepções que tive acerca do ensino remoto foram se modificando. E, o que mencionar do en-

sino remoto e continuidade das atividades? Como uma modalidade de ensino adaptando-se a esse cenário, é uma forma de educar, e aprendemos com o novo.

Por estar em formação no curso de pedagogia, penso na valorização das diferentes formas de ensinar e aprender, ampliar a visão de mundo acerca da educação, é identificar a existência da diversidade de pessoas, de contextos plurais. Cada forma de ensino leva em consideração as múltiplas formas de aprender, contando com a subjetividade de cada indivíduo. Considerando que se não fosse pelo ensino remoto, não teríamos prosseguido nos nossos estudos, e as consequências de um ensino presencial em plena pandemia seria adverso e fatal.

Em confluência com esses argumentos, temos as aprendizagens e diferentes maneiras de lidar com as ações remotas, agregadas ao esforço e adequação das possibilidades do online. Também estamos em momento de preparação, através do aprofundamento teórico, partindo de temáticas que contribuem com perspectivas acerca de temas do projeto, educação, direitos humanos e vulnerabilidade social.

3- Aprendizagens para atuação profissional

Estar inserida em uma graduação, Pedagogia no meu caso, trouxe à tona o novo, vivências e a construção do perfil profissional docente que concebemos ao longo da formação. Cursamos diversas disciplinas, que promovem o desenvolvimento de habilidades e os parâmetros para a organização pedagógica, o planejar as intervenções nos espaços educacionais, faz dessa futura pedagoga, uma

cientista que tem como objeto de investigação e apropriação a educação.

Dessa forma, construindo minha identidade docente, não nasci determinada a ser docente, porém, menciono Paulo Freire que contextualiza a minha formação, assim: “Vim me tornando desta forma no corpo das tramas, na reflexão sobre a ação, na observação atenta a outras práticas ou à prática de outros sujeitos, na leitura persistente, crítica, de textos teóricos, não importa se com eles estava de acordo ou não” (FREIRE, 2001, p. 43).

Estudamos a história, psicologia, sociologia, metodologias voltadas aos horizontes da educação. Para além da prática, temos a base teórica, a pesquisa, a leitura e a escrita, compondo as habilidades do percurso da formação. Tais aspectos, podemos mencionar que são uma novidade, já que fogem ao habitual, assim, para visualizarmos o novo, depende do acolhimento, que de acordo com Aranha (2006), enxergar o novo como possibilidade, pressupõe, por sua vez, novas formas de construção do saber e de poder, do desenvolvimento da consciência crítica e nas interações.

Perfazendo os caminhos do novo, como um dos elementos que contribuem para a minha atuação, é o foco e a clareza da intencionalidade das nossas ações e as interpretações da realidade acerca da educação, observamos que “[...] a educação exige intencionalidade e recusa o espontaneísmo na ação. Mas que também se beneficia de um espírito desarmado, disposto a reconstruir e abrir caminhos à força da imaginação” (ARANHA, 2006, p.640), logo, o planejamento de ensino, pelo qual, refletimos a nossa prática docente, é um importante instrumento que não é

uma constituído de ação posta como neutra ou imutável, mas carregada de intenções de poder e que precisa de flexibilidade, e principalmente atentar para a realidade dos sujeitos (crianças, adolescentes e adultos) a quem a nossa mediação do conhecimento está direcionada.

Sem esquecer da Educação Popular, ao retratarmos sobre minha postura enquanto docente em formação, ao mencionar os sujeitos, os contextos, a emancipação do pensamento, em nossa ação pedagógica, baseiam-se nessa concepção de educação como orientadora e elemento norteador das atividades de ensino que realizamos no projeto e, também, refletimos no curso de Pedagogia. Nesse viés, a prática docente, na busca da conscientização e o desenvolvimento do pensamento crítico/emancipatório, atentando com métodos e posturas, respeitando a subjetividade dos educandos (FREIRE, 1993), concretiza-se por analisarmos e intervimos como cientistas no contexto de vulnerabilidade social, propiciar uma visão de criticidade, sensibilidade e solidariedade.

Considerações finais

Com o intuito de traçar alguns pontos acerca da minha trajetória escolar de acesso no ensino superior, esse artigo buscou ao longo dos seus argumentos, uma autorreflexão, mediante as experiências vivenciadas durante a pandemia, bem como, discutir alguns elementos da minha trajetória formativa a partir da identificação social “ser estudante de origem popular”. Desse modo, ser estudante/jovem de origem popular, contextualizando, é estar inserido(a) em uma realidade de resistência e de esperan-

ça, superando os diversos obstáculos recorrentes dos muros sociais, na procura infindável de construir pontes através da educação.

Isso posto, andarilhar uma parte do caminho da graduação, em uma universidade pública, é transcender tais muros, pelo qual, requer coragem, persistência e determinação, não ser ingênuo diante do contexto social que vivenciamos. Sem esquecer as aprendizagens e conhecimentos adquiridos no projeto PET, que, inquestionavelmente, agregam valores e significação à visão que tenho acerca da importância da educação na e para a vida dos sujeitos.

Abarcando nestas breves palavras detalhes sobre o caminho que perfaz a minha singela construção (acadêmica e pessoal), quero reforçar mais uma vez a importância da educação, na qual, tem esse poder transformador do nosso ser, em especial, lembrar das pessoas que foram inspiração na história de uma jovem de origem popular em ascensão no curso de Pedagogia.

Aos meus pais e meus irmãos que são a base da minha vida, que sempre com sabedoria me apoiaram nas decisões/escolhas que tive, aos professores que em sala de aula no ensino médio constantemente reforçaram a relevância da educação e de ser fundamental ter uma graduação.

As minhas amigas, que em especial que me ajudaram com materiais e orientações nos estudos. Sublinho ainda, que jamais esquecerei do papel da leitura e dos livros, no qual faço as interpretações do mundo, e o quão me motivam nessa conquista.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006

ARROYO, Miguel G. **Vidas Ameaçadas**: exigências-respostas éticas e da docência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

SCHWARCZ, Lilia M. **Quando acaba o século XX**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

15

O PERCURSO DE UM LICENCIANDO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: PROTAGONISMO ACADÊMICO E PROFISSIONAL

Wagner da Silva Pereira¹

O presente artigo apresenta as minhas vivências e experiências como pessoa de origem popular, os desafios enfrentados ao longo de minha vida até ingressar numa Universidade Pública e as experiências como aluno de licenciatura em Ciências Biológicas tornando-se bolsista do Programa de Educação Tutorial PET/Conexões de saberes: Protagonismo Juvenil em Periferias Urbanas. Projeto que sigo desenvolvendo atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão e como foco: a escolarização de crianças e adolescentes em casas de acolhimento no município de João Pessoa, em que são elaboradas estratégias educacionais com os adolescentes em situação de vulnerabilidade social levando-os ao entendimento de que a educação é capaz de mudar suas histórias de vida.

¹ Graduando de Ciências Biológicas - Licenciatura Plena pela Universidade Federal da Paraíba.

As casas de acolhimento têm o propósito de acolher crianças e adolescentes que, de alguma forma, tiveram seus direitos violados. Nas casas, possuem uma equipe de educadores, entre eles: Assistentes sociais, Coordenadores e Pedagogos. Esses profissionais buscam assegurar a proteção integral dessas crianças e adolescentes que se encontram em situação de abandono, ameaça ou violação de direitos e que estejam afastados temporariamente de seu núcleo familiar ou comunitário de origem.

O artigo apresenta minha trajetória diante dos desafios acadêmicos, das inseguranças percorridas no processo, sobre o ser humano consciente que estou me tornando, devido ao que a educação está me proporcionando, as adversidades e à superação de se trabalhar e estudar ao mesmo tempo; apresenta ainda, como foram os obstáculos enquanto estudante universitário e bolsista no período pandêmico e como o projeto PET encaminhou-se, moldando e se refazendo com suas atividades mostrando que a educação pode sim romper os muros acadêmicos e chegar até as casas de acolhimento institucional, mesmo nesse período remoto.

O artigo possibilita mostrar minha visão sobre o que é a educação enquanto discente em processo de formação inicial docente, e objetiva essa proposta de induzir ao pensamento crítico e reflexivo sobre as ações de vivência de um estudante universitário oriundo de comunidade periférica e que busca uma oportunidade na vida acadêmica para mudar a sua realidade e das pessoas que estão a sua volta através da educação.

Meu processo enquanto estudante universitário, juntamente com as iniciativas do projeto PET ao qual me

possibilitou ter esse olhar humano e acolhedor, relatos aqui que norteiam o pessoal à vida acadêmica; seus desafios e sua grandiosa forma de transformação do sujeito; o texto relata esses caminhos e um pouco de meu protagonismo enquanto sujeito pensante e sonhador, pois como Paulo freire cita: "O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na histórica que fazemos e que nos faz e refaz".(FREIRE, 2003, p. 99).

1- Meu lugar de partida: João Pessoa - Paraíba

Me chamo Wagner da Silva Pereira, tenho 32 anos, e sou estudante em formação no curso de Licenciatura em Ciências biológicas. O caminho percorrido até aqui foi longo e enfrentei situações muito difíceis, mas que serviram de inspiração para alcançar o tão almejado sonho de entrar numa Universidade Pública num curso que sempre desejei.

Desde criança sempre fui um garoto curioso e que adorava o contato com a natureza, a brincadeira de infância preferida era montar uma escolinha, e sempre eu era o professor, uma paixão que foi dia a dia crescendo dentro de mim e fui tomando gosto por aquilo. Por ter sido criado em comunidade periférica, presenciava muitas pessoas não completarem sequer o ensino básico, sendo o trabalho a primeira opção destes que preferiam ter comida na mesa a livros na estante. Desse modo, sinto-me privilegiado por ter rompido este ciclo e apesar das poucas oportunidades e das limitações estabelecidas naquele cenário, consegui estudar e ter uma educação de qualidade.

Sempre enxerguei a educação como uma arma poderosa, transformadora de cidadãos críticos, melhorando a qualidade de vida das pessoas, construindo oportunidades de emprego e transformando também a vida das pessoas.

Ao conseguir meu primeiro emprego, a vontade de me formar sempre esteve presente todos os dias que eu levantava para ir ao trabalho, até que decidi estudar ainda mais para poder entrar na universidade e escolher o curso de meus sonhos. Comecei a fazer um cursinho vestibular após o trabalho, todos os dias, tive amigos que chegaram a rir de mim, mas eu não ligava, pois estava focado demais em meus objetivos, então, chegou o dia da prova do ENEM e lá estava eu, nervoso, com medo, mas focado; um misto de sentimentos, aliás, eu havia me preparado muito para aquilo, fiz a prova, o tempo passou e eu já não lembrava de conferir o resultado, Em uma tarde, durante o meu horário de almoço, minha colega, que fez o vestibular comigo, me falou a melhor notícia de minha vida, eu tinha conseguido uma vaga na universidade, só alegria foi nesse dia, e comemorei ao chegar em minha casa.

Entretanto, inesperadamente, a morte de meu pai veio logo em seguida, me abalou muito, pois não esperávamos uma morte tão rápida e sem conseguir entender o que aconteceria na minha vida, naquele momento, não tínhamos ideia de como seguir a vida após o que aconteceu. Quase tive que desistir, pois era ele quem sustentava a casa. Foi quando minha mãe falou que eu deveria seguir em frente, e que ela ficaria muito orgulhosa se eu enfrentasse tudo aquilo, assim, ingressei na universidade, porém

meu pai não estava presente para ver o sonho de nossa família, tornar realidade.

Tive que enfrentar uma jornada cansativa entre universidade e trabalho no comércio, minha mãe falou, “filho se esse é seu grande sonho, siga em frente e não olhe para trás, porque quando você estiver lá muitas portas se abrirão, então vá!” E foi o que eu fiz; hoje estou no 9º período da faculdade de licenciatura em Ciências Biológicas no turno noturno, no campus I, da UFPB, realizando um curso que me fez enxergar ainda mais o meu amor pela natureza e me ajudou a ser um cidadão mais consciente e conhecedor de meus direitos.

No percurso de realização do curso, um surto pandêmico atingiu o Brasil e o mundo com uma infecção viral, uma doença que acometeu milhares de pessoas no mundo inteiro, problemas respiratórios graves e vidas ceifadas com famílias sofrendo as dores das perdas de seus entes queridos. A Covid19² doença desconhecida fez com que todos os órgãos públicos ou até privados tomassem medidas preventivas e emergenciais para amenizar as graves consequências que estávamos enfrentando.

No dia 10 de abril de 2020, o curso de graduação da UFPB, suspendeu as atividades, inclusive à realização das matrículas dos semestres futuros durante o período em que vigorava a situação de emergência sanitária decorrente da pandemia provocada pelo COVID 19. Portanto, as atividades do PET/Conexões de saberes: protagonismo juvenil em periferias Urbanas, projeto em que atuei como

² Segundo o ministério da saúde A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

bolsista por aproximadamente três anos, as atividades desenvolvidas ficaram sendo realizadas de maneira remota e todo calendário das nossas ações foi reorganizado para se adequar a nova situação. Com o afastamento social, as atividades antes aplicadas presencialmente nas casas de acolhimento, passaram a ser realizadas de modo remoto. A casa tem esse propósito de acolher os adolescentes que de alguma forma tiveram seus direitos violados e estão lá para serem cuidados e protegidos buscam assegurar a proteção integral desses adolescentes e crianças que se encontram em situação de abandono, ameaça ou violação de seus direitos e que estejam afastados temporariamente de seu núcleo familiar ou comunitário de origem.

O Artigo 227 da Constituição Federal de 1988 diz que: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao lazer e à profissionalização, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.” Portanto, Foi justamente, o artigo 227 da constituição, que fez valer o estatuto da criança e do adolescente, mais conhecido como ECA onde foi um acontecimento e um ganho significativo na história do nosso país. Através desse estatuto, as crianças e adolescentes passaram a ser vistos como parte importante da sociedade, e visto, de fato, como sujeitos de direito e resguardados pelas leis brasileiras.

2- Experiência universitária em tempos de pandemia

As atividades antes aplicadas nas casas de acolhimento de forma presencial e ministradas por nós bolsistas, juntamente com os adolescentes passaram a acontecer remotamente por aplicativos e as atividades estão sendo desenvolvidas presencialmente pelas educadoras das próprias casas. Sem perder a sua qualidade e nosso empenho porque a educação não pode parar, ela se renova a cada dia e é assim que buscamos um mundo mais humano e igualitário.

Sobre os desafios e o meu papel enquanto estudante em formação docente, me fez refletir o papel do professor ante a tais transformações repentinas acerca desse período remoto. Libâneo (2011, p. 03) aponta que estes, "assumem uma importância crucial ante as transformações do mundo atual Num mundo globalizado, transnacional, nossos alunos precisam estar preparados para uma leitura crítica das transformações que ocorrem em escala mundial. Num mundo de intensas transformações científicas e tecnológicas, precisam de uma formação geral sólida, capaz de ajudá-los na sua capacidade de pensar cientificamente, de colocar cientificamente os problemas humanos.

Sabemos que essa pandemia pegou todo mundo de surpresa e com isso os desafios foram muitos, e tanto professores como alunos, tiveram que se reinventar, pois a realidade de estudantes e professores em um país cada vez mais desigual, educação está longe de ser superada. Os desafios que enfrentei nessa jornada acadêmica remota foram muitos: tive que procurar me realocar nesse modo novo de estudar e de aprender; o que não foi nada fácil

estava habituado de uma maneira e quando a pandemia veio tudo ficou diferente tive que reaprender a estudar de uma forma que não estava preparado e tudo quanto é novo gera medo, insegurança e desconforto.

Nesses dois anos de aula remota, a internet que não era das melhores, não carregava direito, a aula ficava oscilando, travando, sem contar na enxurrada de atividades para serem entregues, sem que possuísse equipamentos básicos para realizar tais tarefas; na maior parte do tempo, foram realizadas pelo meu aparelho de telefone pois o meu computador era velho e travava muito, sem contar que tinha que ter um local para estudar sabendo-se que em casa as distrações e barulhos eram constantes

As dificuldades, até a adaptação a esse novo ritmo, não foram fáceis, surgiu o medo, ansiedades que quase me fizeram desistir da universidade e do projeto, o medo de se contamina com a Covid19, ou alguém da minha família também, era muito grande e despertou gatilhos que eu não imaginava que poderia ter; essa pandemia veio pra dificultar ainda mais, pois o distanciamento das pessoas nos trazem a solidão, a sensação de que estava só e tudo isso mexe com o nosso psicológico pois ver as pessoas morrendo e sentindo dor era muito desagradável e não fazia sentido falar de educação e falar de um mundo melhor, justo e igualitária, sendo que lá fora as pessoas estavam sofrendo, então busquei organizar as ideias e viver um dia de cada vez, e da melhor forma que poderia, no momento, esperando dias melhores. Assim, essas foram as dificuldades enfrentadas nessa jornada acadêmica/ pandêmica remota.

3- Aprendizagens para a profissionalização

Quando decidi seguir a jornada acadêmica, já imaginava ter que participar de projetos educacionais que são de extrema importância para o currículo de um estudante universitário, porém, não fazia ideia da existência de um projeto pelo qual pudesse me identificar tanto e perceber neste, o quanto aquilo conversava com a minha história de vida, o quanto que aqueles trabalhos desenvolvidos eram a realização do que eu sonhava na infância. Quando descobri da existência do PET, tive o incentivo de pessoas muito queridas por mim, para que eu fosse em busca da vaga e que iria conseguir. Meio sem acreditar que era possível, tomei coragem e foi quando estive frente a frente com a Professora Quézia Vila Flor Furtado que é a coordenadora do projeto, a qual senti uma energia muito boa, algo dizia que era pra mim aquela vaga, a bolsa surgiu em um momento muito necessário na minha vida, mas, tinha algo maior naquele processo, eu estava, de fato, fazendo uma coisa que amo e passaria os dias, a partir daquele momento, feliz em poder mostrar a minha preparação de uma jornada de vida inteira.

A educação me possibilitou um novo olhar a outras perspectivas do que é ensinar e aprender ou de como ensinar e para quê ensinar. Paulo freire (2007, p.60-61) menciona que:

A educação deve trazer o educando para a vida, uma educação em que os professores são amorosos e comprometidos. A educação que se dá na "boniteza de ser gente", na qual o "ensinar e o aprender não podem dar-se fora da procura", fora da alegria.

Diante do que estamos vivendo atualmente com essa pandemia, as mudanças foram bastante significativas no meu processo enquanto professor em formação. A minha primeira experiência com um aluno foi no projeto, elaborar e discutir estratégias para formar planos de aula e sem contar as experiências adquiridas nas apresentações de trabalhos acadêmicos; então, isso para um jovem que está se formando docente é de extrema importância pois quando eu estiver lecionando, conseguirei lembrar do meu processo de formação e as diversas práticas que tive em meu caminho e que esse alicerce de conhecimentos, com as mais diversas áreas de atuação que esse projeto PET - Conexões de Saberes 'Protagonismos Juvenil em periferias Urbanas, me proporcionou e me enriqueceu, levarei comigo cada prática docente e isso se repercutirá na vida dos meus futuros alunos.

Dessa maneira, a Universidade juntamente com a iniciativa do PET, me possibilitou esse olhar mais humano e acolhedor, e que isso vai reverberar quando eu estiver de frente para meus alunos na sala de aula, pois a minha formação enquanto aluno no curso de biologia é ser um profissional mais questionador, e o que posso absorver como aprendizado de tudo isso que relatei para vocês até aqui, é que essa educação antes mecanizada foi quebrada de certa forma, porque em meio a tudo isso, esse novo jeito de aprender me possibilitou criar outros meios para que o conhecimento fosse adquirido e aproveitado da melhor forma possível, e que a pandemia, de certa forma, me possibilitou reinventar tanto nas minhas ações como estudante / bolsista, como também como me colocar ainda mais no lugar do outro. Consegui transformar as dificuldades,

da minha forma, ao meu favor, aprendendo a utilizar os meios tecnológicos não só como divertimento mais utilizando como uma ferramenta de trabalho e estudo aprendendo a me conectar.

Então, o distanciamento social me permitiu conhecer melhor e possibilitou algumas mudanças e meditações no meu âmbito pessoal e profissional. Contudo, acredito que a educação deve ser transformadora, não só na teoria, sim na atualidade e na vivência dos fatos ocorridos com o sujeito. Segundo Freire (1989, p.7), a “leitura do mundo precede a leitura das palavras”, por isso como estudante em formação não se pode ignorar ou deixar passar pois a visão de mundo de cada educando.

Da mesma forma, é preciso acreditar que a leitura que fazemos do universo simbólico, sobretudo por meio da Educação, tem potencial para transformar o indivíduo e a sociedade. Por tanto buscar realmente algo inovador no âmbito educacional esse distanciamento é o momento certo para nos reciclar de uma educação engessada para transformá-la a cada dia mais inovadora.

O conhecimento é capaz de transformar vidas e se utilizado devidamente, contribui significativamente para a construção de um mundo melhor. Trata-se de um processamento complexo e subjetivo da informação absorvida por um indivíduo. E o professor e escritor Paulo Freire ainda cita que “aprender é uma aventura criadora” (1996, p.28), e pelo qual, nos transforma em autores, em um permanente processo de construção do conhecimento que não é inexorável, mas é movimento de busca, construção e reconstrução do saber.

Considerações Finais

As experiências aqui relatadas, objetivaram mostrar e reforçar a importância que a educação tem proporcionado em minha vida acadêmica e pessoal, cujo propósito é transformar as nossas vidas e nos levar a lugares inimagináveis. Da minha entrada na universidade, ao curso dos meus sonhos, superei todos os desafios que uma pessoa de origem popular enfrenta ter acesso às oportunidades e, principalmente, a uma universidade pública e de qualidade.

Nesse percurso, surgiram oportunidades em minha vida acadêmica a exemplo da minha entrada no projeto PET Conexões de Saberes Protagonismos Juvenis em periferias urbanas, que foi um divisor de águas na minha vida, num período em que estava me sentindo deslocado e sem expectativas, passei no processo seletivo para bolsista e estou há três anos no projeto que me abriu uma visão do que significa a educação, e o fato de ser mediador educacional, constatei e reforcei meu encanto pela licenciatura; aprendi habilidades que no meu curso não me proporcionaria de fato.

A partir do projeto e suas intervenções junto às casas de acolhimento, as pesquisas que desenvolvemos, me conduziram a caminhos únicos e de qualidade, reforçando ainda mais minha trajetória como estudante e futuro professor. Portanto, o projeto foi, e ainda é, de extrema importância em minha vida acadêmica e como futuro profissional acredito que a educação é uma arma poderosa, pois ela é capaz de transformar a vida de quem se dispõe a encará-la. Ressaltamos neste IV volume, a nossa escrita e a

importância da educação para a transformação de vida desses sujeitos, e relevância que o projeto PET impactou na minha vida e na dos adolescentes e crianças de casa de acolhimento, ajudando na escolarização e interferindo com planejamentos pedagógicos, e de forma lúdicas, baseando-se na vivência de cada um e respeitando suas histórias de vida.

REFERENCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm.

BRASIL. Presidência da República. Art. 227. de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm Acesso em: 07. out. 2022.

CANDAU, Vera Maria. **A didática em questão**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: em reencontro com a pedagogia do oprimido**(15ª ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **A importância do ato de ler**. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação, Pedagogia e Didática: o campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade**.

_____. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.